



Universidades Lusíada

Boas, Bruno Capa Vilas

A literacia financeira no perfil de risco de um investidor : estudo da literacia financeira dos portugueses e a sua influência no perfil de risco de um investidor

<http://hdl.handle.net/11067/7588>

Metadados

Data de Publicação

2024

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar a influência da literacia financeira no perfil de risco de um investidor. Para atingir este objetivo é realizado um inquérito para avaliar os conhecimentos, comportamentos e atitudes financeiras dos indivíduos, para identificar os diferentes graus de literacia dos participantes, tal como identificar a situação financeira, os objetivos e as noções de investimentos para posteriormente se analisar e compreender, os vários perfis de risco. A metodologia ut...

This study aims to analyze the influence of financial literacy on an investor's risk profile. To achieve this objective, a survey is conducted to assess the financial knowledge, behaviors, and attitudes of individuals, in order to identify the different levels of literacy among participants, as well as to identify their financial situation, objectives, and investment preferences. Subsequently, the study analyzes and comprehends the various risk profiles. The methodology employed is a quantitativ...

Palavras Chave

Gestão, Literacia Financeira, Investidores, Risco, Finanças

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

no

Coleções

[ULF-FCEE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-10-02T07:14:58Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA
VILA NOVA DE FAMALICÃO

**A LITERACIA FINANCEIRA NO PERFIL DE RISCO
DE UM INVESTIDOR:**

**Estudo da Literacia financeira dos portugueses e a sua
influência no perfil de risco de um investidor**

Bruno Capa Vilas Boas

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Gestão

Vila Nova de Famalicão – Abril de 2024



UNIVERSIDADE LUSÍADA
VILA NOVA DE FAMALICÃO

**A LITERACIA FINANCEIRA NO PERFIL DE RISCO DE UM
INVESTIDOR:**
**Estudo da Literacia financeira dos portugueses e a sua
influência no perfil de risco de um investidor**

Bruno Capa Vilas Boas

Orientador: Prof^a. Doutora Isabel Maria Machado Oliveira

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Gestão

Agradecimentos

Em primeiro lugar, o principal agradecimento é feito a Deus por me dar forças para acabar a dissertação. Em seguida, aos meus pais e a minha irmã, pelo amor e educação que me proporcionaram, bem como todo o esforço e dedicação que sempre tiveram, para que tudo isto fosse possível.

Um agradecimento muito especial à Professora Isabel Oliveira, pela sua excelente orientação. Toda a disponibilidade demonstrada da sua parte, bem como todo o seu conhecimento foram importantíssimos para a elaboração desta dissertação.

Prolongo os meus agradecimentos à Universidade Lusíada de Famalicão, e a todos os docentes que me acompanharam ao longo do meu percurso académico, por toda a sua excelência no ensino.

Por fim, como não podia deixar de ser, agradeço aos meus colegas e amigos. Pela ajuda, apoio e por me fazerem acreditar, que tudo é possível basta querer.

Índice

Agradecimentos	III
Índice	IV
Índice De Figuras	V
Índice De Tabelas	VI
Resumo	VII
Abstract.....	VIII
1. Introdução.....	1
2. Revisão De Literatura.....	4
2.1 O Conceito De Literacia Financeira	4
2.2. Finanças.....	8
2.2.1 Finanças Pessoais	8
2.2.2 A Teoria Comportamental No Contexto Da Tomada de Decisão Sobre Investimentos.....	9
2.3. Mercado Financeiro.....	15
2.3.1 Investimentos Alternativos	18
2.3.2. Literacia Financeira Em Portugal	20
2.4 O Perfil de Risco De Um Investidor.....	29
2.4.1 Noção De Risco Num Investimento	30
2.4.2 Metodologia De Análise Do Perfil Do Investidor	33
2.4.3 Atividade Profissional E Os Rendimentos	36
3. Metodologia.....	38
4. Análise E Discussão Dos Resultados	49
4.1. Amostra.....	49
4.2 Analise Estatística	59
5.Conclusões.....	74
6.Bibliografia.....	882

Índice De Figuras

Figura 1 Relações entre as vertentes financeiras básicas segundo Pires (2007)	8
Figura 2 Modelo do portfólio moderno	11
Figura 3 Curva de valores hipotéticos da teoria da perspectiva segundo Kahneman e Tversky (1979)	14
Figura 4 Evolução da bitcoin.....	19
Figura 5 Gráfico de ‘ranking’ do bem-estar financeiro segundo a Intrum	25
Figura 6 Proporção dos consumidores que dizem ter nos passados 6 meses, incorrido em empréstimos ou terem atingido o limite do cartão de créditos, segundo a Intrum	26
Figura 7 Rendimento disponível bruto das famílias per capita (PPS) em 2020 segundo a Pordata	27
Figura 8 Taxa da poupança anual das famílias em percentagem em 2020 segundo a Pordata	27
Figura 9 Rendibilidades históricas para a carteira de referência de cada perfil de risco segundo o Banco Invest.....	36
Figura 10 Género.....	49
Figura 11 Idade.....	50
Figura 12 Residência	51
Figura 13 Rendimento mensal líquido da família	51
Figura 14 Escolaridade	52
Figura 15 Situação laboral dos participantes no inquérito	53
Figura 16 Situação familiar	56
Figura 17 Habitação.....	56
Figura 18 Adultos no agregado familiar.....	57
Figura 19 Dependentes no agregado familiar.....	57
Figura 20 Responsabilidade nas decisões financeiras	57
Figura 21 Literacia financeira dos participantes	60
Figura 22 Perfil de risco dos participantes.....	60

Índice De Tabelas

Tabela 1 Estrutura do Inquérito	39
Tabela 2 Teste de significância individual	47
Tabela 3 Distribuição do género pelos diferentes perfis	50
Tabela 4 Distribuição das idades pelos diferentes perfis de risco	50
Tabela 5 Rendimento mensal líquido da família distribuído pelos perfis de risco.....	52
Tabela 6 Escolaridade distribuída pelos diferentes perfis de risco.....	53
Tabela 7 Literacia financeira pela situação laboral e nível de escolaridade.....	54
Tabela 8 Perfil de risco pela situação laboral e nível de escolaridade	55
Tabela 9 Análise descritiva.....	60
Tabela 10 Covariância	61
Tabela 11 Regressão linear múltipla de literacia financeira com idade, sexo e situação laboral.....	62
Tabela 12 Tabela de regressão linear múltipla: literacia financeira vs. escolaridade, situação laboral, e preferência risco e rendibilidade.....	63
Tabela 13 Tabela de regressão linear múltipla: literacia financeira vs. fatores financeiros	64
Tabela 14 Regressão linear múltipla: literacia financeira vs. fatores financeiros e preferência de risco.....	66
Tabela 15 Regressão linear múltipla: perfil de risco vs. características pessoais e situacionais	67
Tabela 16 Regressão linear múltipla: perfil de risco vs. comportamentos e valores financeiros	68
Tabela 17 Regressão linear múltipla: perfil de risco vs. conhecimentos voltados para os investimentos financeiros	69
Tabela 18 Análise dos componentes principais.....	71

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar a influência da literacia financeira no perfil de risco de um investidor. Para atingir este objetivo é realizado um inquérito para avaliar os conhecimentos, comportamentos e atitudes financeiras dos indivíduos, para identificar os diferentes graus de literacia dos participantes, tal como identificar a situação financeira, os objetivos e as noções de investimentos para posteriormente se analisar e compreender, os vários perfis de risco. A metodologia utilizada é uma pesquisa quantitativa e uma amostragem não probabilística por conveniência, com recurso ao inquérito por questionário online com perguntas relacionadas com os dois temas. Para o tratamento estatístico e estimação dos modelos é utilizado o E-Views.

Hoje é importante para um individuo realizar boas escolhas financeiras e fazer uma boa gestão do seu dinheiro para conseguir viver de uma forma estável. Este estudo é relevante porque pretende medir, o nível de literacia dos participantes. Posteriormente compara-se o nível de educação e conhecimentos, com o tipo de investidor, para perceber os fatores influenciadores da literacia financeira ou outros no tipo de investimento.

Conclui-se que a grande maioria dos inquiridos apresenta uma fraca literacia financeira e um perfil de risco moderado. A literacia financeira é de grande importância para o perfil de risco, mas apenas os conhecimentos financeiros voltados para os investimentos foram dados como influenciadores. Como a maior parte dos participantes tem uma fraca educação financeira e não tem objetivos financeiros bem definidos, os valores e os comportamentos financeiros nada influenciaram no perfil de risco porque não estavam de acordo com o investimento pretendido.

Em suma, este estudo destaca a importância da literacia financeira na tomada de decisões de investimento e sugere que o conhecimento financeiro adequado pode melhorar os resultados financeiros dos investidores.

Palavras-Chave: Literacia financeira; Perfil de risco; Conhecimentos financeiros; Comportamentos financeiros; Atitudes financeiras; Investidor; Risco; Finanças;

Abstract

This study aims to analyze the influence of financial literacy on an investor's risk profile. To achieve this objective, a survey is conducted to assess the financial knowledge, behaviors, and attitudes of individuals, in order to identify the different levels of literacy among participants, as well as to identify their financial situation, objectives, and investment preferences. Subsequently, the study analyzes and comprehends the various risk profiles. The methodology employed is a quantitative research approach using a non-probabilistic convenience sampling method, with an online questionnaire survey related to the two subjects. E-Views is used for statistical analysis and model estimation.

Today, it is important for an individual to make sound financial choices and effectively manage their money to lead a stable life. This study is relevant because it intends to measure the participants' level of financial literacy. Subsequently, it compares the level of education and knowledge with the type of investor to understand the influencing factors of financial literacy or other aspects in the type of investment.

It is concluded that the majority of respondents exhibit low financial literacy and a moderate risk profile. Financial literacy plays a significant role in the risk profile, but only financial knowledge related to investments was identified as an influencing factor. Since most participants have limited financial education and undefined financial goals, values and financial behaviors had no impact on the risk profile because they were not aligned with the intended investment.

In summary, this study highlights the importance of financial literacy in investment decision-making and suggests that appropriate financial knowledge can enhance investors' financial outcomes.

Keywords: Financial literacy, Risk profile, Financial knowledge, Financial behaviors, Financial attitudes, Investor, Risk, Finance.

1. Introdução

No presente capítulo introduzem-se os objetivos da presente dissertação e sua relevância, uma abordagem à metodologia utilizada efetuar e, apresenta-se a estrutura deste trabalho.

1.1. Questões de investigação e objetivos de estudo

A literacia financeira é um elemento crucial para alcançar o sucesso no mundo dos investimentos. Esse conceito refere-se ao conhecimento e habilidades necessárias para gerir as finanças pessoais e tem sido associado a decisões financeiras mais sólidas e resultados positivos. Contudo, sua interligação com o comportamento de investimento e o perfil de risco ainda não foi suficientemente explorada. O presente trabalho tem como objetivo suprir essa lacuna, focando especificamente na influência do nível de literacia financeira no perfil de risco que os investidores estão dispostos a adotar.

A avaliação do perfil de risco de um investimento é baseada em questões relacionadas com a tolerância a perdas, horizonte temporal e preferências em relação aos riscos e rendibilidades. A literacia financeira, por sua vez, é avaliada através de perguntas que abordam o conhecimento financeiro básico e o comportamento de planeamento financeiro.

Há um consenso de que investidores bem instruídos financeiramente estão mais capacitados para tomar decisões informadas e fundamentadas sobre como investir seu dinheiro, sobretudo considerando o perfil de risco. O propósito deste estudo é explorar a relação entre a literacia financeira e o perfil de risco do investidor.

A revisão de literatura apresenta os conceitos mais relevantes relacionados à literacia financeira e ao perfil de risco de um investidor, fornecendo uma base teórica sólida para a análise dos dados coletados no estudo.

Para alcançar tal objetivo, analisa-se uma amostra de 105 participantes sob questionário online, para perceber o nível de literacia financeira e os perfis de risco dos mesmos e esses dados foram posteriormente comparados para perceber se há relação entre os dois.

O questionário está estruturado em duas partes onde se pretende perceber os conhecimentos, comportamentos e valores que os participantes no estudo tem em relação à gestão financeira e outras questões sobre investimentos, tais como conhecimentos e objetivos, preferências entre risco e rendibilidades, horizontes temporais, entre outras. As respostas são depois avaliadas segundo uns critérios base retirados de outros inquéritos semelhantes para se ver quais os diferentes níveis de literacia (muito fraca, fraca, media e boa) e os diferentes perfis de risco (conservador, moderado e dinâmico).

Os resultados obtidos a partir dessa análise proporcionaram informações de como a literacia financeira pode influenciar a capacidade de um investidor para avaliar e gerir riscos, além de revelar sua propensão para assumir riscos em diferentes cenários financeiros. De modo geral, este estudo visa aprofundar a compreensão dos fatores que moldam o perfil de risco do investidor.

A partir dessas análises, obtém-se insights significativos sobre como o nível de conhecimento financeiro pode afetar diretamente a tomada de decisões financeiras e, por consequência, o desempenho dos investimentos. A relevância desse estudo reside na sua contribuição para o desenvolvimento de estratégias e políticas mais efetivas para promover a literacia financeira e auxiliar os investidores na gestão consciente e eficiente dos seus recursos financeiros.

A relevância deste estudo dá-se quando num país com uma escolaridade alta, a literacia financeira fica para trás. Torna-se importante analisar os tópicos e problemas específicos que mais afetam a sociedade nesse sentido. É também valioso comparar essas questões com o tipo de investidores que os participantes representam, a fim de obter insights sobre quais fatores são mais influentes em suas preferências de risco e retorno. Essa compreensão pode servir como base para encontrar soluções eficazes para enfrentar esses desafios. Esta dissertação enfatiza a necessidade de identificar as principais questões que afetam a tomada de decisões financeiras e como essas questões se relacionam com as escolhas dos investidores em termos de risco e retorno, orientando esforços na procura de soluções para esses problemas.

1.2. Estrutura do estudo

O presente documento encontra-se estruturado em cinco capítulos.

No capítulo um realiza-se uma introdução sobre a relevância e os objetivos da investigação

O segundo capítulo é uma revisão abrangente da literatura relacionada ao tema da dissertação. Começa com a seção 2.1, que explora o conceito de literacia financeira. Em seguida, abordamos finanças (2.2), incluindo finanças pessoais (2.2.1) e a teoria comportamental na tomada de decisões sobre investimentos (2.2.2). Continuamos com o mercado financeiro (2.3) e investimentos alternativos (2.3.1). Além disso, discutimos a literacia financeira em Portugal (2.3.2). Por fim, analisamos o perfil de risco de um investidor (2.4), incluindo a noção de risco em investimentos (2.4.1), a metodologia de análise do perfil do investidor (2.4.2) e como a atividade profissional influencia os rendimentos (2.4.3).

No terceiro capítulo, descrevemos detalhadamente a metodologia que utilizamos na pesquisa, incluindo os objetivos, questões e hipóteses de pesquisa, bem como a identificação das variáveis independentes e dependentes usadas nos modelos a serem analisados.

O quarto capítulo é dedicado à análise e à discussão dos resultados. Incluímos uma seção sobre a amostra (4.1) com informações detalhadas sobre os dados coletados. Em seguida, realizamos análises estatísticas (4.2) para compreender melhor os participantes e os resultados de suas respostas.

No quinto capítulo, apresentamos as conclusões que resultaram da pesquisa. Identificamos as limitações da análise empírica e fornecemos recomendações para pesquisas futuras.

Esta estrutura segue a progressão lógica do seu trabalho e fornece uma visão geral clara dos principais tópicos abordados.

2. Revisão De Literatura

Neste capítulo, é realizada uma revisão de literatura sobre o tema em estudo com a apresentação dos conceitos mais relevantes.

2.1 O Conceito De Literacia Financeira

Para uma melhor compreensão do conceito literacia Financeira, é necessário entender alguns conceitos subjacentes, tais como educação, literacia e finanças, no contexto individual e geral. Posteriormente é analisado as várias definições de literacia Financeira, pois não existe uma definição consensual entre os diversos autores, embora sejam todas muito semelhantes.

A palavra Educação provém do latim *educatiōne*, e define-se como: “1- processo que visa o pleno desenvolvimento intelectual, físico e moral de um indivíduo (sobretudo na infância e na juventude) e a sua adequada inserção na sociedade, 2 - Conjunto dos princípios, valores e normas de conduta socialmente transmitidas que estruturam a personalidade de um indivíduo, 3 - Instrução. 4 - Conjunto de conhecimentos ou aptidões assim adquiridas (...)”. Assim, percebemos que a educação está associada ao desenvolvimento do conhecimento, económico e social, sendo um processo sem fim, inacabável. (*Dicionário Infopédia Da Língua Portuguesa*, 2022).

A palavra Literacia advém do latim *litterātu-*, «culto; sábio» e define-se como a “capacidade de ler e escrever (alfabetismo), bem como a capacidade de usar a leitura e a escrita como forma de adquirir conhecimentos, desenvolver as próprias potencialidades e participar ativamente na sociedade”. A expressão literacia sugere letramento, porém a sua extensão é ampla e transcende a capacidade da leitura, escrita e cálculos matemáticos, aproximando-se mais da definição de pensar, traduz-se como a capacidade de aprender e de usar essas competências aprendidas para pensar e desenvolver raciocínios (*Dicionário Infopédia Da Língua Portuguesa*, 2022).

As Finanças são definidas como a arte e a ciência da gestão do dinheiro, são um conjunto de conceitos que ajudam a organizar o pensamento das pessoas e organizações, assim como também poderá ser um conjunto de modelos quantitativos para ajudar as famílias e as empresas a tomarem decisões, avaliar alternativas e implementá-las, pois, praticamente todos os indivíduos e organizações estão envolvidos com atividades financeiras, pois

constantemente, recebem, levantam, gastam e investem dinheiro. Além disso, a área de finanças preocupa-se com os processos, as instituições, os mercados e os ativos associados à transferência de dinheiro entre indivíduos, empresas e órgãos governamentais. O campo das finanças está relacionado com o da economia, pois os administradores financeiros precisam estar atentos ao ambiente económico e tendências do mercado, utilizando as teorias económicas de forma eficiente nas empresas (L. Gitman, 2010).

Pode-se desde já concluir, muito resumidamente, que a literacia financeira envolve a capacidade de tomar decisões financeiras informadas, além de incluir conhecimentos e o entendimento de novos conhecimentos sobre assuntos como investimentos, juros, crédito e dívidas. Esta envolve também o entendimento das consequências positivas e negativas que as decisões financeiras podem ter no curto e no longo prazo.

Sendo que a literacia financeira abrange diversos tópicos, como as finanças pessoais, as finanças empresariais, os mercados financeiros, os investimentos e a gestão do orçamento. O conhecimento destes temas ajuda a tomar decisões informadas e conscientes sobre questões financeiras.

A definição de literacia financeira mais citada internacionalmente é a que foi introduzida por Schagen (1997), a literacia financeira é a capacidade de fazer julgamentos informados e tomar decisões concretas tendo em vista a gestão do dinheiro. Nos últimos anos tem sido vários os autores e também organizações internacionais que trabalham na área da literacia financeira e estes tem vindo a introduzir outras definições não muito distintas, e são de salientar as seguintes definições de literacia financeira (Banco de Portugal, 2010):

- Capacidade de leitura, análise, gestão e comunicação dos diversos problemas financeiros que se colocam diariamente ao nível do bem-estar material dos cidadãos. Tal inclui a aptidão para discernir sobre as diversas escolhas financeiras, discutir assuntos financeiros sem qualquer desconforto, planear o futuro em termos financeiros, ou ainda responder competentemente a eventos que ocorrem no quotidiano e que afetam as decisões financeiras (Vitt et al., 2000);
- Compreensão sobre os princípios de mercado, ativos, organizações e regulação; (Financial Industry Regulatory Authority, 2003)
- Competência e aptidão para utilizar os conhecimentos adquiridos na área financeira (Moore, 2003).

- Capacidade de avaliar novos e complexos ativos financeiros e tomar decisões informadas relativamente à seleção e utilização desses ativos de modo a melhor satisfazer objetivos de longo prazo; (Mandel, 2007).
- Conhecimento e compreensão dos conceitos financeiros e competência, motivação e confiança para aplicar esses conhecimentos, visando tomar decisões concretas em vários contextos financeiros e melhorar o bem-estar financeiro de indivíduos e da sociedade. (OECD, 2013)

Segundo Atkinson & Messy (2012), a literacia financeira está sendo rapidamente reconhecida como uma habilidade para os consumidores que estão inseridos em um cenário financeiro cada vez mais complexo. Portanto, não é surpresa que os governos a mundialmente procuram abordagens eficazes para melhorar o nível de literacia financeira da população. Para tal, implementam estratégias de educação financeira para proporcionar oportunidades de aprendizagem ao longo da vida de uma pessoa.

Consoante o Banco de Portugal (2019), é possível identificar algumas consequências da iliteracia financeira, como:

- A má avaliação das necessidades de poupança para o futuro, havendo também dificuldade em compreender o grau de risco das aplicações.
- Os fracos conhecimentos financeiros levam a que se tomem decisões erradas de gestão do orçamento familiar, entre receitas, despesas e poupança, além de abrir portas à contratação de produtos desajustados da finalidade do financiamento
- Há o risco de se optar por produtos com encargos relativamente mais elevados do que o necessário, ou de recorrer em excesso ao crédito, originando o risco de sobre-endividamento.
- Uma maior vulnerabilidade a esquemas ilícitos. Um risco que se aplica a organizações e pessoas com pouca literacia financeira. (Banco BNI Europa, 2019)

O Banco Mundial (2014) num estudo elaborado em conjunto com a George Washington University e a Standard & Poor's referem que “a ignorância financeira acarreta custos significativos”. (in Klapper & van Oudheusden, 2015).

O relatório de 2014 do Banco Mundial mostra que os consumidores que menos entendem o conceito de juros compostos têm mais despesas, acumulam mais dívidas e pagam taxas de juros mais altas nos seus empréstimos, além de pouparem menos. Por outro lado, aqueles que revelam conhecimentos sólidos sobre o mundo financeiro programam melhor as suas reformas e diversificam mais os seus investimentos (Klapper & van Oudheusden, 2015).

Apesar de todos reconhecerem a importância da literacia financeira, o mundo atual não está preparado para os dados do contexto atual: apenas uma em cada três pessoas pode ser considerada “alfabetizada” no que a conhecimentos financeiros diz respeito (Klapper & van Oudheusden, 2015).

Também Monticone ao analisar os determinantes da literacia financeira, apresenta resultados que mostram que os indivíduos mais ricos, ou com maior poder financeiro, apresentam maior probabilidade de investir na aquisição de conhecimento, nomeadamente em conhecimento financeiro. O autor assume ainda que a disposição para obter conhecimento financeiro é influenciada pelas preferências individuais de tempo e também pelas perspetivas para o futuro. Assim, o autor sugere que o nível de riqueza financeira varia positivamente consoante o nível de literacia financeira e defende, ainda, que é necessário reforçar a educação, obter maior acesso a aconselhamento financeiro e fomentar uma maior transmissão e transparência de informação por parte das instituições financeiras, especialmente para os consumidores mais vulneráveis (Monticone, 2010).

A Future Proof Wealth Advisor, uma empresa de aconselhamento financeiro cujo objetivo é promover a literacia Financeira dos investidores e dos participantes de mercado e o seu autoconhecimento alega que, *“Tomar decisões acertadas e criteriosas depende do nível de conhecimento e experiência que se tem de tudo o que envolve o mundo financeiro. A aposta na literacia financeira é essencial para gerir as finanças pessoais e empresariais.”* — (Future Proof Wealth Advisors, 2019) Isto é, ter uma forte compreensão das suas finanças é essencial para tomar decisões monetárias sólidas, pois a inflação está sempre a aumentar e os rendimentos podem não ser suficientes para o levar à reforma ou mesmo para sustentar a sua família diariamente. Compreender a sua situação financeira ajuda tanto a acompanhar a inflação como a poupar dinheiro, e ter um plano bem pensado pode ajudá-lo a fazer com que o seu dinheiro trabalhe para si.

2.2. Finanças

As finanças são uma área de estudo que se concentra na gestão de riscos e recursos financeiros. Envolve decisões sobre como gastar dinheiro, a fim de obter uma rentabilidade sobre o investimento. Estas decisões envolvem sabedoria em áreas como o investimento, a gestão de património, o financiamento de capital, entre outras.

As finanças, por norma, dividem-se pelas seguintes categorias principais: finanças corporativas, finanças públicas e finanças pessoais.

2.2.1 Finanças Pessoais

Esta dissertação alinha-se mais às finanças pessoais, apesar de serem apenas uma das vertentes financeiras básicas (Figura 1), são as mais cruciais para o cotidiano de um indivíduo e para a compreensão do tema literacia financeira. O indivíduo tem que planear conscientemente os rendimentos e os gastos, considerando também a possibilidade de risco futuro. As Finanças pessoais são um conceito abrangente que engloba qualquer atividade financeira realizada por pessoas individuais. Esta é uma área de estudo muito importante que ajuda as pessoas a gerir as suas finanças e a atingir os seus objetivos financeiros. É importante que as pessoas saibam sobre finanças pessoais para poderem fazer escolhas informadas, alcançar os seus objetivos e alcançar a sua segurança financeira.

Segundo (Valdemir Pires, 2007, p.), “as finanças pessoais têm por objeto de estudo e análise as condições de financiamento das aquisições de bens e serviços necessários à satisfação das necessidades e desejos individuais.” Para Pires (2007) o real problema das finanças é como ganhar bem e como gastar bem. Numa economia baseada em moeda e

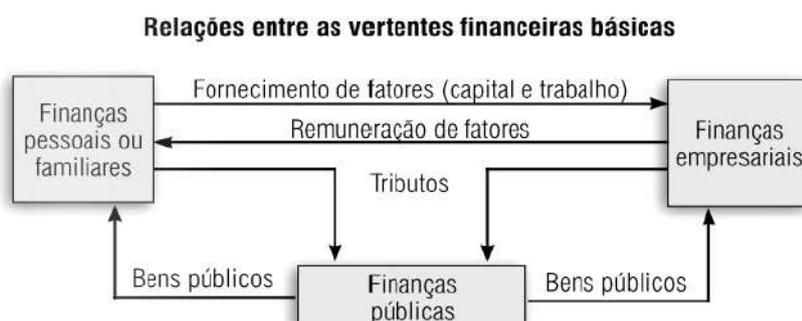


Figura 1 Relações entre as vertentes financeiras básicas
Segundo Pires (2007)

crédito, as finanças pessoais compreendem a gestão do dinheiro, próprio e de terceiros, para obtenção de acesso a mercadorias e recursos. Cada pessoa é diariamente obrigada a realizar uma quantidade enorme de compras para abastecer-se do que precisa para viver; em contrapartida, deve realizar vendas (incluindo a força do trabalho) para equilibrar a relação que têm entre o que gastam e o que ganham, esse equilíbrio é então as finanças pessoais.

Para as finanças pessoais a primeira máxima é enriquecer e a segunda é, não empobrecer. Ou seja, o grande objetivo é alcançar a independência financeira e se não for possível é reduzi-lo ao máximo possível. Desta máxima surge a importância que os investimentos têm em cada indivíduo sendo um dos maiores problemas nas finanças (Pires, 2007). Conforme (Gitman e Joehnk (2005), um investimento é basicamente qualquer ativo financeiro que exista a expectativa de geração de rentabilidade positiva, não precisando necessariamente de valorizar diretamente, mas com o objetivo de criar valor.

2.2.2 A Teoria Comportamental No Contexto Da Tomada de Decisão Sobre Investimentos

Não se pode falar de finanças comportamentais sem abordar a Teoria Clássica da Perspetiva. Esta teoria é uma crítica ao modelo conhecido e utilizado anteriormente, HME (Hipótese de Eficiência de Mercados de capitais), que considera que todos os indivíduos que agiam no mercado financeiro o faziam utilizando plenamente a sua racionalidade e toda a informação disponível para mensurar o risco e a rentabilidade. Nesta teoria foi mostrado que os indivíduos fazem diferentes escolhas quando há risco de perdas ou ganhos, além da ausência de racionalidade total (Macedo, 2003) citado de (Oliveira & Lencini, 2019).

Os fundamentos da Teoria das Finanças Modernas, tais como a Teoria da Carteira (MPT) proposta por Markowitz (1952, 1959), a Hipótese da Eficiência do Mercado de Capitais (HEM) apresentada pela Fama (1970) e o Modelo de Preços de Ativos de Capital (CAPM) inicialmente produzido pela Sharpe (1963, 1964), baseiam-se na premissa de que os investidores são racionais e avessos ao risco. Para maximizar o seu bem-estar, é utilizada a curva de utilidade. Durante as duas últimas décadas, a Teoria das Finanças Modernas tem coexistido com o que Haugen (1995 e 1999) chamou “As Novas Finanças”. Os defensores das Novas Finanças tentam mostrar que os mercados nem sempre se comportam da mesma

forma que a teoria sugere, quer devido à informação assimétrica, quer porque os decisores/investidores não têm a mesma visão do mercado. Isto é uma consequência dos conhecimentos de Kahneman e Tversky (Castro J., F. H. F., & Famá, R.,2002).

Markowitz (1952) preocupa se especialmente com o segundo estágio desse processo de decisão, a rendibilidade e propõe o seu modelo de seleção de carteiras, que agora é o modelo amplamente adotado. Markowitz (1952) parte da simples ideia de que todo investidor lida com duas incertezas no processo de investimento: a rendibilidade esperada e o risco. Estas duas variáveis são essenciais na seleção de uma carteira, e que a rendibilidade é o fator desejável pelo investidor e a variância, medida do risco, é o fator indesejável (Castro J., F. H. F., & Famá, R.,2002).

O modelo MPT (MPT – Modern portfolio theory), desenvolvido por Markowitz, é uma teoria sobre como os investidores avessos ao risco podem construir carteiras para maximizar a rendibilidade esperado face a um determinado risco, procuram assim carteiras ou investimentos eficientes (Castro J., F. H. F., & Famá, R.,2002).

A gestão de carteiras está associada à gestão do risco, a relação que os ativos têm entre si e os efeitos de diversificação que esta relação pode gerar, bem como maiores rentabilidades associados à tomada de mais riscos.

Markowitz demonstrou como os investidores podem utilizar o princípio da diversificação para obter melhorias na relação rendibilidade/risco das suas carteiras de investimento, contrariando o pensamento dominante da época de que a melhor opção para a composição da carteira consistia na concentração de investimentos em ativos, que ofereciam as maiores rendibilidades.(Leote et al., 2019)

A teoria de portfólio moderno (MPT) (Figura 2), ainda atualmente é utilizada, pois possibilita o cálculo do risco de uma carteira de investimentos, independente dos tipos de ativos presentes nela, permite determinar o nível de risco para um certo nível de rendibilidade, sendo utilizada para aumentar rendibilidade esperada, a partir de determinado nível de risco (Leote et al., 2019). Esta parte do princípio de que o investidor é racional e que prefere ativos com menos risco e mais rendibilidade seguindo o princípio da dominância que explica que para um mesmo risco o investidor escolhe o investimento de maior rendibilidade esperado. Foi criada com o propósito de possibilitar os investidores que não gostam de riscos, pelo que procuram carteiras que maximiza a rendibilidade esperada face a determinado risco, são assim carteiras eficientes.

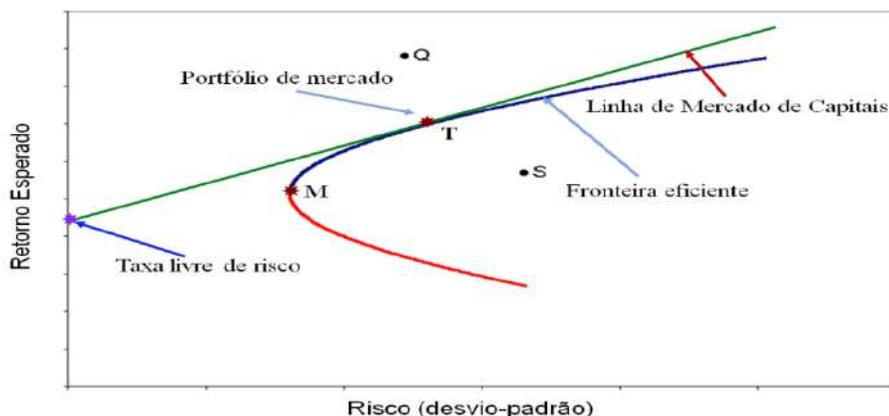


Figura 2 Modelo do Portfólio Moderno

Markowitz aspira encontrar a carteira/portfólio ótima do investidor, onde primeiro é feita uma análise dos títulos, depois das carteiras com os vários títulos e por fim são selecionadas as carteiras.

Ou seja, é calculada a relação de rentabilidade e risco de cada ativo que comporá uma carteira. Depois a rentabilidade da carteira é calculada através da soma ponderada da rentabilidade dos ativos que o compõem e o risco é mensurado por meio de uma função das variâncias e correlações dos ativos analisados. Esta análise gera um gráfico no qual Y é a rentabilidade e X é o risco. O modelo de gráfico é chamado de bullet point, Figura 2, porque a sua estética remete ao formato de uma bala, por ser uma curva hiperbólica ascendente.

Sharpe (1963), com base na teoria de seleção de carteiras de Markowitz, desenvolveu o CAPM que é um modelo de precificação de ativos que mostra que as taxas de rentabilidade em equilíbrio dos ativos com risco são uma função das suas covariâncias com a carteira de mercado. O modelo assume alguns pressupostos:

- Os investidores são avessos ao risco e procuram maximizar a utilidade esperada da sua riqueza;
- Os investidores possuem expectativas homogêneas a respeito das rentabilidades dos ativos;
- Existe um ativo livre de risco que permite aos investidores tomarem emprestado ou emprestar qualquer quantia a essa taxa;
- A quantidade de ativos é fixa e todos são perfeitamente negociáveis e divisíveis;

- Os mercados são sem atrito e a informação tem custo zero e está simultaneamente disponível para todos os investidores;
- Não há imperfeições de mercado, como impostos ou restrições a vendas a descoberto.

Constata-se que os pressupostos adotados pelo CAPM são demasiado irreais para serem aplicadas num mundo real, cheio de imperfeições e assimetria nas informações, nomeadamente a existência de impostos, em que nem todos os investidores têm expectativas iguais.(Campina & Teixeira, 2017).

No início da década de 1970, baseado em algumas evidências empíricas, Eugene Fama lançou a Hipótese de Eficiência de Mercado (HEM), afirmando que os preços dos títulos não variam de forma aleatória, mas refletem, na verdade, todas as informações disponíveis a seu respeito. Como pressupostos da HEM, o mercado é eficiente se:

- Não há custos de transações;
- Toda informação existente está disponível a custo zero para todos os participantes do mercado; e
- Todos têm a mesma percepção da implicação da informação para o preço corrente e para a distribuição de preços futuros.(Campina & Teixeira, 2017)

Segundo FAMÁ (1991), a HEM deve ser testada em conjunto com um modelo de avaliação de ativos. Sendo assim, a eficiência de mercados fica ainda mais difícil de ser testada e, por conseguinte, comprovada (ou refutada), ao tratar-se de testar uma hipótese conjunta, ou seja, a HEM e a hipótese de que o CAPM é um bom modelo. Quando são encontradas anomalias, fica-se sempre na dúvida se há ineficiência de mercados ou se o modelo de precificação apresenta falhas.(Campina & Teixeira, 2017)

Recentemente, as provas empíricas foram contra a ideia de que os mercados económicos são eficientes. Além disso, a psicologia tornou-se mais proeminente nas finanças, o que deu origem a Finanças Comportamentais. Este campo de estudo considera o

elemento humano dos decisores financeiros, que como seres humanos são propensos a preconceitos que os podem afastar de uma decisão racional. Kahneman e Tversky(1979) estiveram na vanguarda destes estudos, rejeitando a noção da teoria da utilidade racional esperada da tomada de decisões, o que levou posteriormente a teoria de Richard Thaler e Cass Sunstein (2008).

A teoria clássica da economia pressupõe que as pessoas são racionais. Tomam decisões com base nas informações disponíveis e escolhem a opção que melhor se adequa. No entanto, segundo a Teoria da Perspetiva de Kanehman e Tversky (1979), o “indivíduo é avesso ao risco para ganhos, mas é propenso ao risco para perdas. Uma pessoa avessa ao risco é aquela que prefere a certeza de um ganho x a qualquer prospeto de risco cujo ganho esperado seja x . Para o prospeto das perdas, as pessoas preferem até arriscar de perder uma quantia maior que x , se tiveram ainda a possibilidade de não perder nada, ao invés da certeza de perder x ”. Isto pode ser claramente mostrado por um dos experimentos iniciais realizados nos seus estudos (Kanehman e Tversky, 1979). Cit. de (Oliveira & Lencini, 2019)

A Teoria da Perspetiva pode ser facilmente compreendida. Quando apresentada com duas opções, a maioria das pessoas escolherá aquela que garante um lucro líquido. Por exemplo, quando lhes for perguntado se preferem ganhar 3.000,00 euros com 100% de probabilidade ou 80% de probabilidade de ganhar 4.000,00 euros, a grande maioria optará pela primeira opção. Por outro lado, quando lhes for dada a opção de perder 3.000,00 Euros com certeza ou ter 80% de probabilidade de perder 4.000,00 Euros, a maioria aceitará o risco da maior perda potencial, a fim de evitar a perda garantida de 3.000,00 Euros. Isto demonstra que as pessoas tendem a ser mais avessas às perdas do que ao risco quando se trata das suas finanças, ou seja, o risco é aceitável quando se procura evitar a perda, evitando a perda líquida e certa. Mas numa situação contrária escolhe aquela que garante o lucro líquido evitando o risco de não ganhar nenhum. Esta pode ser facilmente explicada pela curva da Figura 3, a qual representa a perceção de valor conforme as perdas e o gasto.

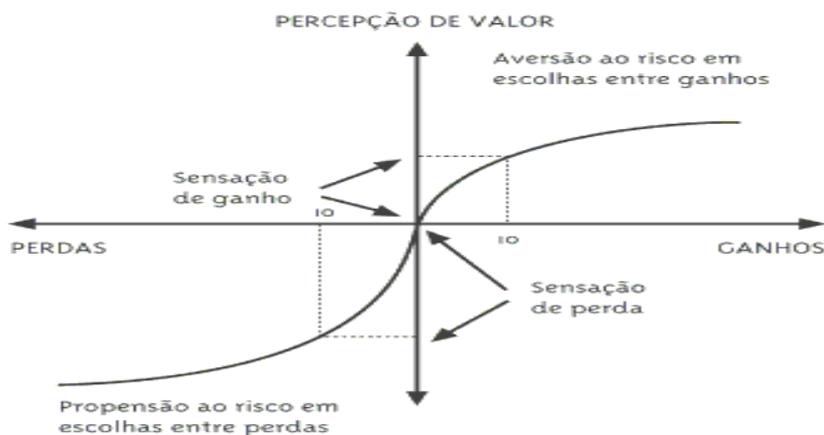


Figura 3 Curva de valores hipotéticos da teoria da perspectiva segundo Kahneman e Tversky (1979)

Richard Thaler é um renomado economista americano que ganhou o Prêmio Nobel de Economia em 2017 por suas contribuições no campo da economia comportamental. Seus estudos e pesquisas têm sido pioneiros na junção entre a economia e a psicologia, procurando compreender o comportamento humano em situações de tomada de decisão. Thaler percebeu que muitos modelos econômicos tradicionais presumiam que as pessoas tomavam decisões de forma racional e lógica, mas que na realidade, isso não acontece. Assim, sua pesquisa tem mostrado como as emoções, crenças e valores podem influenciar fortemente a forma como as pessoas tomam decisões econômicas (Kahneman e Tversky, 1979 et Thaler, R. 2015).

Enquanto a economia tradicional diz que basta gastar menos do que o que se ganha para gerar poupança para o futuro. As finanças comportamentais e a economia comportamental estão mais focadas em entender o motivo pelo qual algo tão simples não é feito pela maioria das pessoas. A linha de pesquisa de Thaler (2015), conhecida como economia comportamental, humaniza a economia. Por outro lado, mostra que o comportamento das pessoas afeta os movimentos da economia que não podem ser previstos ou explicados pelos economistas clássicos. De certa forma, Thaler (2015) mostra que as tomadas de decisão não são tão simples como pensavam os economistas.

Thaler (2015), durante algum tempo também havia trocando experiências com Daniel Kahneman e Amós Tversky, dois psicólogos israelianos, ambos cientistas comportamentais que foram os responsáveis pela Teoria da Perspetiva, que lhes rendeu também (Amós já havia falecido) o prêmio Nobel de economia, em 2002.

As chamadas Finanças Comportamentais são o fruto dessa interação entre os dois campos de conhecimento, as finanças e a psicologia. Estas procuram explicar alguns aspetos mais discutidos das teorias financeiras e procuram racionalizar as tomadas de decisão. Estudos nesta área levam em consideração a natureza humana dos tomadores de decisão no mundo financeiro, os quais, como humanos, estão sujeitos a viés comportamentais que não poucas vezes os afastam de uma decisão calculada na racionalidade. Nas finanças comportamentais são distinguidos dois problemas para o investidor quando pretende fazer um investimento. Primeiro, é impossível para os agentes económicos formular estratégias operacionais sem riscos na tentativa de obter lucros. Segundo, o homem é um ser não totalmente racional, ou seja, também comete erros por não planear as suas ações e pensar nas suas consequências (Castro J., F. H. F., & Famá, R.,2002).

As finanças comportamentais, que são uma tradução do inglês behavioural finance é o campo que estuda a influência de fatores psicológicos no comportamento dos participantes em mercados financeiros, e o resultante efeito nos mercados. Ela vai de encontro a muitos conceitos tradicionais, explicando porque e como é que os mercados podem ser ineficientes, e os seus participantes, menos que racionais (Sewell, 2007).

Esta Teoria é um dos mais importantes modelos da economia comportamental, que estuda como os fatores psicológicos afetam as nossas decisões económicas. Ele propõe que as pessoas às vezes tomam decisões que não são ótimas, pois elas não conseguem ignorar as suas emoções, desejos e/ou natureza humana. Para corrigir isso, a teoria de Thaler (2015) propõe incentivos que possam motivar as pessoas a tomar a decisão certa. O modelo de Thaler (2015) ajuda a explicar por que o investimento a longo prazo é importante, porque as empresas precisam de políticas de incentivo, e como a economia pode ser melhorada ao considerar as limitações dos comportamentos humanos.

2.3. Mercado Financeiro

Como é referido anteriormente, é importante saber ganhar e saber gastar para manter o equilíbrio nas finanças pessoais. Uma gestão responsável e equilibrada das finanças pessoais envolve destinar uma parte dos rendimentos à poupança.

Em finanças, o chamado investimento financeiro é a compra de ativos financeiros (ações, títulos de crédito e outros papéis).

Planejar como se vai gastar o dinheiro é a primeira etapa para o Planejamento Financeiro Pessoal (Ferreira, 2006).

“O planejamento figura como a primeira etapa por ser aquela que serve de base para as demais. No planejamento, determinamos antecipadamente o que pretendemos com o nosso dinheiro e detalhamos os planos necessários para alcançar o(s) objetivo(s) definido(s).” (Ferreira, 2006), p. 19).

Citando Cerbasi (2004) “o planejamento financeiro tem um objetivo muito maior do que simplesmente não ficar no vermelho. Mais importante do que conquistar um padrão de vida é mantê-lo, e é para isso que devemos planejar”. Ou seja, é importante perceber que o planejamento financeiro não é momentâneo, mas sim um processo que deve estar presente em todas as decisões do cotidiano de qualquer cidadão, para que consiga ter noção da sua situação financeira e como esta vai evoluir.

O trabalho remunerado é a principal forma de ganho de um indivíduo, mas como vimos previamente, uma das matérias mais importantes das finanças são as carteiras de investimentos. Reconhecemos que para ter sucesso a médio/longo prazo com uma carteira de investimentos, as nossas decisões têm de fazer sentido e têm de ter uma lógica associada.

Cada indivíduo tem a sua frente duas escolhas a fazer quanto ao planejamento, ter o dinheiro parado, ou por o dinheiro a render. O indivíduo pode constituir uma poupança para planejar a compra de bens ou serviços, ou realizar um projeto, como seja, fazer uma viagem, comprar um carro, uma casa, financiar estudos ou iniciar um negócio, ou então escolher aplicações financeiras adequadas aos objetivos definidos, que não se assumam riscos indesejados e a rentabilidade esperada se ajuste às expectativas.

Atualmente onde as contas poupança têm juros nulos e muitas vezes negativos para o investidor, muitas das vezes não compensa ter uma conta poupança e cada vez se torna mais importante perceber de investimentos e conhecer os riscos associados.

Apesar de existirem investimentos financeiros que geram uma melhor rentabilidade, nem sempre essa rentabilidade é isenta de risco. Habitualmente os investimentos com maiores rentabilidades financeiros vêm acompanhados de maiores riscos e vice-versa. Segundo Assaf Neto (2018), os mercados financeiros oferecem uma gama de ativos financeiros com variados níveis de risco e rentabilidade, o que possibilita a adequação das alternativas aos diferentes perfis de risco dos investidores, assim o investidor tem uma

grande variedade de linhas de investimentos, que vão de baixo a alto risco conforme o perfil de cada investidor.

O principal objetivo do investimento financeiro é repor a perda do valor da moeda devido à inflação. O investimento pode ser dividido em vários grupos de acordo com determinada característica. Ele é dividido em classes de ativos (rendimento fixo, rendimento variável, outros fundos de investimento, investimentos alternativos) os quais são classificados conforme o risco, e cada uma dessas classes de ativos são compostos por vários produtos financeiros: por exemplo, os produtos de rendimento fixo são os ativos financeiros emitidos pelos títulos do governo (certificados de aforro, letras do tesouro nacional, nota do tesouro nacional, etc.), títulos de dívida de empresas (obrigações, debêntures, título de dívida de bancos, Certificado de Depósito Bancário) entre outros (Giudicce & Estender, 2017).

Segundo (Francis, 1991), os ativos financeiros podem ser agrupados em algumas classes, de acordo com o seu prazo de vencimento ou tipo de rendimento, o qual pode ser fixo ou variável. A classificação mais comum no mercado financeiro para seus ativos considera os seguintes grupos:

- Ativos de rendimento fixo de curto prazo: esses ativos pagam juros pré ou pós-fixados sobre um valor definido. A maioria tem vencimento em um ano ou poucos meses. São exemplos: cotas de fundos de rendimento fixo, títulos de curto prazo do governo, cadernetas de poupança, CDB, commercial papers, entre outros;

- Ativos de rendimento fixo de longo prazo: representados predominantemente pelos títulos de dívida do governo e das empresas para prazos mais longos, geralmente vários anos. São exemplos: ações, debêntures, Notas do Tesouro Nacional, C-Bonds, entre outros;

- Ativos de Rendimento Variável: são ativos cuja remuneração não é previamente conhecida ou indexada. São exemplos: ações, contratos de opções, contratos futuros em geral, ouro, câmbio e outras moedas, tal como cripto moedas.

Além destes ativos referidos existem também os fundos de investimentos, cujos, tanto podem pertencer à categoria do rendimento fixo como existem outros que pertencem ao variável. E, além disso estes ainda podem incluir, em um mesmo produto, ativos de rendimento fixo e variável.

2.3.1 Investimentos Alternativos

O mercado Financeiro não para de crescer e novos tipos de investimentos tem surgindo ao longo dos últimos anos e têm ganho uma importância crescente na constituição de uma carteira de investimentos.

Sendo um investimento financeiro um ativo com o objetivo de gerar riqueza, são muitos os ativos que podem atingir essa capacidade, desde capitais de risco, fundos de hedge, patrimônio privado, ativos em dificuldades, mercadorias, artigos colecionáveis, forex, mercado binário, index funds, etc.

Os investimentos alternativos utilizam uma abordagem diferente para investir em ações tradicionais ou investimentos de rendimento fixa (corretoras). Essa abordagem pode envolver posições longas e curtas em títulos e títulos privados em vez de investimentos negociados publicamente, e também pode haver derivativos ou estratégias de hedge. Os investidores que usam alternativas também podem ter como objetivo alcançar um determinado nível de rentabilidade absoluto em oposição ao desempenho relativo contra um índice. Apesar de serem mais populares entre os investidores individuais, há mais produtos disponíveis, possibilitando o investimento em alternativas para um universo muito mais amplo de investidores. Dada a sua abordagem não tradicional e a sua capacidade de investir em áreas e formas que os investimentos tradicionais não podem (Baird Private Wealth Management, 2013).

As principais diferenças entre os investimentos alternativos e os tradicionais dizem respeito à correlação, liquidez e escolha dos ativos. Os ativos alternativos têm baixa correlação com ativos tradicionais, como ações, por exemplo, tendo, desta forma, a capacidade de efeito de diversificação e de redução do risco e podem ser úteis para melhorar o rácio rentabilidade/risco de uma carteira, ao reduzirem a sua volatilidade como consequência da baixa correlação que têm com ativos tradicionais. As rentabilidades consequentemente também são pouco previsíveis e não há nenhuma garantia de rentabilidade. Consequentemente, os riscos são altos, sendo indicados em grande parte para investidores mais arrojados. Por isso têm ganho cada vez mais atenção por parte dos investidores (Baird Private Wealth Management, 2013).

Estes, inseridos numa carteira de investimentos, conseguem também melhorar as rendibilidades devido a maior oferta de possíveis investimentos. Logicamente que também apresentam algumas desvantagens face aos investimentos tradicionais, como serem mais complicados para analisar individualmente e incluídos no mercado, a transparência limitada nas participações subjacentes a esses investimentos e a falta de ferramentas para analisar o comportamento do ativo (Baird Private Wealth Management, 2013).

Estes tipos de investimento ganham cada vez mais interesse, pela falta de fiscalização e pelos seus altos rendimentos que tem gerado, pois, tal como acontece nas criptomoedas, os seus mercados são demasiado voláteis e já permitiram ganhos gigantescos para muita gente. Por exemplo, as criptomoedas ganham especial destaque dentro de todos os produtos financeiros, em razão da extraordinária valorização de algumas delas como aconteceu com o *Bitcoin* (Baird Private Wealth Management, 2013).

Nunca foi tão complicado, mas simultaneamente, tão recompensador conhecer-se os mercados financeiros. Todos os dias são criados novos-ricos simplesmente porque realizaram um bom investimento no momento certo e tiveram rendibilidades extraordinárias. Por exemplo, utilizando o Bitcoin como amostra, se, na data do seu lançamento em 2010, uma Bitcoin equivalia a meros 0,073 €, e ao tempo da redação deste artigo, Figura 4, um Bitcoin vale cerca de 39 000 €, sofreu um acréscimo de mais de 12.000%, ou seja, a rendibilidade foi gigantesca, nunca num investimento tradicional se obteriam esses valores.



Figura 4 – Evolução da bitcoin

2.3.2. Literacia Financeira Em Portugal

Em termos conceptuais, também a OCDE tem a sua própria definição no PISA sobre a literacia financeira dizendo que: “o conhecimento e compreensão de conceitos e riscos financeiros, bem como a competência, motivação e confiança para aplicar tal conhecimento, a fim de tomar decisões eficazes numa variedade de contextos financeiros, melhorar o bem-estar financeiro dos indivíduos e da sociedade e permitir a participação na vida económica.” (OCDE, 2020, p. 43).

A OCDE considera que a literacia e a inclusão financeiras, aliadas a uma adequada regulação e proteção do consumidor, são fundamentais para aumentar a resiliência financeira e o bem-estar da população (Atkinson & Messy, 2012).

Em Portugal, o Conselho Nacional de Supervisores Financeiros (que integra o Banco de Portugal e os outros dois supervisores financeiros) dinamiza, desde 2011, o Plano Nacional de Formação Financeira, uma estratégia que reconhece a importância da inclusão e da formação financeiras e que enquadra e apoia a realização de iniciativas a nível nacional. O Plano segue as melhores práticas da OCDE/INFE e a experiência portuguesa foi uma das que serviram de base à Recomendação agora aprovada (Atkinson & Messy, 2012).

A International Network on Financial Education (Rede Internacional de Educação Financeira da OCDE) foi criada, em 2008, sob a égide da OCDE, para promover os princípios e boas práticas de formação financeira. É uma organização de alto nível que inclui 279 instituições públicas, como bancos centrais, ministérios das finanças e da educação, em 131 países. A OCDE e a sua INFE apoiam os formuladores de políticas e as autoridades públicas a projetar e implementar estratégias nacionais para a educação financeira.

Em 1997 a OCDE criou o PISA – Programme for International Student Assessment (Programa Internacional para Avaliação de Estudantes) com o objetivo de avaliar os sistemas de ensino a nível internacional, para avaliar os conhecimentos financeiros dos estudantes na faixa dos 15 anos, período em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países-membros (citado *Melchiades, S.A., & Belford Powell, A., 2015*).

Em primeiro lugar, o PISA sugere que a literacia financeira deve ser entendida como sinónimo de finanças pessoais. E, como consequência, a proposta do PISA é avaliar literacia

financeira pessoal, como expresso no documento da organização, nos seguintes termos: “A literacia financeira está preocupada com a forma como o indivíduo entende, gerência e planeia as questões financeiras pessoais e da sua família”(Santiago et al., 2018).

A partir do ano 2000, a cada três anos, um grupo de estudantes de cada país participante foi selecionado de forma aleatória para fazer testes sobre Leitura, Matemática e Ciências.

O foco da avaliação em 2003 e 2012 esteve na leitura e em 2006 e 2015 a avaliação foi em matemática e em ciências. No ano de 2015, em conjunto com a avaliação em Matemática, aconteceu a primeira avaliação sobre literacia financeira e a resolução colaborativa de problemas. No ano de 2018, a avaliação foi feita nos domínios de leitura, matemática, ciências e literacia financeira (Santiago et al., 2018).

Ao considerar a educação, é essencial reconhecer que muitos países em todo o mundo enfrentam desafios significativos devido à falta de investimento nesse setor. Esses desafios podem ser atribuídos a várias razões, incluindo escolhas deliberadas, restrições de recursos, diferenças culturais, tradições arraigadas, instabilidade política, econômica e social, e até mesmo conflitos militares. A negligência no que diz respeito ao investimento na área educacional culmina, inevitavelmente, em problemas graves para a sociedade, manifestando-se sob a forma de atraso no desenvolvimento e incapacidade de se adaptar ao contexto global contemporâneo, onde é cada vez mais necessário. É particularmente relevante salientar que, nos dias de hoje, uma compreensão sólida de gestão e finanças assume uma importância ainda mais premente para indivíduos e sociedades em constante evolução. Ademais, cabe notar que o conceito de 'analfabetismo' transcende, atualmente, o simples domínio da leitura e da escrita, estendendo-se ao défice de competências em tecnologias, línguas estrangeiras, apreciação de culturas externas e, sobretudo, à capacidade contínua de aprendizado"

Por este motivo importa que Portugal se envolva numa efetiva Educação para todos em prol da equidade, isto é, promover a educação adaptada a todos independentemente das suas necessidades, limitações ou capacidades, ou seja, de e para todos uma plena integração social, mas sobretudo humana. Este é um elemento crucial para que haja o efetivo reconhecimento do direito à educação como direito humano (Campina & Teixeira, 2017).

Apesar de alguns documentos da organização sugerirem que uma pessoa com conhecimentos de finanças tem impacto sobre a sociedade em geral, contribuindo para a estabilidade nacional e até mesmo mundial, fica visível que este não é o foco da sua proposta. Sobre esta perspetiva, a questão que se levanta para pensar numa proposta futura de currículo é: no ambiente escolar, o ensino de educação financeira deverá ter como foco finanças pessoais ou haverá algo mais a tratar? (Santiago et al., 2018).

Hugo Reis e Lara Wemans (2022) concluem a partir do PISA de 2018 que a literacia financeira dos estudantes portugueses é baixa e que há uma necessidade urgente de melhorar a educação financeira nas escolas. A educação financeira deve preparar os jovens para a vida adulta, essa visão é claramente materializada na proposta de avaliação do PISA. Como consequência, um currículo elaborado sobre esta conceção devia atender a esse problema.

Nos documentos oficiais da OCDE a educação financeira não é a mera informação sobre finanças pessoais, mas o ensino deve transmitir conhecimento financeiro, compreensão, habilidades, comportamentos, atitudes e valores (Santiago et al., 2018).

Em 2020, foi realizado um estudo para perceber os conhecimentos, as atitudes e os comportamentos financeiros dos portugueses, o 3.º Inquérito à Literacia Financeira da População Portuguesa. Este inquérito foi realizado pelo Conselho Nacional de Supervisores Financeiros (CNSF) – composto pela CMVM (Comissão de Mercado de Valores Mobiliários), Banco de Portugal e ASF (Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões). Esta iniciativa enquadra-se no exercício de comparação internacional dos níveis de literacia financeira da população, dinamizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), através da International Network on Financial Education (INFE). Citado de Centro Nacional de Literacia Financeira. (2020).

“O questionário incluiu as 39 questões da OCDE/INFE que, além das perguntas que caracterizam o perfil do entrevistado, incidem sobre o planeamento do orçamento familiar e da poupança, os produtos financeiros detidos pelos entrevistados e os principais critérios de escolha e a avaliação de conhecimentos de literacia financeira, inflação, risco e rendibilidade das aplicações de poupança. O questionário incluiu também 10 questões relacionadas com a leitura de informação pré-contratual e contratual, a escolha e conhecimento das fontes da informação e os riscos dos produtos de aplicação de poupança.” Centro Nacional de Literacia Financeira. (2020).

O questionário pode ser dividido em cinco partes, na qual a primeira conta com perguntas de caracterização para posterior comparação com a literacia dos indivíduos. E os restantes temas abordados são o planeamento do orçamento familiar, a seleção e gestão de produtos financeiros, a escolha e conhecimento das fontes de informação e os conhecimentos financeiros, correspondendo aos três indicadores que eles pretendem avaliar que são os conhecimentos, os comportamentos e as atitudes financeiras.

O planeamento do orçamento familiar envolve a análise das atitudes e comportamentos relacionados com a gestão do orçamento familiar e o controlo das despesas, a utilização da poupança para dar respostas a despesas inesperadas ou quebras de rendimento e o planeamento de médio e longo prazo para a reforma ou outros objetivos financeiros.

No que toca à seleção e gestão de produtos financeiros, pretende-se identificar os produtos financeiros detidos pelos entrevistados e os critérios utilizados na sua escolha, os hábitos de comparação de produtos, os hábitos de leitura da informação pré-contratual e contratual e a exposição a situações fraudulentas.

Quanto à escolha e conhecimento das fontes de informação, pretende-se ver quais as notícias económico-financeiras seguidas com regularidade e quais as entidades de recurso em caso de desacordo com a instituição financeira ou de dificuldade em pagar as prestações dos empréstimos.

Por último, quanto aos conhecimentos financeiros, pretende-se saber quais os resultados das questões de numerários que avaliam a capacidade de fazer operações numéricas simples e das questões sobre inflação, rendibilidade e riscos associados e produtos financeiros. Citado de Centro Nacional de Literacia Financeira. (2020).

Onde é que as crianças obtêm informação sobre assuntos financeiros? As respostas são variadas: pais/encarregados de educação, amigos, televisão ou rádio, Internet, revistas e professores. Sendo que destes identificados, muito raramente são abordam e discutem com as crianças a gestão de dinheiro ou até mesmo as finanças pessoais (Rosa, V, 2021).

Jorge Sinval e João Marôco, (2020) dizem que “a análise regional, por NUTS III, revela, porém, fortes assimetrias. Por exemplo, no Alto Alentejo um em cada três alunos amostrados (33%) não revelou competências básicas (inferior ao nível 2). Em contraste, na região de Leiria ou Médio Tejo, a percentagem que não alcançou este nível foi inferior a 1%. No outro extremo da escala de proficiência, 14% dos alunos da Região de Coimbra,

alcançou o nível máximo da literacia. Já no Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Região Autónoma dos Açores apenas 2% dos alunos amostrados alcançou este nível” citado de Rosa, V.,2021.

Esta avaliação da OCDE reforça a ideia que transparece em alguns dos domínios de literacia do PISA e em outros estudos (Trends in International Mathematics and Science Study – TIMSS e Progress in International Reading Literacy Study – PIRLS). Os alunos oriundos de famílias com elevado capital familiar (este indicador integra o nível de escolaridade, a qualificação profissional dos pais/encarregados de educação, os materiais de apoio ao estudo, etc.) apresentam melhores desempenhos do que aqueles inseridos em famílias com menos recursos socioeconómicos, pelo que muita da sua educação financeira é aprendida em casa com hábitos dos seus familiares (Rosa, V., 2021).

De referir também que os imigrantes obtiveram uma pontuação em média 30 pontos menor do que os não imigrantes, tendo em conta os países/economias da OCDE. Se for considerado o efeito da literacia, de matemática e de leitura, esta diferença reduz 5 pontos (OCDE, 2020, p. 189) citado em Rosa, V (2021). Também a Intrum, empresa de aconselhamento financeiro, tem vindo a estudar a literacia financeira e afirma que, apesar dos portugueses evidenciarem poucos conhecimentos sobre literacia financeira, nomeadamente em termos dos indicadores de atitudes e comportamentos financeiros, assim como de resiliência financeira, o país está acima da média. Portugal na comparação internacional surge no indicador global de literacia financeira em 7º lugar, com 13,1 pontos, acima da média da totalidade dos países (12,7) e da média dos 12 países da OCDE (13). O país apresenta uma posição favorável nos indicadores de atitudes financeiras e comportamentos financeiros e resultados abaixo da média no indicador de conhecimentos financeiros. Devido à pouca tendência dos portugueses para compras por impulso e para comportamentos associados a situações de incumprimento, mas há falta de educação financeira e a procura da mesma (Centro Nacional de Literacia Financeira, 2020).

Segundo Estudo da Intrum (2019) sobre o bem-estar financeiro. A Figura 5 evidencia o ranking da literacia financeira de alguns países da Europa.

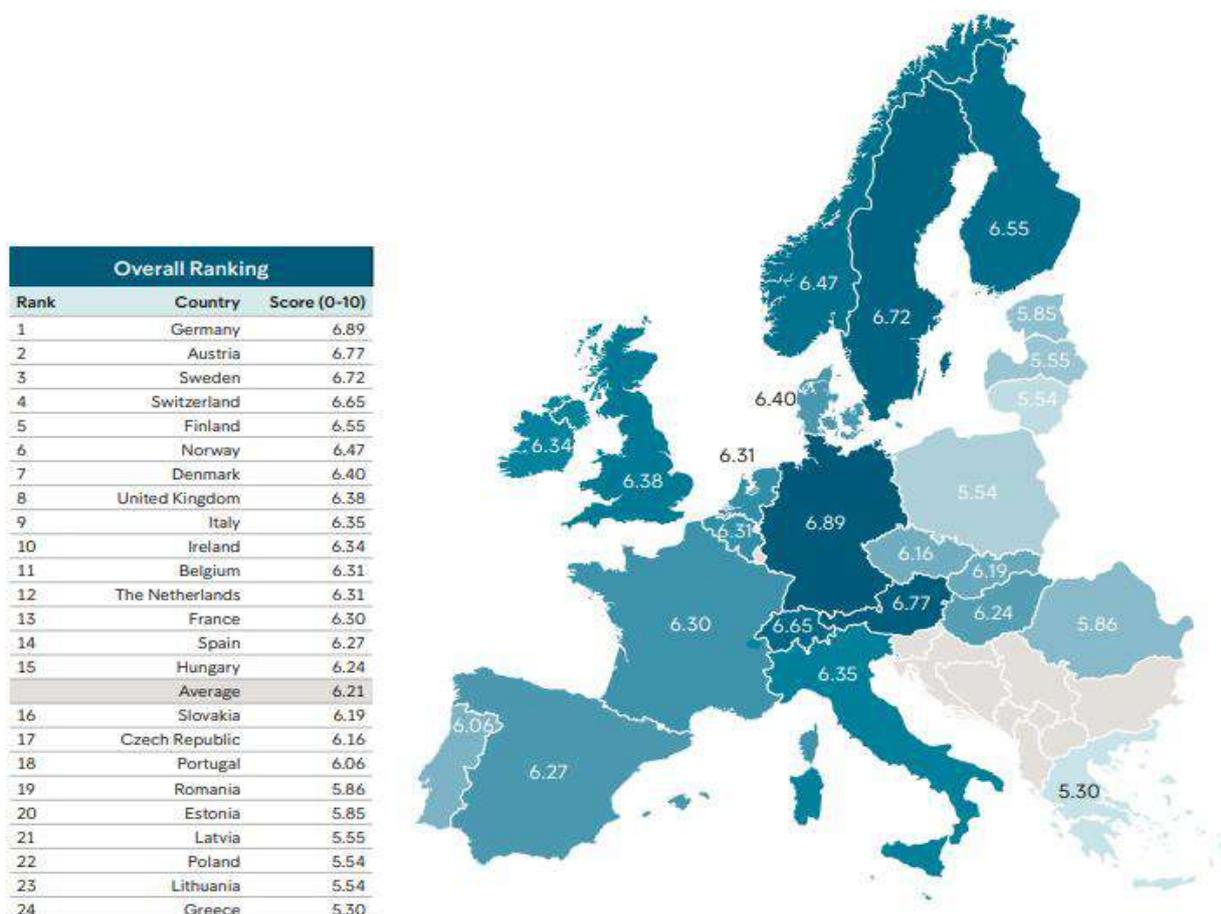


Figura 5 Gráfico de “ranking” do bem-estar financeiro segundo a Intrum

A Intrum, empresa mundial da indústria da gestão e recuperação de créditos, afirma que a compressão das finanças pessoais interfere nas atitudes dos consumidores portugueses. No inquérito em 2019 (Figura 5), sobre o bem-estar financeiro dos portugueses situou-se nos 6,06 pontos. A escala varia entre 0 (pior) a 10 (melhor) e pretende medir o bem-estar financeiro dos portugueses usando quatro pilares principais: (1) a capacidade de pagar contas em dia, (2) a liberdade de crédito, (3) a poupança e (4) a literacia financeira. A Figura 5 evidencia que de entre os 24 países seleccionados, Portugal encontra-se na sétima pior posição, principalmente na falta de capacidade para pagar as contas a tempo. Segundo a Intrum (2019), 56% dos portugueses não pagam a tempo, acima da média europeia, devido à falta de dinheiro; enquanto o esquecimento corresponde a 35%, abaixo da média europeia.

Estes resultados indicam que a compressão das finanças pessoais interferiu nas atitudes de consumo dos portugueses, com o bem-estar financeiro a sofrer a consequência.

A Figura 6 evidencia os consumidores por países que atingiram o limite do cartão de crédito ou incorreram em empréstimos nos últimos 6 meses:

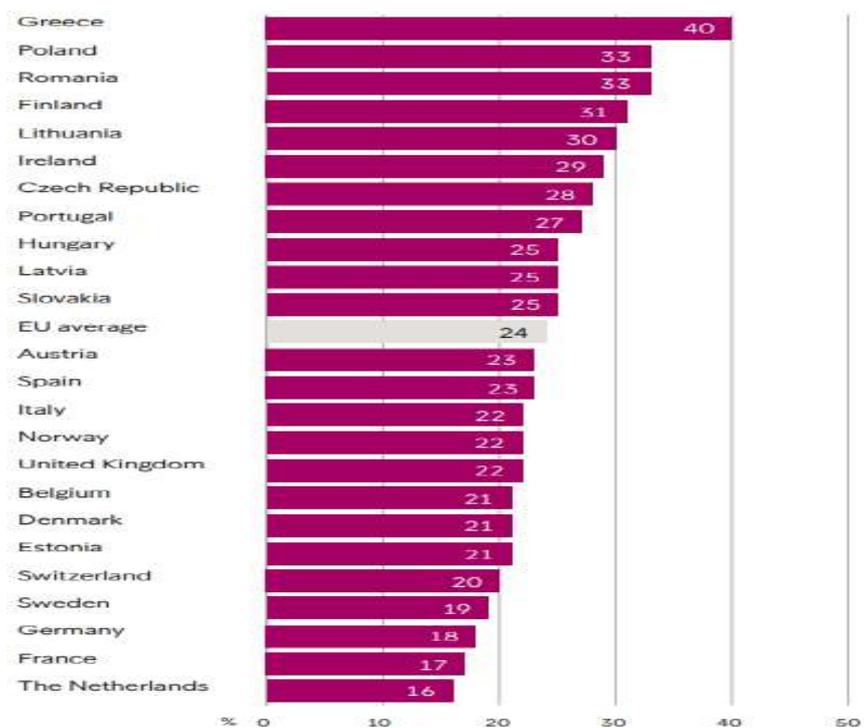


Figura 6 Proporção dos consumidores que dizem ter nos passados 6 meses, incorrido em empréstimos ou terem atingido o limite do cartão de crédito segundo a Intrum

De acordo com a Figura 6 Portugal tem uma percentagem muito alta de pessoas que recorrem a empréstimos, além de hipotecas, ou atingem os limites dos seus cartões de crédito para pagar as suas contas nos últimos seis meses. Se compararmos com os restantes 24 países em estudo, vemos que Portugal ocupa o oitavo lugar, com 27% dos inquiridos a responder que sim (Intrum, 2019).

Face ao exposto conclui-se que a população portuguesa não apresenta muitos conhecimentos sobre literacia financeira. No entanto, no que se refere às finanças pessoais, realizam alguma poupança e não assumem atitudes de grande endividando, assim como realizam o planeamento das suas despesas evitando ter muitas surpresas.

Talvez por essas mesmas razões o PIBpc o bem-estar financeiro estão baixos comparados com o resto da Europa. Apesar dos portugueses até serem bons a poupar e a assegurar o seu dinheiro e reforma, habitualmente optando por gastar o menos possível, não

fazendo muitas compras por impulso. Consta-se que apenas 36% da população é ou já foi investidor, maior parte dos investidores tem habilitações académicas e também maior parte aufer rendimentos acima de 1000 € mensais. (Intrum, 2019).

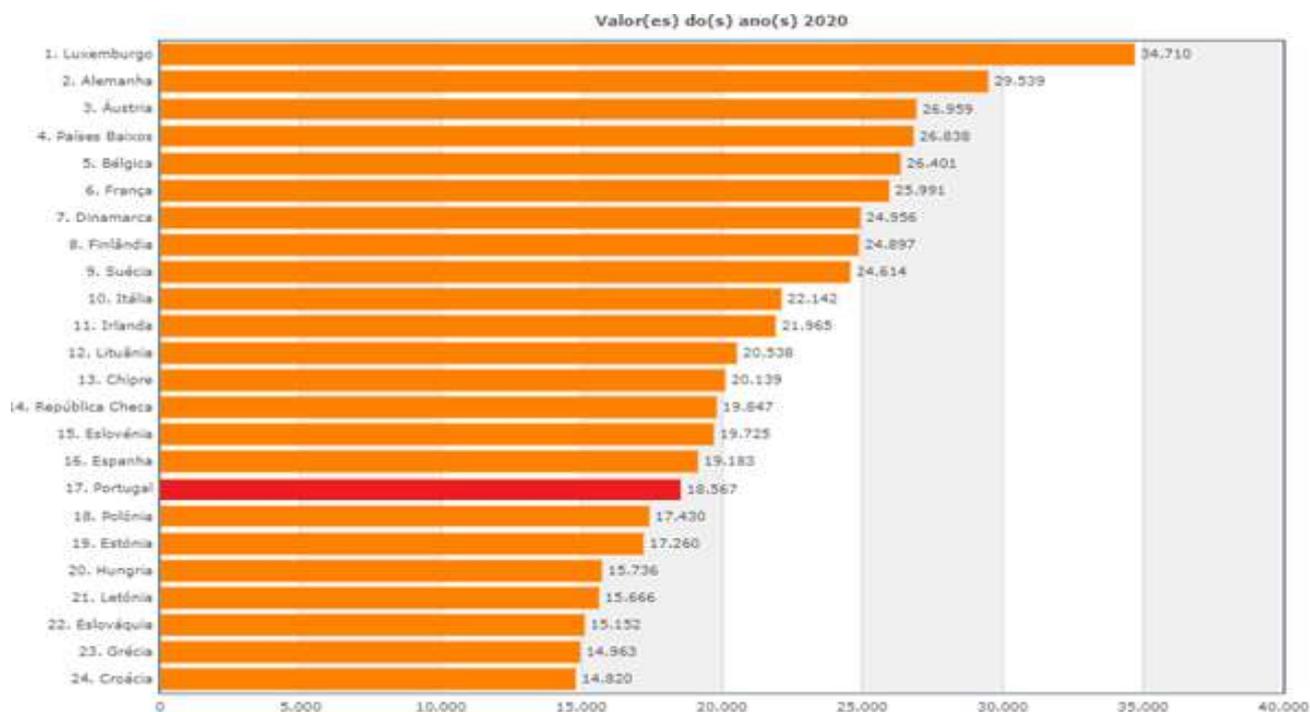


Figura 7 Rendimento disponível bruto das famílias per capita (pps) em 2020 segundo a pordata

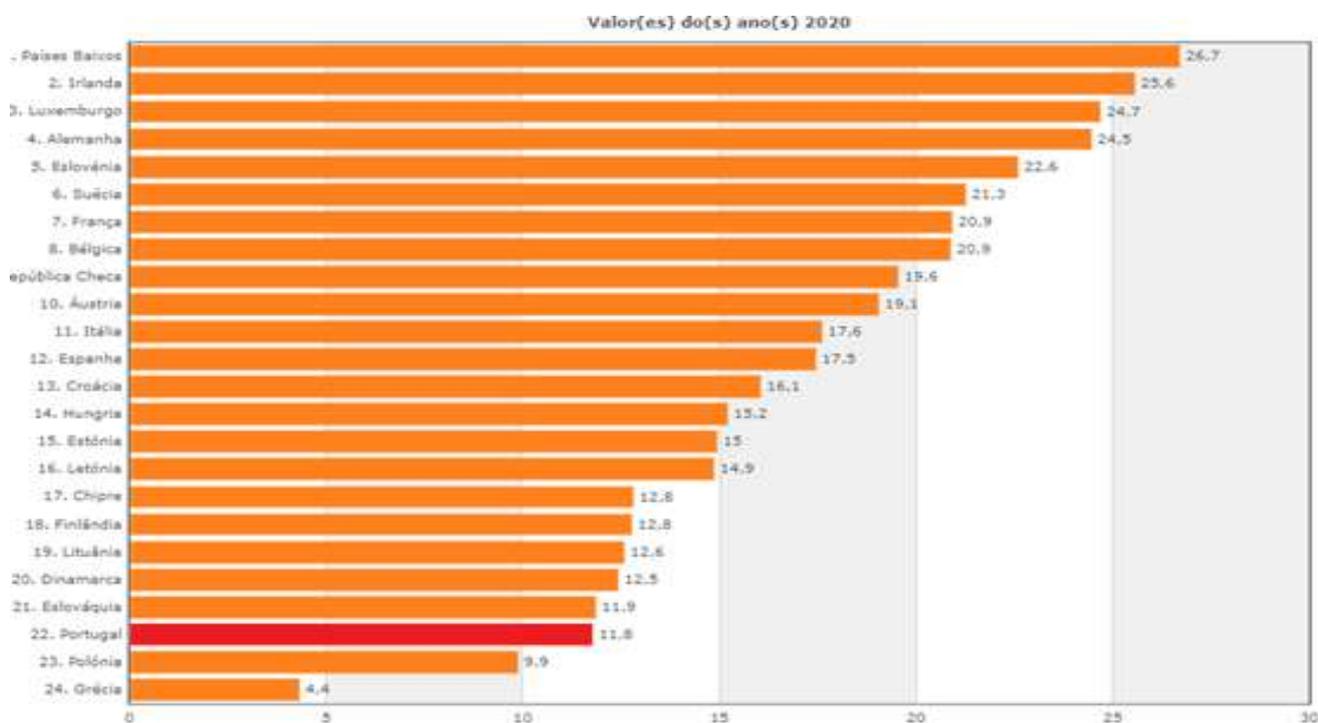


Figura 8 Taxa da poupança anual das famílias em percentagem em 2020 segundo a pordata

Da análise as figuras 7 e 8, podemos ver o rendimento disponível bruto das famílias per capita (PPS) e a taxa da poupança anual das famílias em percentagem em 2020. É inegável que Portugal tem um rendimento mensal modesto e uma poupança média mais baixa do que a da média da União Europeia. Segundo a Pordata (Figura 7) Portugal encontra-se em décimo sétimo lugar no ‘rank’, situando-se nos 18.567 € (média dos rendimentos dos portugueses em 2020), com um custo de vida elevado, tanto que grande parte incorre a créditos, como demonstra a Figura 6, além uma inflação alta e elevadas despesas sendo que a média da poupança se fixa nos cerca de 11,8% (média percentual da poupança dos portugueses em 2020), segundo a figura 8 sendo das mais baixas da Europa.

Isto significa que, numa situação hipotética, para um português que se situe na média dos portugueses tanto a nível de rendimentos como de poupança, dos 18.567€ que ganham, unicamente conseguem guardar cerca de 2.191 € anualmente (valor arredondado as unidades). Isso significa que, para muitos portugueses, se torna difícil investir as suas economias. Também a falta de conhecimento financeiro se reflete na pouca consideração que as pessoas dão a este assunto, optando por não se interessar e não se esforçar em procurar informação para maximizar o seu património. Embora os esforços de educação financeira tenham vindo a aumentar nos últimos anos, ainda é necessário realizar um trabalho adicional para alcançar os objetivos financeiros desejados. Como a maioria dos sistemas de ensino portugueses não abordam a temática financeira com profundidade, muitas vezes é necessário adquirir conhecimentos por conta própria ou através dum curso especializado no ensino superior. No entanto, com um pouco de esforço, é possível reformular os hábitos de poupança e investimento de maneira a aumentar o património pessoal e familiar, alcançando assim os objetivos financeiros traçados.

Reconhecendo a importância da literacia financeira, os supervisores do setor financeiro em Portugal (Autoridade de Supervisão dos Seguros e dos Fundos de Pensões, Banco de Portugal e Comissão do Mercado de Valores Imobiliários) publicaram pela primeira vez em 2011 uma estratégia nacional quinquenal para a educação financeira (Reis e Wemans, 2022).

Relativamente ao impacto da educação financeira nas escolas, Kaiser e Menkhoff (2020) afirmam que os efeitos positivos e significativos ao nível do conhecimento financeiro, enquanto os impactos estimados no comportamento financeiro são mais mitigados, isto porque para os adolescentes, o sistema educacional será o principal instrumento de política

para promover a literacia financeira, tendo em consideração, nomeadamente, a sua forte relação com as capacidades numéricas (Reis,H. e Wemans, L, 2022).

As variáveis relativas ao indivíduo e à família tendem a surgir como mais importantes do que as variáveis da escola na explicação dos resultados dos alunos nos testes sobre a literacia financeira, por esse motivo, em 2018, a literacia financeira foi introduzida como uma disciplina obrigatória do ensino básico - a educação para a cidadania-, abordando um conjunto alargado de temas sobre literacia financeira (Reis,H. e Wemans, L, 2022).

2.4 O Perfil de Risco De Um Investidor

O perfil de risco do investidor é uma classificação usada para determinar o nível de tolerância ao risco de um investidor. Este é usado para ajudar um investidor a decidir as aplicações mais apropriadas e quais investimentos que são mais adequados para atingir os seus objetivos.

Existem três tipos principais de perfis de risco de investidor: conservador, moderado e agressivo, estando referenciados de forma crescente consoante o nível de rendibilidade x rendimento obtido.

O perfil de risco é baseado na personalidade individual e dos seus objetivos, mas também há outros fatores a serem considerados, recursos financeiros disponíveis, tempo de investimento e preferências pessoais.

Aa maioria dos intermediários financeiros para determinar o perfil de risco de um indivíduo exige que estes fiquem sujeitos a uma avaliação os investidores passem por um processo de classificação por perfil de risco antes de permitir que eles invistam em rendimento variável. Duma forma resumida, o perfil seguro é para aqueles que preferem segurança nos seus investimentos, o perfil moderado é ideal para aqueles que querem um equilíbrio entre risco e segurança, e o perfil agressivo é para aqueles que estão dispostos a correr riscos maiores para obter maior rendibilidade. (Oliveira & Lencini, 2019).

2.4.1 Noção De Risco Num Investimento

Ao avaliar o perfil de risco de um investidor, é importante levar em consideração o seu nível de conhecimento financeiro, pois isso pode influenciar a sua capacidade de entender e gerir os riscos associados aos investimentos. Se o investidor tiver um bom conhecimento financeiro, ele pode estar mais disposto a assumir maiores riscos na sua carteira de investimentos e, portanto, pode ter um Valor em Risco (VaR) mais alto. Por outro lado, se o investidor tiver um conhecimento financeiro limitado, ele pode preferir investimentos mais conservadores e ter um VaR mais baixo.

Glyn Holton (2013) define VaR como a perda potencial que uma carteira de investimentos pode sofrer num período específico, com uma probabilidade definida de não ser excedida. Em outras palavras, o VaR é uma medida estatística que estima a perda máxima esperada que uma carteira de investimentos pode sofrer em determinado período, com um certo grau de confiança ou probabilidade de que essa perda não será ultrapassada. O VaR é comumente usado como uma ferramenta para avaliar o risco financeiro e ajudar os investidores a tomar decisões informadas sobre a alocação dos seus recursos.

Em suma, o VaR (Valor Anual em Risco) é uma medida de risco que pode ser usada para avaliar a adequação de uma carteira de investimentos para um determinado perfil de investidor, incluindo o nível de conhecimento financeiro que ele possui.

Sendo que maioria das aplicações financeiras estão sujeitas a riscos. Para reduzir o risco, deve-se procurar informações sobre o tipo de aplicação, sobre a instituição financeira e sobre as variáveis económicas que podem influenciar o resultado esperado. Sendo que princípio básico das finanças é de que habitualmente quanto maior o risco maior a rendibilidade.

Segundo o Banco Invest (2021) as instituições registadas no Banco de Portugal e na Comissão de Mercado e Valores Mobiliários assumem que, os riscos envolvidos na negociação de ativos financeiros são:

- Risco de mercado: o valor de cada instrumento financeiro depende da evolução das cotações dos mesmos nos mercados financeiros ou dos ativos que os integram. Assim, as flutuações de mercado podem conduzir a uma desvalorização do instrumento financeiro e conseqüentemente numa perda para o cliente;

- Risco de liquidez: período de tempo necessário para transacionar um ativo financeiro, a preços considerados como razoáveis, o que pode impedir o investidor de recuperar, no momento pretendido, parte ou a totalidade do capital investido;
- Risco de crédito: trata-se do risco de incumprimento por parte do emitente do ativo financeiro ou de qualquer intermediário envolvido na liquidação desse instrumento financeiro;
- Risco cambial: ocorre quando o instrumento financeiro é emitido em uma moeda diferente do Euro, daí ficar exposto à evolução das taxas de câmbio, podendo consequentemente resultar em perdas para o investidor;
- Risco de taxa de juro: está associada a perdas no ativo financeiro relacionadas com oscilações das taxas de juro de mercado;
- Risco de capital: quando o montante a receber pelo investidor for inferior ao valor investido.
- Risco operacional: resulta da deterioração da qualidade dos serviços, designadamente por erros humanos e tecnológicos, demoras, interrupções, imprecisões ou acidentes.
- Outros riscos: risco de conflito de interesses, risco de contraparte, risco de inflação, risco jurídico, risco político, risco operacional, risco do ativo subjacente, entre outros.

Face aos vários tipos de riscos que o investidor pode incorrer, este deve obter outras informações que considere relevantes para avaliar e conhecer os riscos e características específicas dos ativos financeiros e consequentemente investir em ativos adequados ao seu perfil.(Banco Invest, 2021b).

Num ambiente cada vez mais competitivo, em que os indivíduos têm cada vez mais acesso às informações, as instituições financeiras precisam mostrar maior eficiência e eficácia nas análises de aplicações financeiras. Fazendo levantamento de balanços dos investimentos, apurando rentabilidades, verificando estatísticas, acompanhando a economia e definindo o perfil do investidor corretamente. Essa pesquisa justifica-se, pois, evidência o interesse das Instituições Financeiras em auxiliar os investidores/clientes na tomada de decisões, ajudando a identificar o binómio risco/rendibilidade dos investimentos (Giudicce & Estender, 2017).

A economia pode ser imprevisível, mas ao realizar uma análise precisa do perfil de investidor, é possível reduzir a volatilidade que a economia pode oferecer. Investir é uma ótima maneira obter uma rentabilidade, para tal, é necessário avaliar corretamente os objetivos financeiros dum investidor, para depois se puderem escolher os investimentos mais adequados para o tipo de investidor.

Existem vários tipos de investimentos, que vão desde aqueles com maior risco, como ações e fundos de investimento, até aqueles com menor risco, como CDBs, títulos públicos, fundos imobiliários e ouro. Cada um deles vem com os seus próprios benefícios e riscos. Por exemplo, ações e fundos de investimento podem oferecer rentabilidades mais elevadas, mas há sempre o risco de prejuízo. Já títulos públicos, CDBs e fundos imobiliários são investimentos mais conservadores, mas oferecem rentabilidades menores.

Ao escolher um investimento, é importante que se considere o perfil de investidor, os seus objetivos financeiros e o prazo de investimento. É aconselhável que se faça uma análise aprofundada e realizada por profissionais qualificados para garantir que o perfil de risco atribuído seja o correto para que depois se possam ser tomadas as decisões mais acertadas e coerentes com o tipo de investimento que o investidor pretende. Uma análise incorreta do perfil do investidor ou até dum investimento pode levar a um maior risco. (Giudicce & Estender, 2017).

A definição de risco está relacionada com a incerteza do que pode acontecer no futuro. Qualquer processo de escolha, em qualquer âmbito da vida, profissional, pessoal, financeira, entre outros, envolve sempre a incerteza e exige a necessidade de minimizar os riscos. A maioria dos riscos pode ser reduzido, mas não eliminado. Isso significa a probabilidade de o investimento proporcionar uma rentabilidade abaixo do esperado, de se perder tudo o que se investiu (Halpern, 2003).

Relativamente ao risco, de acordo com Assaf Neto (2018), a posição de um investidor é pessoal. A perceção de riscos e a abordagem para tratá-los dependem do indivíduo logo, não existe uma resposta única para todas as situações. Diante das possibilidades de investimento, o investidor escolhe na escala de preferências qual aplicação mais lhe satisfaz e se ela corresponde a suas expectativas de risco e rentabilidade. A teoria de preferência revela como o investidor se posiciona diante de diferentes combinações de risco e de rentabilidade. O objetivo do investidor é maximizar sua utilidade esperada.

Desta forma, pode-se dizer que para realizar a definição do perfil de um investidor, o fator-chave a ser considerado é sua tolerância ao risco. A idade, por exemplo, também é um fator importante, pois investimentos de maior risco são recomendados aos mais jovens, com mais tempo para recuperar perdas. Assim, a combinação da tolerância ao risco e idade e outras características individuais, orientam a escolha adequada dos investimentos, alinhadas às metas e circunstâncias de cada indivíduo. O planejamento financeiro cuidadoso, considerando diversos fatores, é fundamental, devendo-se procurar auxílio de um profissional qualificado se necessário. (Halfeld, 2005).

Do exposto, conclui-se que não existe um investimento eficiente, mas um investimento eficiente para cada investidor. Esse é o principal fundamento para se construir um planejamento financeiro. Os diferentes tipos de investidor são o resultado da análise das características, objetivos e tolerância ao risco de cada um.

2.4.2 Metodologia De Análise Do Perfil Do Investidor

“Todo investidor, a partir da comparação racional que pode promover entre as utilidades das alternativas financeiras disponíveis, consegue construir uma escala de preferências, conceito essencial da sua decisão em condições de risco” (Assaf Neto, 2018). Diante das várias aplicações financeiras, o investidor escolhe através da sua escala de preferências qual o investimento que mais lhe traz confiança e se este corresponde a suas expectativas de risco e rentabilidade. Para isto e para reduzir a sua escolha dentro das inúmeras aplicações financeiras, as instituições financeiras realizam análises para perceber o perfil de risco do investidor para ser mais fácil apresentar opções para o seu investimento.

A Monetiza Investimentos Lda (2020) utiliza uma metodologia própria para a análise do perfil do investidor, permitindo avaliar os seguintes critérios:

I. Objetivos Pessoais e Financeiros:

- Objetivos de curto ou longo prazo.
- Necessidades prioritárias (*ex.: filhos, aluguel, despesas mensais, aposentadoria, etc.*).

II. Ciclo de vida:

- Idade.
- Fase (*fundação, acumulação, conservação ou distribuição de património*).

III. Perfil de Riscos:

- Perceção em relação ao património (*baixa ou normal*).
- Tolerância a riscos.

IV. Experiência com investimentos:

- Grau de conhecimento (baixo, médio ou alto).

V. Origem:

- Riqueza gerada por atividades empreendedoras, obtida por meio de herança ou evento único, ou acumulada durante longo período de trabalho.

VI. Estilo e Momento de vida:

- Compatibilidade dos gastos.
- Condição de saúde.
- Situação e regime matrimonial.

A Sociedade define ainda os três diferentes perfis de risco para a avaliação dos seus Clientes (Monetiza, 2020):

1. Conservador: o investidor de perfil conservador possui a segurança como referência para as suas aplicações, assumindo os menores riscos possíveis com a possibilidade de virem a precisar desse dinheiro investido num futuro próximo. Em razão da sua baixa tolerância ao risco, mantém na sua carteira percentual reduzido de produtos de rendimento variável, dando preferência aos produtos de rendimento fixo. Possui como objetivo a preservação de seu património.

2. Moderado: o investidor de perfil moderado considera a segurança importante, mas procura rendibilidades maiores, aceitando, portanto, assumir algum risco. Aceita que parte do seu património seja alocado em rendimento variável e o restante em aplicações mais

estáveis. Além disso, preza pela procura de ganhos no médio e longo prazo não tendo a necessidade de fundos regularmente.

3. Arrojado/ Dinâmico: o investidor de perfil agressivo procura rendibilidades muito expressivos no curto prazo, suportando quaisquer riscos, não estando, habitualmente, dependentes desses fundos com regularidade. Tal modalidade de investidor compreende e aceita a realização de operações alavancadas, ciente das hipóteses de perda em montante superior ao investido na operação (Monetiza, 2020).

Segundo o Banco Invest (2021a) as carteiras de investimentos segundo os perfis de risco são habitualmente escolhidas da seguinte forma:

Para aqueles que preferem um perfil conservador, a distribuição ideal de ativos é entre 70% a 80% obrigações e 20% a 30% ações. O objetivo principal é rentabilizar o seu capital, com baixa volatilidade e elevada liquidez, alcançando rendibilidades superiores às aplicações bancárias tradicionais, mas com um horizonte temporal inferior a 3 anos.

Já para aqueles que querem assumir mais riscos, pode optar por um perfil moderado, com 45% a 60% obrigações e 40% a 55% ações. O principal objetivo seria o de aumentar a valorização do seu capital, com alguma liquidez e volatilidade, e rendibilidades superiores às de produtos com taxas de juro de médio/longo prazo, e com um horizonte temporal superior a 3 anos.

Por último, aqueles que querem assumir o máximo de risco para obterem a máxima rentabilidade, poderão optar por um perfil arrojado/dinâmico constituído por 30% obrigações e 70% ações. O objetivo principal seria aumentar o crescimento do capital, assumindo alto risco de mercado, com ativos financeiros de maior volatilidade, e com rendibilidades similares às do mercado acionista, num horizonte temporal superior a 5 anos.

De acordo com o Banco Invest (2021), segundo os perfis de risco a rentabilidade de uma carteira movimenta-se da seguinte forma:



Figura 9 Rentabilidades históricas para a carteira de referência de cada perfil de risco segundo o banco invest

A Figura 9 apresenta as rentabilidades históricas para a carteira de referência de cada perfil de risco baseada em carteiras teóricas constituídas pelos índices: Sem Risco: Euribor 12 Meses; Obrigações: Barclays Euro Aggregate Total Return, Ações: MSCI World Total Return evidencia a rentabilidade num período de 18 anos para cada perfil de risco dos investidores.

2.4.3 Atividade Profissional E Os Rendimentos

A atividade profissional e os rendimentos também têm um papel importante na hora de investir. Estes são importantes porque podem afetar diretamente a capacidade de investimento e os graus de tolerância ao risco desse investimento. Por exemplo, se uma pessoa tem um salário mais alto, ela pode ter mais recursos financeiros disponíveis para investir, também se a profissão é estável e segura, pode existir maior confiança para investir

em ativos mais arriscados. Inversamente, se uma pessoa tem um salário mais baixo ou uma profissão menos estável, ela pode não ter tanto dinheiro disponível para investir ou pode estar mais propensa a evitar riscos. Além disso, a atividade profissional pode influenciar o tempo, o conhecimento e a disponibilidade que uma pessoa tem para investir e gerir seus investimentos.

Para Sung e Hanna (1996) a tolerância face ao risco encontra-se associada ao tipo de emprego do indivíduo, pois defenderam a hipótese de que uma profissão com estatuto profissional elevado encontra-se positivamente relacionada com um nível de tolerância face ao risco. Para os autores, os investidores que trabalham por conta própria apresentam uma forte tolerância face ao risco. No entanto, seria de se esperar o oposto, pois os indivíduos que trabalham por conta própria apresentam rendimentos/ salários variáveis comparativamente aos indivíduos que trabalham por conta de outrem

Também Coleman (2003) confirma que o nível de rendimentos está relacionado significativa e positivamente com a probabilidade de investir em ativos com risco, e constata que a percentagem de investimento em ações cresce com os rendimentos do investidor. Dessa forma, quanto maior o nível de rendimentos, maior é a proporção da riqueza investida em ativos de risco. Hallahan, Faffe Mckenzie (2004) apresentam alguns argumentos para explicar a relação entre rendimento e o grau de tolerância ao risco do investidor. Os investidores com maiores rendimentos podem mais facilmente incorrer em perdas provenientes de investimentos arriscados e a sua riqueza acumulada pode até ser reflexo da sua disposição para correr riscos. Por outro lado, isso é visto como um contrassenso, já que as pessoas com maior nível de rendimentos deveriam ser mais conservadoras com o seu dinheiro e as pessoas com menos rendimentos deveriam encarar o risco como um “bilhete de lotaria” que aumentaria o seu rendimento/riqueza, estando, por isso, mais dispostas a correr o risco associado a tal investimento (Augusto & Freire, 2014).

Estas duas variáveis dependem do ponto de vista de cada indivíduo e por isso terá de se avaliar primeiro como o indivíduo as encara e posteriormente construir um perfil de risco.

3. Metodologia

No capítulo anterior, foi realizada uma revisão de literatura aos temas em análise nesta dissertação: ao conceito de literacia financeira, ao perfil de risco de um investidor e à influência da literacia financeira no perfil de risco. Após a conclusão da secção dois é possível afirmar que é crucial ter uma boa literacia financeira para possibilitar a um indivíduo uma boa gestão financeira dos seus rendimentos e conseqüentemente do seu futuro. O perfil de risco é específico para cada indivíduo e depende das percepções de cada um, pelo que a opção por produtos financeiros com maior ou menor risco depende unicamente de cada um.

Neste capítulo apresenta-se os objetivos e a metodologia para os atingir.

O objetivo desta dissertação é perceber a influência da literacia financeira no perfil de risco dum investidor. São analisados os três principais fatores influenciadores de uma boa literacia, o conhecimento financeiro, o comportamento financeiro e atitude financeira, e posteriormente comparados com o VaR (Valor Anual em Risco) e os objetivos de investimento dos participantes.

Comportamento financeiro são as ações reais tomadas em relação ao dinheiro, como poupar e gastar. Por outro lado, a atitude financeira é a mentalidade e as emoções que se tem relativamente ao dinheiro. Não é necessário aprofundar o conhecimento financeiro, pois este é autoexplicativo, sendo que são os conhecimentos que um indivíduo tem sobre as finanças/gestão de dinheiro.

O comportamento financeiro engloba as atividades reais envolvidas na administração do dinheiro. Inclui orçamento, economia, investimento, gastos e gestão de dívidas. São as ações tangíveis que uma pessoa toma para administrar o seu dinheiro.

A atitude financeira decorre das crenças e valores que se tem em relação ao dinheiro. É influenciado pelo ambiente ao qual está exposto, pelas experiências que teve e pela cultura da qual faz parte. A atitude financeira inclui coisas como medo da perda, aversão ao risco e otimismo em relação ao dinheiro.

Em conclusão, o comportamento financeiro são as ações tangíveis que alguém toma para administrar o dinheiro, enquanto a atitude financeira é a mentalidade subjacente e a emoção que se tem em relação ao dinheiro.

Os dois conceitos podem ter um impacto significativo na saúde financeira de uma pessoa, ainda mais que os conhecimentos financeiros. Este estudo propõe uma visão prática da temática, tornando-se num complemento para as investigações previamente realizadas e pretende analisar e resolver possíveis problemas que possam existir nas práticas da gestão do dinheiro.

Já para definir o perfil de risco, é importante considerar o nível de conhecimento para calcular o VaR (Valor Anual em Risco), depois são identificados os objetivos financeiros para se calcular o prazo do investimento. Posteriormente é analisada a situação financeira para definir o tamanho da carteira de investimentos e o nível de exposição ao risco.

Tabela 1 Estrutura do Inquérito

I - <u>Caracterização Do Inquirido</u>	
1ª Parte	1 – Idade 2- Sexo 3 – Residência 4 - Rendimento mensal líquido da Família 5 – Escolaridade 6 - Qual a sua situação familiar? 7 - Em que situação laboral ou ocupacional se encontra? 8 - Com quem habita habitualmente?
II – <u>Literacia Financeira</u>	
2ª Parte	<ul style="list-style-type: none"> • Comportamentos Financeiros • Conhecimentos Financeiros • Valores Financeiros
III – <u>Perfil De Risco</u>	
3ª Parte	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimentos de mercados e produtos financeiros • Grau de familiarização com investimentos • Experiência e frequência dos investimentos • Situação Financeira • Objetivos de Investimento

O estudo iniciou-se com um inquérito, o qual foi dividido em três partes (Tabela 1). A primeira sendo a caracterização dos indivíduos. A segunda parte visa analisar a literacia financeira do inquirido, avalia aspetos como os conhecimentos financeiros, o comportamento financeiro e as atitudes financeiras. Por último, a terceira parte, examina o perfil de risco de cada indivíduo para depois ser feita uma análise do mesmo para posterior comparação com a sua literacia financeira.

O inquérito foi elaborado com base no 3.º Inquérito à Literacia Financeira da População Portuguesa redigido pelo Banco de Portugal, a Comissão do Mercado de Valores Mobiliários e a Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões e um Questionário para Avaliação de Conhecimentos e Experiência e Perfil de Risco – Particular de uma Instituição Bancária.

A literacia financeira é determinada em função do número de respostas corretas que é atribuído um valor a cada resposta correta. A escala utilizada é de 0 a 100, de acordo com os seguintes critérios usados no 3.º Inquérito À Literacia Financeira da População Portuguesa:

- Comportamentos Financeiros: 45% - 38 questões que variam entre 0,5 a 2%
- Conhecimentos Financeiros: 35% - 46 questões que variam entre 0,25 a 1%
- Valores Financeiros: 20% - 12 questões que variam entre 0,5 a 2%

Posteriormente o indivíduo/investidor é classificado, de acordo com a percentagem obtida, em uma das seguintes classes:

- **Conhecimento elevado** – igual ou superior a 80% - Literacia financeira de nível elevado. Compreende e interpreta com facilidade conceitos/noções básicas de finanças pessoais;

- **Conhecimento médio** – entre 60% e 79% - Literacia financeira de nível intermédio. Revela algumas dificuldades na compreensão dos conceitos básicos das finanças

- **Conhecimento baixo** – abaixo de 60% - Literacia financeira de nível baixo. Revela muitas dificuldades na compreensão dos conceitos básicos das finanças e uma média/fraca gestão do seu dinheiro.

- **Conhecimento muito baixo** – abaixo de 40% - Literacia financeira de nível baixo. Tem uma má compreensão dos conceitos básicos das finanças e faz uma má gestão do seu dinheiro.

O perfil de risco é analisado numa escala de 0 a 18 de acordo com os pontos obtidos, em um dos seguintes critérios:

Conservador: 0 – 6 pontos

Para investidores que procuram baixo risco e baixa exposição ao mercado acionista:

- Até 10% de exposição ao mercado acionista
- VaR (Value at Risk) menor ou igual a 5%
- Horizonte temporal recomendado: mínimo 3 anos

Moderado: 7 – 12 pontos

Para investidores que procuram um equilíbrio entre risco e rentabilidade, assumem um risco médio e uma exposição moderada ao mercado acionista:

- Até 30% de exposição ao mercado acionista
- VaR (Value at Risk) menor ou igual a 10%
- Horizonte temporal recomendado: mínimo 3 anos

Dinâmico: 13 – 18 pontos

Para investidores que podem assumir um risco alto e uma exposição elevada ao mercado acionista:

- Até 75% de exposição ao mercado acionista
- É aceite um VaR (Value at Risk) menor ou igual a 15%
- Horizonte temporal recomendado: mínimo 5 anos

Nesta dissertação realiza-se uma análise quantitativa. A análise quantitativa procura coletar dados, permitindo analisar comportamentos, opiniões ou mesmo expectativas, utilizando os números, as métricas e os cálculos matemáticos como ferramentas de

confirmação. O estudo quantitativo permite provar ou demonstrar os factos, quantificando um fenómeno (Rosa, V., 2021).

Pesquisas quantitativas são habitualmente utilizadas em situações onde o objetivo é validar uma hipótese de forma estatística. Vão ser estimados modelos pelos métodos dos mínimos quadrados.

Tendo em conta que o principal objetivo deste estudo é medir a influência da literacia financeira no perfil de risco de um investidor, pretende-se identificar os vários perfis de risco e os diferentes níveis de literacia dos participantes.

Para atingir este objetivo foram definidas questões e hipóteses de pesquisa que servem como ferramentas essenciais para a condução de uma pesquisa rigorosa e significativa e também para auxiliar a estruturar a pesquisa, guiar a coleta e análise de dados, bem como comunicar de forma eficaz os resultados e descobertas para uma mais fácil compreensão.

As questões de pesquisa desta dissertação são:

- 1- Como está a literacia financeira dos portugueses?
- 2- Quais são os perfis de risco dos portugueses?
- 3- A literacia financeira influencia o perfil de risco dum investidor?

As hipóteses de pesquisa desta dissertação são:

H1 – A literacia financeira dos participantes é influenciada pelas características individuais de um individuo, como o nível de escolaridade ou a situação laboral?

H2- – Existe uma relação significativa entre a literacia financeira e os comportamentos e atitudes em relação ao planeamento financeiro?

H3 – Maior literacia financeira está associada a um maior controlo sistemático das finanças pessoais e a uma implementação mais efetiva de estratégias para alcançar objetivos de poupança a longo prazo?

H4- – Existe uma relação significativa entre a literacia financeira e os conhecimentos em relação aos investimentos financeiros?

H5 – Um indivíduo com bons conhecimentos financeiros e o hábito de se manter informado sobre a evolução dos mercados e produtos financeiros têm uma influência significativa na literacia financeira dos indivíduos?

H6 – Há relação entre a predisposição em investir e o nível de literacia financeira dos participantes?

H7 – Há relação entre preferência entre o risco e a rendibilidade e a literacia financeira dos participantes?

H8 – O perfil de risco dos participantes é influenciado pelas características individuais de um indivíduo?

H9 – As mulheres têm tendência a ter um perfil de risco mais conservador?

H10 – O estado civil e situação laboral são grandes influenciadores do perfil de risco?

H11 – Indivíduos com rendimento mais elevado tendem a apresentar um perfil de risco mais agressivo em suas decisões financeiras?

H12 – A importância que os valores e os comportamentos financeiros tem no perfil de risco.

H13 – Os participantes com objetivos financeiros bem definidos tendem a apresentar um perfil de risco mais equilibrado e moderado?

H14 – Participantes que tendem a comprar de forma impulsiva e que têm uma mentalidade de "viver o presente" e estão financeiramente a manter-se possuem perfis de risco mais agressivos em comparação com os que se preocupam com o futuro?

H15 – O valor que os participantes dão ao dinheiro e a maneira como o gastam é grande influenciadora dos perfis de risco?

H16 – As atitudes e os conhecimentos financeiros sobre os investimentos são grandes diferenciadores dos perfis de risco?

H17 – Indivíduos que já investiram em produtos financeiros e se mantêm informados sobre a evolução dos mercados e produtos financeiros tendem a ter um perfil de risco mais equilibrado e orientado para o longo prazo?

H18 – Indivíduos com rendimentos bastante superiores aos custos correntes tendem a ter um perfil de risco mais agressivo?

H19 – O perfil de risco é influenciador da literacia financeira?

H20 – Indivíduos com maior literacia financeira tendem a demonstrar maior disposição para assumir riscos calculados ao realizar investimentos em produtos financeiros?

H21 – Indivíduos com um elevado grau de literacia financeira geralmente tem um perfil de risco mais moderado?

Para responder as questões Q1- Como está a literacia financeira dos portugueses? e Q2- Quais são os perfis de risco dos portugueses? São analisadas as respostas ao inquérito segundo os critérios referidos anteriormente na metodologia e avaliadas as respostas dos participantes.

Os modelos de regressão linear, acompanhados da análise de componentes principais (PCA) e a covariância, servem de apoio para responder a questão principal do estudo Q3 - A literacia financeira influencia o perfil de risco dum investidor? Permitindo analisar a relação entre a literacia financeira e o perfil de risco dos investidores, ajudando a identificar tendências, simplificar a interpretação dos dados e avaliar a natureza da conexão entre essas variáveis, contribuindo para a resposta à pergunta principal do estudo.

Inicialmente mede-se a covariância com o apoio da ferramenta E-Views, entre as variáveis LF, PR, Id_i , Sx_i e QRD para se ver as relações entre as mesmas. Posteriormente, para analisar as hipóteses de investigação são usados os seguintes modelos de regressão linear múltiplos:

Modelos de regressão para a literacia financeira:

$$LF_i = \beta_0 + \beta_1 Id_i + \beta_2 Sx_i + \beta_3 Ed_i + \beta_4 SL_i + \epsilon_i \quad (1)$$

$$LF_i = \beta_0 + \beta_1 DR_i + \beta_2 C_i + \beta_3 Ob_i + \beta_4 IF_i + \epsilon_i \quad (2)$$

$$LF_i = \beta_0 + \beta_1 DR_i + \beta_2 Ob_i + \beta_3 Cf_i + \beta_4 Ev_i + \epsilon_i \quad (3)$$

$$LF_i = \beta_0 + \beta_1 DR_i + \beta_2 Ob_i + \beta_3 Cf_i + \beta_4 Ev_i + \beta_5 P_i + \epsilon_i \quad (4)$$

Modelos de regressão para o perfil de risco:

$$PR_i = \beta_0 + \beta_1 Id_i + \beta_2 Sx_i + \beta_3 Rd_i + \beta_4 SF_i + \beta_5 SL_i + \epsilon_i \quad (5)$$

$$PR_i = \beta_0 + \beta_1 Sx_i + \beta_2 OF_i + \beta_3 DR_i + \beta_4 T_i + \beta_5 P_i + \beta_6 Se_i + \epsilon_i \quad (6)$$

$$PR_i = \beta_0 + \beta_1 Sx_i + \beta_2 EV_i + \beta_3 Inv_i + \beta_4 Cc_i + \beta_5 P_i + \epsilon_i \quad (7)$$

Em que LF_i representa o grau de literacia financeira do individuo i e Pr_i representa o perfil de risco do individuo i . O coeficiente β_0 é a constante da regressão, que representa a literacia financeira do individuo i que não é explicada pelas variáveis explicativas do modelo. Tendo cada uma dessas variáveis um coeficiente de regressão associado: β_1 , β_2 , β_3 e β_4 , que representam as sensibilidades da variável explicada, literacia financeira ou do perfil de risco, do inquirido i face à oscilação da variável explicativa associada:

Id_i = Idade do individuo i .

Sx_i = Sexo do individuo i .

Ed_i = Escolaridade do individuo i .

SL_i = Situação Laboral do individuo i .

DR_i = Disposição para assumir riscos do individuo i .

C_i = Controlo das finanças pessoais do individuo i .

Ob_i = Objetivos de poupança do individuo i .

IF_i = Impacto das finanças pessoais do individuo i .

Cf_i = Conhecimentos Financeiros do individuo i .

EV_i = Manutenção da informação sobre a evolução dos mercados e produtos financeiros do individuo i .

P_i = Preferência Risco e Rendibilidade do individuo i .

SF_i = Situação familiar do individuo i .

QRd_i = Rendimento Mensal da família do indivíduo i.

OF_i = Objetivos Financeiros do indivíduo i.

T_i = Tendência a comprar de forma impulsiva do indivíduo i.

P_i = Prioridades do indivíduo i ao presente em detrimento do futuro.

Se_i = Sentimento do indivíduo i de estar apenas a manter-se financeiramente.

Inv_i = Indivíduo i investiu em produtos financeiros

Cc_i = Relação entre os rendimentos e os custos correntes do indivíduo i.

ε_i = Perturbação aleatória do modelo referente ao inquirido i.

Na estimação dos modelos é utilizado o software EViews - versão 5. Os modelos analisados são estimados pelo método dos mínimos quadrados que minimiza a soma dos quadrados dos resíduos. Os estimadores obtidos por este método detêm três propriedades essenciais: cênicos, consistentes e eficientes perante determinadas hipóteses em que os termos de perturbação seguem um processo aleatório puro, nomeadamente:

$$E(u_i) = 0, \forall_i \quad (3.5)$$

$$V(u_i) = \sigma^2, \forall_i \text{ (Homocedasticidade)} \quad (3.6)$$

$$COV(u_i, u_j) = 0, \forall_{i,j} \text{ A } i, j: i \neq j \text{ (Ausência de autocorrelação)} \quad (3.7)$$

$$u_i \sim N(0, \sigma^2), \forall_i \quad (3.8)$$

Se os estimadores obtidos pelo método dos mínimos quadrados ordinários dos parâmetros do modelo deixam de ter variância mínima, as estatísticas F e T dos respetivos testes de significância individual e global proporcionam resultados incorretos (Nickerson, 2000).

Para concluir qual o modelo mais adequado incorre-se em alguns testes estatísticos: (1) teste de significância individual dos parâmetros do modelo baseia-se na Estatística T através de um teste de hipótese nula $H_0: \beta_j = 0$ ($j=1,2,3$), (2) o coeficiente de determinação (R^2) e/ou coeficiente de determinação ajustado (R^2 Ajustado) e (3) teste de significância global do modelo baseado na estatística F.

Por fim, seleciona-se o melhor modelo, de entre os que apresentam melhores resultados.

O nível de significância estatística utilizado nos testes estatísticos é de 5%, definido como erro do Tipo I, que admite a possibilidade, de se rejeitar a hipótese nula sendo esta verdadeira. Os coeficientes estatisticamente significativos (a um nível de significância de 5%) estão assinalados a negrito.

Existem quatro combinações possíveis para o teste de hipótese nula, de acordo com o explicitado na Tabela 2

Tabela 2 Teste de significância individual.

<i>Decisão afeta a H_0</i>	Estado de H_0	
	Falso	Verdadeiro
<i>Rejeita H_0</i>	Rejeição correta	Erro tipo I
<i>Não Rejeita H_0</i>	Erro tipo II	Não-rejeição correta

Em relação aos modelos propostos segue-se a metodologia de efetuar o teste de significância individual dos parâmetros (estatística $T > 1,96$), com o objetivo de eliminar variáveis independentes contidas nos modelos que não sejam individualmente (estatisticamente) significativas para explicar a variável independente. Assim, caso seja necessário, estimam-se novos modelos, mas sem as variáveis estatisticamente não significativas.

O Teste de Significância Global tem como objetivo verificar se os coeficientes associados às variáveis explicativas proposta nos modelos são simultaneamente nulas, que é formulada através das seguintes hipóteses:

$$H_0 = \beta_1 = \beta_2 = \dots = \beta_k = 0;$$

$$H_1 = \beta_1 \neq 0 \vee \beta_2 \neq 0 \vee \dots \vee \beta_k \neq 0$$

Nas tabelas com os resultados dos modelos em análise contem as estimativas dos coeficientes das regressões, os valores em parêntesis correspondem aos p-values (probabilidades associadas aos valores amostrais da estatística) que permitem avaliar a significância estatística de cada coeficiente. Nas tabelas evidenciam-se ainda os indicadores

de medida da qualidade do ajustamento são eles o coeficiente de determinação (R^2), o coeficiente de determinação ajustado (R^2 Ajustado) e o p-value da estatística F.

Também foi usada a covariância como apoio para o estudo. Esta é uma medida estatística que descreve a relação conjunta entre duas variáveis aleatórias. Neste estudo, a covariância serve para avaliar a relação conjunta entre a literacia financeira e o perfil de risco do investidor. Se a covariância entre essas variáveis for positiva, isso sugere que, à medida que a literacia financeira aumenta, o perfil de risco tende a aumentar. Por outro lado, se a covariância for negativa, indica que à medida que a literacia financeira aumenta, o perfil de risco tende a diminuir.

Por fim é feita uma Análise de Componentes Principais (PCA) que serve para simplificar a análise exploratória dos dados. A PCA é uma técnica de redução de dimensionalidade que ajuda a identificar padrões e relações entre variáveis. Esta simplifica a interpretação dos dados ao reduzir a complexidade das variáveis envolvidas. Isso ajuda a identificar padrões subjacentes ou agrupamentos de variáveis relacionadas à literacia financeira e ao perfil de risco, facilitando a compreensão dessas relações.

4. Análise E Discussão Dos Resultados

Nesta secção, são apresentados e discutidos os resultados obtidos com base na amostra utilizada, com o objetivo de analisar a relação entre a literacia financeira e o perfil de risco do investidor.

A discussão dos resultados permite explorar as implicações práticas dos mesmos e como estes podem ser utilizados para melhorar a capacidade dos investidores para avaliar e gerir o risco e, conseqüentemente, realizar melhores investimento.

4.1. Amostra

A caracterização da amostra é uma etapa muito importante no processo de análise de dados de uma pesquisa ou inquérito. Nessa etapa, foram examinados os dados recolhidos e identificadas as principais características dos indivíduos que participaram da pesquisa. Isso inclui informações como idade, género, escolaridade, localização geográfica, entre outros dados demográficos relevantes.

A caracterização da amostra permite conhecer as características dos indivíduos em análise e avaliar a representatividade da amostra em relação à população total. A caracterização da amostra também ajuda a identificar possíveis vieses ou limitações nos resultados da pesquisa. A amostra utilizada nesta dissertação é uma amostra por conveniência, não probabilística e com dados recolhidos através da distribuição online do inquérito apresentado posteriormente no anexo. A amostra em análise é constituída por 105 indivíduos, sendo 54 homens e 51 mulheres (Figura 10), é assim uma amostra relativamente equilibrada, com uma ligeira vantagem para os homens.

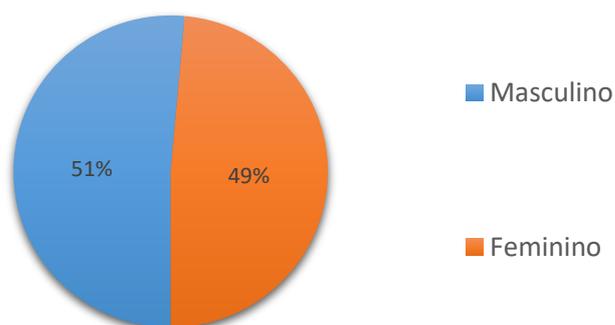


Figura 10 Género

Tabela 3 Distribuição do género pelos diferentes perfis:

<i>Perfil de Risco</i>	Defensivo	Moderado	Dinâmico
<i>Feminino</i>	17	24	10
<i>Masculino</i>	8	24	22

Segundo os resultados do inquérito podemos notar que o perfil de risco "Defensivo" tem uma maior representação entre as respostas masculinas, enquanto o perfil "Moderado" é equilibrado entre ambos os géneros. As participantes do sexo feminino tiveram mais tendência a escolher perfis mais conservadores, estando o perfil moderado como o principal adotado consoante os objetivos e preferências de risco e rendibilidade, e o defensivo como secundário. Já os participantes do sexo masculino se distribuíram igualmente pelos perfis moderado e dinâmico, ficando a menor parte pelo perfil defensivo, mostrando que o género masculino está mais propensos a correr riscos financeiros (tabela 3)

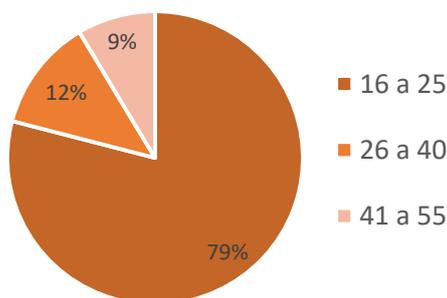


Figura 11 Idade

Tabela 4 Distribuição das idades pelos diferentes perfis de risco:

	Defensivo	Moderado	Dinâmico	Total Geral
<i>16 a 25</i>	21	35	27	83
<i>26 a 40</i>	2	7	4	13
<i>41 a 55</i>	2	6	1	9

Da análise à Figura 11 a faixa etária dos participantes varia dos 16 aos 55 anos. A amostra é relativamente jovem, com o maior grupo composto por indivíduos de 16 a 25 anos (83 pessoas), seguido pelo grupo de 26 a 40 anos (13 pessoas). Embora haja um número significativo de adultos jovens e maduros, há apenas 9 pessoas com idades entre 41 e 55 anos. Também vemos que em todas as idades, segundo a tabela 4 de distribuição das idades pelos perfis que o perfil moderado é o mais escolhido dentro todas as idades e que, como se era de esperar o perfil dinâmico também foi muito adotado pelos dois grupos mais jovens e que o defensivo teve a sua maior significância para o grupo mais envelhecido.

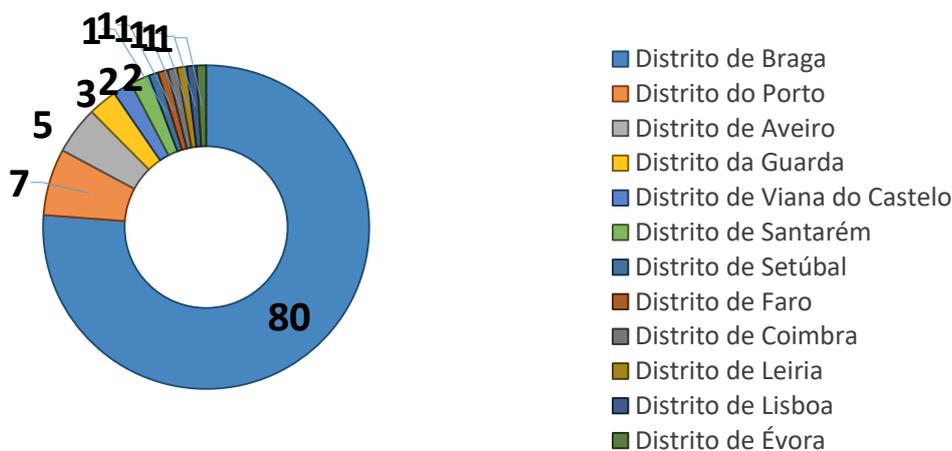


Figura 12 Residência

De acordo com a Figura 12 os participantes do estudo são oriundos de diferentes distritos de Portugal continental, com maior predominância do distrito de Braga, que representam 81% do total da amostra (80 indivíduos). Os distritos do Porto, Aveiro, Guarda, Viana do Castelo e Santarém apresentam 7, 5, 3, 2, 2 inquiridos respetivamente. Nos distritos de Setúbal, Faro, Coimbra, Leiria, Lisboa e Évora apenas existe um inquirido em cada um dos distritos.



Figura 13 Rendimento mensal líquido da Família

Tabela 5 Rendimento mensal líquido da família distribuído pelos perfis de risco

	Defensivo	Moderado	Dinâmico	Total Geral
Sem Rendimento	1	1	1	3
≤1.000€	7	6	3	16
1.001 a 2.000€	6	16	6	28
2.001 a 3.000€	7	11	13	31
3.001 a 5.000€	3	13	7	23
>5.000	1	1	2	4
Total Geral	25	48	32	105

Constata-se da tabela 5 que 3 não têm rendimentos, 16 tiveram um rendimento mensal líquido da família abaixo dos 1000€ e 28 tiveram um rendimento entre 1001 e 2000 €. A maioria, 31 indivíduos, teve o seu rendimento familiar líquido compreendido entre os 2001 e os 3000 €, há também um número significativo de participantes com rendimentos mensais entre os 3001 e os 5000 €, 23 indivíduos e apenas 4 participantes recebiam mais de 5000 € mensais. Os dados sugerem que grande parte dos participantes do inquérito apresenta um rendimento baixo (Figura 13).

De acordo com Tabela 5 o perfil Moderado está a dominar as faixas de rendimentos, “1.001 a 2.000€” e “3.001 a 5.000€”. Como esperado, investidores com rendimentos mais baixos ($\leq 1.000€$) parecem preferir perfis mais defensivos, enquanto investidores com rendimentos mais altos (2.001€ a 3.000€ e 3.001€ a 5.000€ e $> 5.000€$) mostram uma inclinação para os perfis Dinâmicos.

Tabela 6 Escolaridade distribuída pelos diferentes perfis de risco

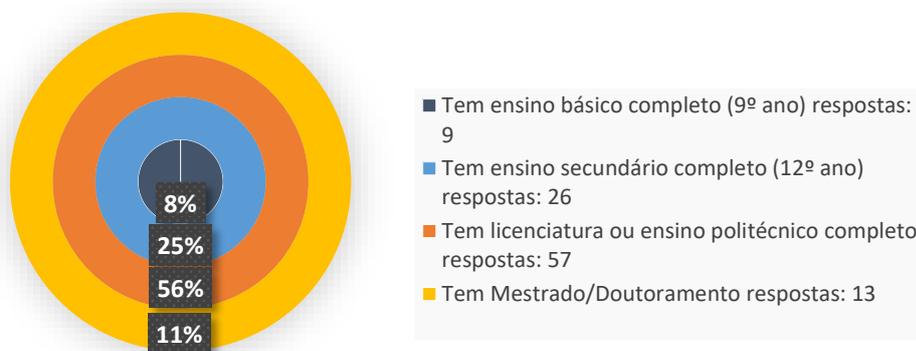


Figura 14 Escolaridade

	Defensivo	Moderado	Dinâmico	Total Geral
Tem ensino básico completo (9º ano)	0	6	3	9
Tem ensino secundário completo (12º ano)	4	16	6	26
Tem licenciatura ou ensino politécnico completo	18	20	19	57
Tem Mestrado/Doutoramento	3	6	4	13
Total Geral	25	48	32	105

Sobre o nível de escolaridade, a Figura 14 revelou que a fatia mais baixa era composta por 9 participantes, estes com apenas o 9º ano de escolaridade concluído. Isso era esperado, visto que a maioria dos inquiridos era jovem e, portanto, em idade escolar obrigatória, com muitos deles completando o ensino secundário. Havia 26 participantes que não avançaram além do 12º ano, enquanto surpreendentemente, 57 participantes tinham concluído a licenciatura ou o ensino politécnico, e 13 deles já tinham concluído o mestrado.

Esses dados sugerem que a população estudada tinha um nível geralmente alto de escolaridade, com um número significativo de participantes possuindo educação superior. No entanto, é notável que, apesar do nível de escolaridade elevado, a Tabela 6 mostrou que a maioria dos participantes optou por perfis de investimento mais agressivos, com o perfil defensivo sendo o menos escolhido e o moderado sendo o mais habitual.

Deve-se realçar que três participantes com alta literacia financeira e bons níveis de educação (dois com mestrado e outro com licenciatura ou ensino politécnico completo) tenham optado por um perfil de risco mais agressivo (dinâmico). Este comportamento pode ser explicado pelo grau de aversão ao risco dos inquiridos desempenhem um papel na escolha do perfil de investimento.

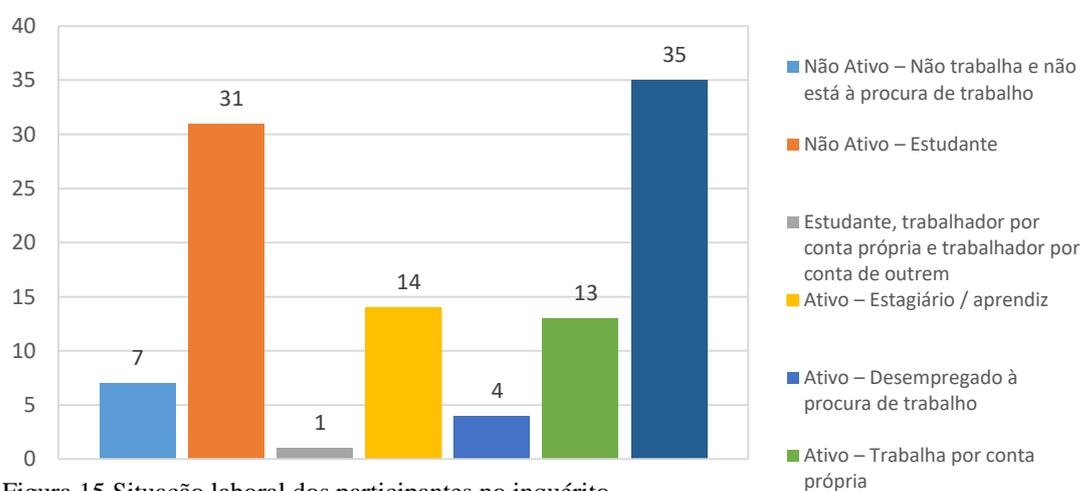


Figura 15 Situação laboral dos participantes no inquérito

A situação laboral dos inquiridos está representada na Figura 16. Destes 31 são estudantes e 14 estagiários/aprendizes, havendo ainda 7 que não trabalham nem estão à procura de trabalho. Dos que trabalham, apenas 4 estão desempregados, 13 trabalham por conta própria, mas a maioria, 35 participantes, trabalham por conta de outrem. Houve apenas um participante que trabalha e estuda simultaneamente.

Tabela 7 Literacia financeira pela situação laboral e nível de escolaridade

	Nível De Literacia Financeira			
	1	2	3	4
Ativo – Desempregado à procura de trabalho		4		
Tem ensino secundário completo (12º ano)		2		
Tem licenciatura ou ensino politécnico completo		2		
Ativo – Estagiário / aprendiz		10	4	
Tem ensino básico completo (9º ano)		1		
Tem ensino secundário completo (12º ano)		1		
Tem licenciatura ou ensino politécnico completo		7	2	
Tem Mestrado/Doutoramento		1	2	
Ativo – Trabalha por conta de outrem		22	11	2
Tem ensino básico completo (9º ano)			2	
Tem ensino secundário completo (12º ano)		13	3	
Tem licenciatura ou ensino politécnico completo		8	5	1
Tem Mestrado/Doutoramento		1	1	1
Ativo – Trabalha por conta própria		4	8	1
Tem ensino básico completo (9º ano)		1		
Tem ensino secundário completo (12º ano)		1		
Tem licenciatura ou ensino politécnico completo		2	8	
Tem Mestrado/Doutoramento				1
Estudante, trabalhador por conta própria e trabalhador por conta de outrem	1			
Tem Mestrado/Doutoramento	1			
Não Ativo – Estudante	1	24	6	
Tem ensino básico completo (9º ano)		1		
Tem ensino secundário completo (12º ano)		4	1	
Tem licenciatura ou ensino politécnico completo	1	15	5	
Tem Mestrado/Doutoramento		4		
Não Ativo – Não trabalha e não está à procura de trabalho		6	1	
Tem ensino básico completo (9º ano)		4		
Tem ensino secundário completo (12º ano)			1	
Tem licenciatura ou ensino politécnico completo		1		
Tem Mestrado/Doutoramento		1		
Total Geral	2	70	30	3

Tabela 8 Perfil de risco pela situação laboral e nível de escolaridade

	Perfis De Risco		
	Defensivo	Moderado	Dinâmico
Ativo - Desempregado à procura de trabalho		3	1
Ativo - Estagiário / aprendiz	4	6	4
Ativo - Trabalha por conta de outrem	10	19	6
Ativo - Trabalha por conta própria	3	2	8
Estudante, trabalhador por conta própria e trabalhador por conta de outrem		1	
Não Ativo - Estudante	8	12	11
Não Ativo - Não trabalha e não está à procura de trabalho		5	2
Total Geral	25	48	32

Espera-se que pessoas com maior escolaridade e empregos estáveis tivessem, em geral, maior literacia financeira. No entanto, ao analisar a Tabela 7, observa-se que entre aqueles mais escolarizados, encontra-se uma maior diversidade de níveis de literacia financeira. Além disso, é evidente que os participantes empregados e com maior escolaridade tendem a apresentar níveis mais elevados de literacia financeira em comparação com aqueles que não estão no mercado de trabalho.

É de salientar que os estudantes frequentemente apresentam níveis muito baixos de literacia financeira, enquanto os trabalhadores por conta própria ou empregados tendem a ter níveis mais altos. Adicionalmente, a média da literacia financeira é notavelmente inferior entre os estudantes. Isso indica que, embora a educação e a estabilidade no emprego possam influenciar a literacia financeira, existem variações significativas dentro desses grupos, sugerindo que outros fatores desempenham um papel relevante na determinação da literacia financeira dos indivíduos.

A tabela 8, evidencia que os trabalhadores por conta de outrem têm perfis mais defensivos, predomina o perfil moderado e defensivo. Como é previsível, os trabalhadores por conta própria são o contrário pois estão mais dispostos a arriscar/investir portanto é esperado que tenham perfis mais agressivos, sendo o dinâmico o mais predominante.

Os inquiridos que estão desempregados e para os que não estão ativos constata-se uma predominância do perfil moderado e depois do perfil dinâmico, não foi constatado um único com perfil defensivo. Da mesma forma também os estudantes tiveram o moderado como o mais adotado diferenciando-se apenas em uma pessoa do dinâmico e o defensivo com o menor número de indivíduos, mostrando que estes estão mais propensos ao risco do que o esperado apesar que estão todos muito bem equiparados não havendo grande

discrepância entre eles. Por mim os estagiários tiveram o perfil moderado como o mais adotado e o defensivo e o dinâmico com o mesmo número de indivíduos.

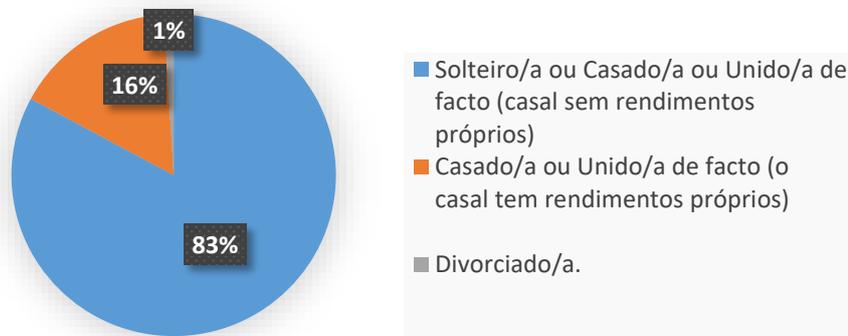


Figura 16 Situação familiar

Pela Figura 16, pode-se constatar que a maioria dos participantes do estudo, 87 indivíduos, é solteiro, casado, ou em união de facto, mas não partilhava rendimentos. Apenas 17 participantes estão casados ou em união de facto e partilham rendimentos. E apenas um divorciado dentro dos participantes

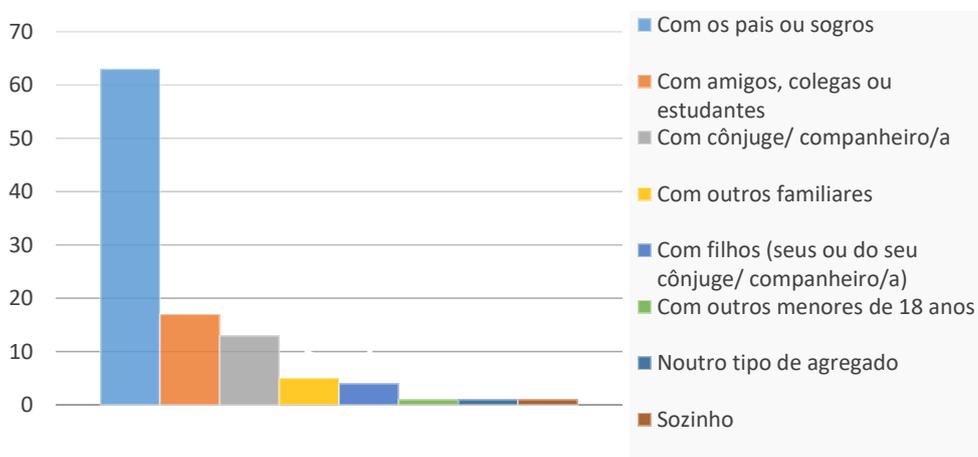


Figura 17 Habitação

Em relação à habitação (Figura 17) a maioria dos participantes vive com os pais (63 participantes) e outros com amigos, colegas ou estudantes (17 participantes). Seguido de 13 participantes que vivem com o seu cônjuge ou companheiro/a, enquanto os restantes participantes vive em outros tipos de agregados familiares.

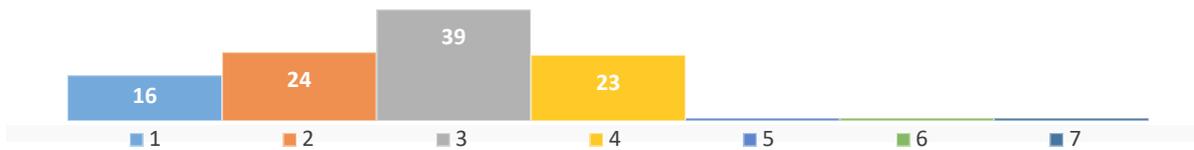


Figura 18 Adultos no agregado familiar

Apenas 16 participantes tem um adulto no seu agregado, enquanto a maioria era composta por dois ou três adultos, sendo três adultos o mais comum, representando 24 e 39 participantes, respetivamente. Dos mesmos, 23 relataram ter 4 adultos em seu agregado, enquanto apenas uma pessoa morava com 5, outra com 6 e outra com 7 adultos (Figura 18)

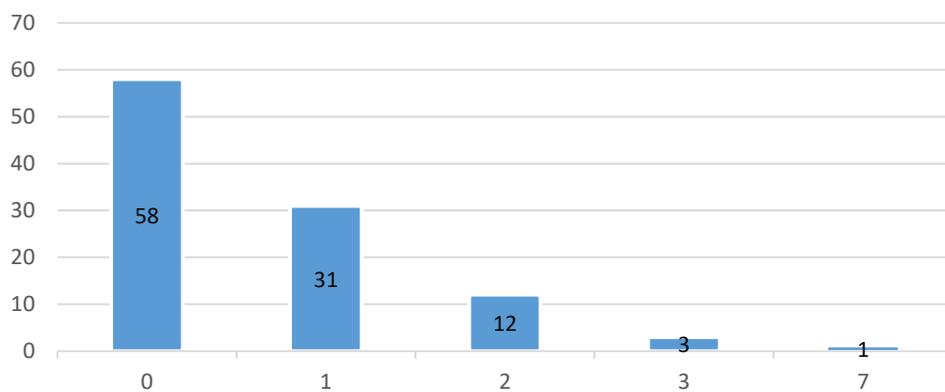


Figura 19 Dependentes no agregado familiar

A maioria, 58 participantes não têm dependentes em seu agregado familiar. Com um dependente existem 31 participantes, 12 com dois dependentes e 3 têm três dependentes. Há ainda um participante com sete dependentes no seu agregado familiar (Figura 19).

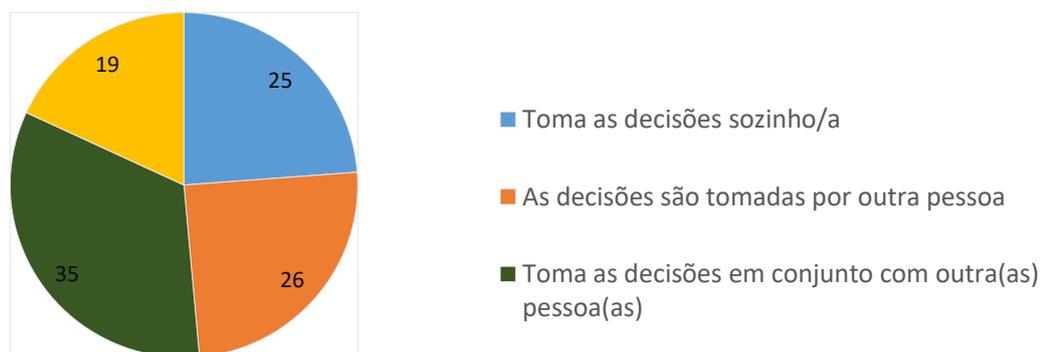


Figura 20 Responsabilidade nas decisões financeiras

A Figura 20 apresenta as tomadas de decisões financeiras dos participantes no quotidiano. Constata-se que 26 participantes não tomam nenhuma decisão financeira no seu agregado. Dos 79 que tomam decisões financeiras, apenas 19 o fazem em conjunto com o seu cônjuge, 25 são responsáveis por tomar as decisões sozinhos, e a maior parte, 35 participantes, tomam em conjunto com outra(s) pessoa(s), representado pela Figura 20.

Observando o panorama demográfico geral, podemos inferir que a maioria dos participantes deste estudo está na faixa etária entre 16 e 25 anos, reside no distrito de Braga e possui licenciatura e/ou está em processo de concluir estudos de mestrado ou doutorado. Os rendimentos médios mensais dos participantes são de 1000 a 3000 euros, sendo que a maioria é solteira e não compartilha rendimentos com seu cônjuge ou companheiro. A grande parte dos participantes é trabalhador por conta de outrem ou é estudante.

Pode-se inferir que a maioria dos participantes reside com os seus pais ou sogros e que os agregados familiares é composto entre dois a quatro adultos e um ou nenhum menor. Isso resulta em uma média cada agregado familiar é constituído por três ou quatro elementos. A grande maioria dos participantes possui poder de decisão financeira dentro dos seus agregados familiares, sendo que cerca de 25% não têm voz ativa nessas decisões.

Após caracterizada a amostra, realiza-se a análise estatística da amostra para identificar padrões, relações e tendências nos dados recolhidos. Análise que pretende responder às três primeiras questões de investigação.

4.2 Análise Estatística

Depois de revistas as respostas ao questionário e avaliadas segundo os critérios referidos na metodologia foram separados em diferentes grupos de literacia financeira e perfis de risco, demonstrados pelas Figuras 21 e 22

De acordo com a Figura 21 a literacia financeira dos inquiridos da amostra é baixa, com 72 participantes (70%) com literacia financeira baixa e um com muito baixa. Dos participantes 30 tem uma literacia financeira média e apenas um tem uma literacia financeira elevada. Quanto ao perfil de risco, a Figura 23, evidencia que o perfil de risco está relativamente bem distribuído sendo o mais predominante o perfil moderado com 49 participantes, o perfil mais agressivo (dinâmico) assumiu a segunda posição com 32 participantes e por fim o perfil conservador com 25 participantes.

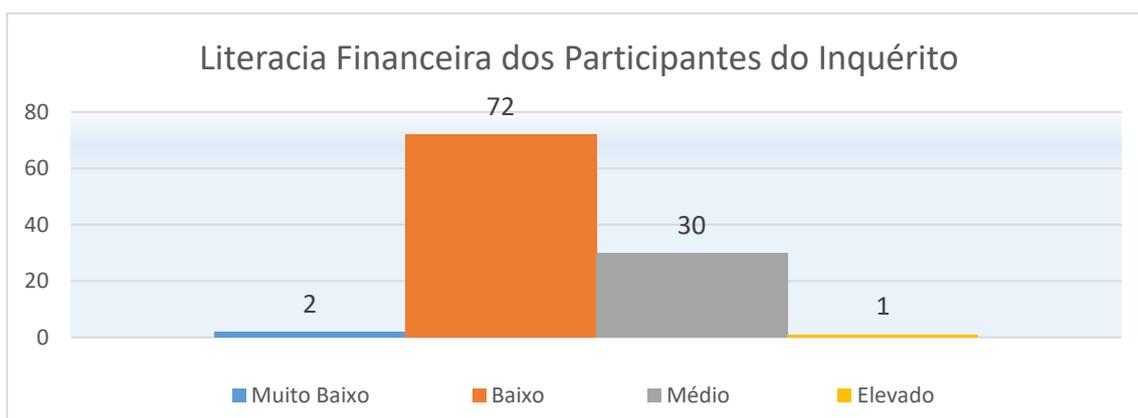


Figura 21 Literacia financeira dos participantes

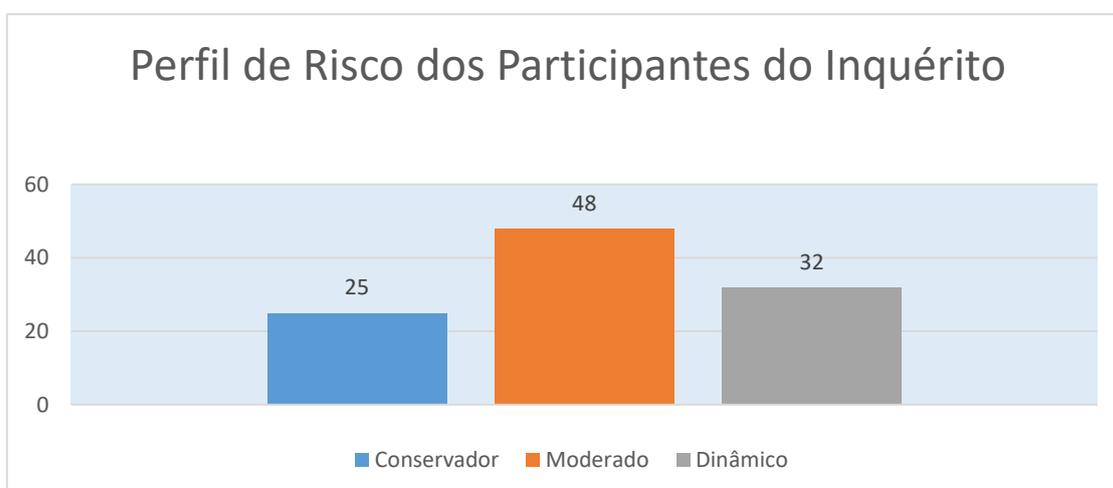


Figura 22 Perfil de risco dos participantes

Depois de separados os vários graus de literacia e os vários perfis de risco foi realizada uma análise descritiva das principais variáveis LF e PR.

Tabela 9 Análise descritiva

	LF	PR
Média	2.323810	2.066667
Mediana	2.000000	2.000000
Máximo	4.000000	3.000000
Mínimo	1.000000	1.000000
Std. Dev.	0.563219	0.737285
Assimetria	0.886165	-0.104570
Curtose	3.556585	1.861049
Jarque-Bera	15.09785	5.866647
Probabilidade	0.000527	0.053220
Observações	105	105

Segundo as Figuras 18 e 19 e a Tabela 9, numa escala que varia de 1 a 4 para classificar o grau de literacia financeira dos inquiridos, respetivamente em muito baixo, baixo, médio e elevado. E para o perfil de risco a escala varia de 1 a 3, respetivamente em conservador, moderado e dinâmico. A mediana está nos 2 tanto para LF (conhecimento baixo) como para PR (perfil de risco moderado). E a moda também se encontra no 2, daí que a maior parte dos participantes um conhecimento baixo e um perfil de risco moderado,

A média da literacia financeira encontra-se um pouco acima dos 2 com um desvio padrão de cerca de 0,563, evidencia que na amostra em análise os inquiridos evidenciam uma baixa literacia financeira. O perfil de risco dos participantes é moderado, com aproximadamente 2,07 e com um desvio padrão de 0,737 (Tabela 9).

O teste de Jarque-Bera um teste de qualidade de ajuste para verificar se os dados da amostra têm a assimetria (skewness) e a curtose (kurtosis) correspondentes a uma distribuição normal. O valor de Jarque-Bera foi de 15.09 o que indica que há evidências suficientes para rejeitar a hipótese de que os dados apresentam uma distribuição normal, pois o valor é significativamente maior do que o valor crítico (para um nível de significância de 0.05, o valor crítico é 5.99).

A covariância é uma medida estatística que indica como duas variáveis estão relacionadas entre si. Esta mede a direção da relação (se positiva ou negativa) e a intensidade dessa relação.

Tabela 10 Covariância

	LF	PR	Id _i	Sx _i	ORd _i
LF	0.314195	0.149841	-0.000363	0.062041	-0.048345
PR	0.149841	0.538413	-0.019683	0.099048	0.122540
Id _i	-0.000363	-0.019683	0.379501	-0.008980	-0.021950
Sx _i	0.062041	0.099048	-0.008980	0.249796	0.010612
ORd _i	-0.048345	0.122540	-0.021950	0.010612	1.765624

Neste caso, e como era espectável, a Tabela 10 mostra que LF (Literacia Financeira) tem uma relação positiva com o Perfil de Risco (PR) e vice-versa. A literacia financeira esta positivamente associada ao Género e ao perfil de risco, o qual além da literacia financeira, mas também está positivamente associado com o género (Sx_i) e ao rendimento mensal líquido da família (ORd_i).

4.3 Modelos De Regressão Linear Múltipla

Passa-se agora as análises de Regressões Lineares da Literacia Financeira.

A análise de uma regressão linear é uma técnica estatística utilizada para investigar a relação entre uma variável dependente e uma ou mais variáveis independentes, permitindo estimar a natureza e a força dessa relação, bem como fazer previsões ou inferências com base nos resultados obtidos (Gelman, A. 2020).

Uma das vantagens da análise de regressão linear é sua capacidade de identificar e quantificar o impacto das variáveis independentes na variável dependente.

A Tabela 11 apresenta o resultado da regressão linear múltipla para a amostra em análise entre a literacia financeira e as variáveis explicativas idade, Sexo e Situação Laboral.

Tabela 11 Regressão Linear Múltipla de Literacia Financeira com Idade, Sexo e Situação Laboral

<i>Equação (1): $LF_i = \beta_0 + \beta_1 Id_i + \beta_2 Sx_i + \beta_3 Ed_i + \beta_4 SL_i + \varepsilon_i$</i>				
<i>Variável</i>	Coefficiente	P-value	R ² ajustado	P-value F
C	1.535385	0.0000		
Id _i	-0.028758	0.7538		
Sx _i	0.215700	0.0470	0.122505	0.010352
Ed _i	0.075905	0.2805		
SL _i	0.065966	0.0079		

Esta equação permite responder a hipóteses H1. Nesta equação, modela-se a literacia financeira (LFI) com base em quatro variáveis independentes. Cada uma dessas variáveis tem um coeficiente de regressão associado: β_1 , β_2 , β_3 e β_4 , respetivamente.

Da análise à Tabela 11 com os valores da estimativa do modelo de regressão linear, constata-se que nos teste de significância individual, rejeita-se a hipótese nula para os coeficientes β_2 e β_4 , os coeficientes β_2 e β_4 são estatisticamente diferente de zero a um nível de significância estatística de 5%, pode-se então concluir pelo que as variáveis explicativas associadas a estes coeficientes, sexo e situação laboral, são estatisticamente significativas para explicar a variável dependente, literacia financeira e apresentam uma relação positiva em relação a literacia financeira.

No entanto, não se rejeita a hipótese nula para os coeficientes β_1 e β_3 , os coeficientes não são estatisticamente diferentes de zero a um nível de significância estatística de 5%, pode-se então concluir pelo que as variáveis explicativas associadas a estes coeficientes, idade e escolaridade não são estatisticamente significativos para explicar a variável dependente, literacia financeira.

O coeficiente de determinação ajustado é de aproximadamente 12,25%, é relativamente baixo, o que sugere uma baixa aderência da serie estimada à serie observada.

No teste de significância global, rejeita-se a hipótese nula, isto é o conjunto das variáveis explicativas propostas no modelo são estatisticamente significativas para explicar a variável dependente, literacia financeira a um nível de significância estatística de 5%.

A Tabela 12 apresenta o resultado da regressão linear múltipla para a amostra em análise entre a literacia financeira e as variáveis explicativas: Disposição para assumir riscos do individuo i, controlo das finanças pessoais do individuo i, objetivos de poupança do individuo i e impacto das finanças pessoais do individuo i.

Tabela 12 Tabela de Regressão Linear Múltipla: Literacia Financeira em relação a Escolaridade, Situação Laboral, e Preferência Risco e Rendibilidade

<i>Equação (2): $LF_i = \beta_0 + \beta_1 DR_i + \beta_2 C_i + \beta_3 Ob_i + \beta_4 IF_i + \varepsilon_i$</i>				
<i>Variável</i>	Coeficiente	P-value (T)	R ² ajustado	P-value (F)
C	1.604219	0.0000		
DR _i	0.163536	0.0011		
C _i	0.009157	0.8694	0.199641	0.000160
Ob _i	0.115870	0.0146		
IF _i	-0.055950	0.1903		

Esta equação permite responder à segunda e terceira hipótese de pesquisa, ajuda a entender como essas atitudes e comportamentos financeiros influenciam a literacia financeira de uma pessoa, destacando a contribuição relativa de cada variável enfatizando a importância relativa de cada variável. A análise de regressão permite enunciar desde já que o modelo é explicativo para a literacia financeira em cerca de 20% (R quadrado= 19.96%) pelo que o p-value do modelo é 0,0160%, ou seja, está abaixo de 5% e a pontuação do teste F é de 6,2359 bastante superior aos 1,960 aceitáveis.

Destas, apenas as variáveis DR_i e Ob_i têm impacto significativo no LF a um nível de significância estatística de 5%. Visto que o coeficiente beta de DR_i ($\beta_1 = 0,1635$ e valor-p = 0,0011) e Ob_i ($\beta_3 = 0,1158$ e valor-p = 0,0146) são significativo. A relação das mesmas perante a literacia financeira também é positiva significando que andam a par consoante a literacia. Por outro lado, os coeficientes beta de C_i ($\beta_2 = 0,009157$ e valor-p = 0,8694) e o IF_i ($\beta_4 = -0,05595$ e valor-p = 0,1903) não são significativos na previsão do LF a um nível de significância estatística de 5%.

Em termos mais simples, a análise indica que as variáveis DR_i - Disposição para Assumir Riscos e Ob_i- Objetivos de poupança têm uma relação estatisticamente significativa com o LF, enquanto a variável Cf_i- Controlo das finanças pessoais e IF_i - Impacto das Finanças

Pessoais. O R^2 ajustado sugere que o modelo explica apenas cerca de 20% da variabilidade no LF, o que pode indicar que outras variáveis não incluídas no modelo também podem estar afetando o LF. O teste F mostra que o modelo é estatisticamente significativo, o que significa que quem fixa objetivos de poupança e quem está preparado para arriscar parte do seu dinheiro quando investe tem um efeito significativo e positivo numa boa literacia financeira. E que apesar do modelo ser aceite retiramos que quem controla sistematicamente ou quem é controlado pelas suas finanças pessoais não é significativo de uma boa literacia financeira.

A Tabela 13 apresenta o resultado da regressão linear múltipla para a amostra em análise entre a literacia financeira e as variáveis explicativas: Disposição para Assumir Riscos, Objetivos de Poupança, Conhecimentos Financeiros e Manutenção da Informação sobre a Evolução dos Mercados e Produtos Financeiros

Tabela 13 Tabela de Regressão Linear Múltipla: Literacia Financeira vs. Fatores Financeiros

<i>Equação (3): $LF_i = \beta_0 + \beta_1 DR_i + \beta_2 Ob_i + \beta_3 Cf_i + \beta_4 Ev_i + \varepsilon_i$</i>				
<i>Variável</i>	Coeficiente	P-value	R^2 ajustado	P-value F
<i>C</i>	1.032558	0.0000		
<i>DR_i</i>	0.074098	0.1029		
<i>Ob_i</i>	0.131846	0.0013	0.354187	0.000000
<i>Cf_i</i>	0.216866	0.0024		
<i>Ev_i</i>	0.157183	0.0470		

Esta equação permite entender como estas atitudes e comportamentos financeiros específicos afetam a literacia financeira de uma pessoa, permitindo responder as hipóteses H4 e H5 e enfatizando a importância relativa de cada variável.

O valor p do modelo é menor que 0,05, isso mostra que estamos rejeitando a hipótese nula. Isso significa que alguns dos coeficientes são significativos na previsão do LF e agregam valor ao modelo. Este modelo tem como independentes as seguintes variáveis:

As variáveis Ob_i , Cf_i e Ev_i , são conjuntamente significativos na previsão do LF e tem um relacionam-se positivamente. Opostamente a DR_i não foi significativo para a explicação da literacia financeira dos participantes a um nível de previsão de 5%.

O R^2 ajustado do modelo também é comparativamente bom, ou seja, 0,3542, o que também mostra que o modelo é moderadamente bem ajustado. Além disso, a pontuação do teste F é 13,7, com um valor p correspondente de 0,000 (menor que 0,05), o que mostra que o modelo geral é significativo para explicar o impacto no LF e positivo. Rejeita-se a hipótese nula, pois o valor absoluto da estatística t para todos os coeficientes dos fatores excede o valor crítico de 1,960.

Significa então que as questões sobre quem fixa objetivos de poupança, quem está preparado para arriscar parte do seu dinheiro quando investe, quem tem uma boa noção sobre os seus conhecimentos financeiros e se mantém informado sobre os mesmos, tem um efeito significativo e positivo numa boa literacia financeira, explicando cerca de 35,42% da literacia financeira. No entanto, a questão sobre o risco não teve qualquer significância para explicação da literacia financeira dos participantes. A vontade que os participantes tinham em investir nada influenciou a sua literacia financeira. Ou seja, apenas a noção que os participantes tem sobre os seus próprios conhecimentos financeiros a níveis de investimentos e a contínua vontade de aprender sobre finanças está relacionada com o nível de literacia financeira de cada indivíduo.

A Tabela 14 relaciona a literacia financeira (LFI) e regride em relação às variáveis: Disposição para Assumir Riscos (DRi), Objetivos de Poupança (Obi), Conhecimentos Financeiros (Cfi), Manutenção da Informação sobre a Evolução dos Mercados e Produtos Financeiros (Evi) e Preferência Risco e Rendibilidade (Pi):

Tabela 14 Regressão Linear Múltipla: Literacia Financeira vs. Fatores Financeiros e Preferência de Risco

$$\text{Equação (4): } LFi = \beta_0 + \beta_1 DR_i + \beta_2 Ob_i + \beta_3 Cf_i + \beta_4 Ev_i + \beta_5 P_i + \varepsilon_i$$

Variável	Coefficiente	P-value	R ² ajustado	P-value F
<i>c</i>	1.142474	0.0000		
<i>DR_i</i>	0.063060	0.1888		
<i>Ob_i</i>	0.128378	0.0019	0.357550	0.000000
<i>Cf_i</i>	0.227970	0.0019		
<i>Ev_i</i>	0.149295	0.0621		
<i>P_i</i>	-0.029151	0.4733		

Ao modelo anterior foi adicionada a questão *P_i* - Preferência Risco e Rendibilidade. Esta equação permite entender como esses diversos fatores relacionados a atitudes, comportamentos e autoavaliações financeiras afetam a literacia financeira de uma pessoa, permitindo responder as hipóteses H6 e H7 e destacando a importância relativa de cada variável.

O valor p do modelo é menor que 0,05, isso mostra que estamos rejeitando a hipótese nula no nível de 5%. Isso significa que alguns dos coeficientes são significativos na previsão do LF e agregam valor ao modelo.

O R² ajustado do modelo também é comparativamente bom, ou seja, 0,357, que melhorou muito pouco em relação ao modelo anterior continuando a ser moderadamente bem ajustado. Além disso, a pontuação do teste F é 11,019 com um valor p correspondente de 0,000 (menor que 0,05), o que mostra que o modelo geral é significativo para explicar o impacto no LF.

Neste modelo, conclui-se que apenas *Ob_i* e *Cf_i* são conjuntamente significativos no nível de 5% na previsão do LF e positivos, ou seja neste caso, tal como no modelo anterior, a *DR_i*, e neste caso também a *Ev_i* e *P_i*, questões mais voltadas para o perfil de risco, não têm praticamente valor para a previsão da literacia financeira, isto significa que o perfil de risco, que maioritariamente é calculado pela preferência entre o risco e o rendimento de um investidor, neste caso pouco ou nada importou para a literacia financeira dos participantes.

Em resumo, os resultados destacam a influência positiva de variáveis como Sexo, Situação Laboral, Disposição para Assumir Riscos, Objetivos de Poupança e Conhecimentos

Financeiros na literacia financeira. Enquanto outras variáveis, como Idade, Escolaridade, Controlo das Finanças Pessoais, Impacto das Finanças Pessoais e Preferência Risco e Rendibilidade, não demonstraram relevância na previsão da literacia financeira. É importante ressaltar que enquanto o conhecimento financeiro tende a aumentar com a educação formal a idade e a escolaridade não é, por si só, um preditor infalível, uma vez que a literacia financeira pode ser desenvolvida em qualquer fase da vida. Essas conclusões realçam a complexidade da literacia financeira, influenciada por uma série de fatores complexos, incluindo atitudes, comportamentos e experiências individuais. Portanto, a promoção da literacia financeira requer uma abordagem completa que leve em consideração todos esses fatores interligados.

Nestes próximos modelos, a variável dependente utilizada é o Perfil de Risco dos participantes.

As variáveis independentes consideradas na Tabela 15 foram: Idade (Id_i), Sexo (Sx_i), Rendimento Mensal (Rd_i), Situação Familiar (SF_i) e Situação Laboral (Sl_i).

Tabela 15 Regressão Linear Múltipla: Perfil de Risco vs. Características Pessoais e Situacionais

<i>Equação (5): $PR_i = \beta_0 + \beta_1 Id_i + \beta_2 Sx_i + \beta_3 Rd_i + \beta_4 SF_i + \beta_5 Sl_i + \varepsilon_i$</i>				
<i>Variável</i>	Coefficiente	P-value	R ² ajustado	P-value F
<i>c</i>	1.458479	0.0001		
<i>Id_i</i>	0.053436	0.7081		
<i>Sx_i</i>	0.425817	0.0032	0.110910	0.037460
<i>Rd_i</i>	0.074932	0.1606		
<i>SF_i</i>	-0.125410	0.5486		
<i>Sl_i</i>	-0.050554	0.1271		

Esta equação permite entender como essas variáveis relacionadas a idade, gênero, rendimento mensal, situação familiar e situação laboral influenciam o perfil de risco de um indivíduo, para responder as hipóteses H8, H9, H10 e H11 e percebendo a importância relativa de cada variável.

Como o resultado acima mostra para este modelo que pretende analisar a influência das características individuais dos participantes no perfil de risco. O valor p das estatísticas F (2,47) e a probabilidade é menor que 0,05 (0,037), rejeita-se a hipótese nula no nível de 5%. Isso significa que alguns dos coeficientes são significativos na previsão do LF e agregam valor ao modelo.

O R² ajustado do modelo não é bom, ou seja, 0,11, o que significa que apesar de aceite explica muito pouco do perfil de risco.

Alem disso, apenas a estatística t de Id_i- Idade excede o valor crítico aceitável de previsão de 0,05. Ou seja, neste modelo apenas o género foi importante para prever o perfil de risco.

Portanto, pode-se concluir que, neste modelo, apenas o género (estatísticas t absolutas > 1,96) é significativo no nível de 5% na previsão do PR e que este é positivo.

A Tabela 16 faz a regressão entre o perfil de risco (PR_i) em relação às variáveis Sexo (S_{x_i}), Objetivos Financeiros (OF_i), Disposição para Assumir Riscos (DR_i), Tendência a Comprar de Forma Impulsiva (T_i), Preferência Risco e Rendibilidade (P_i), e Sentimento de Estar Apenas a Manter-se Financeiramente (Se_i)

Tabela 16 Regressão Linear Múltipla: Perfil de Risco vs. Comportamentos e Valores Financeiros

<i>Equação (6): PR_i = β₀ + β₁S_{x_i} + β₂ OF_i + β₃DR_i + β₄T_i + β₅P_i + β₆Se_i + ε_i</i>				
<i>Variável</i>	<i>Coefficiente</i>	<i>P-value</i>	<i>R² ajustado</i>	<i>P-value F</i>
<i>C</i>	0.520819	0.2021		
<i>S_{x_i}</i>	0.363171	0.0116		
<i>OF_i</i>	0.117261	0.5431		
<i>DR_i</i>	0.119923	0.0607	0.183130	0.002752
<i>T_i</i>	0.012947	0.8377		
<i>P_i</i>	0.107733	0.0649		
<i>Se_i</i>	0.045927	0.4585		

A equação (6) permite responder as hipóteses H12 e H13 H14 e H15 de forma a entender como esses objetivos financeiros, disposição para assumir riscos, tendência impulsiva de compra, orientação temporal e percepção financeira afetam o perfil de risco de uma pessoa, enfatizando a importância relativa de cada variável.

Como o resultado da equação (6) mostra, o valor-p da estatística F (3,62) é menor que 0,05, isso indica que estamos rejeitando a hipótese nula a um nível de 5%. Significa que o modelo é significativo na previsão de LF.

O R² ajustado do modelo não é bom, ou seja, 18,31, o que mostra que o modelo é muito fraco.

Apesar do modelo ser aceite e significativo para a previsão do perfil de risco, apenas a estatística t da questão Sx_i- Sexo excede o valor crítico de 1,960 e o coeficiente beta é 0,363171, isso significa que neste modelo, apenas o gênero é significativo na previsão de PR e tem uma relação positiva. Pode se concluir que este modelo não é bom para a explicação do perfil de risco.

Sendo estas variáveis, questões sobre os comportamentos e valores financeiros e de elevado valor para definir a literacia financeira de um indivíduo, pode-se ver que para prever do perfil de risco tiveram pouca importância.

Por último o Perfil de Risco foi regredido em relação às variáveis Sexo (Sx_i), Manutenção da Informação sobre a Evolução dos Mercados e Produtos Financeiros (Ev_i), Investimento em Produtos Financeiros (Inv_i), Relação entre Rendimentos e Custos Correntes (Cc_i) e Preferência Risco e Rendibilidade (P_i).

Tabela 17 Regressão Linear Múltipla: Perfil de Risco vs. Conhecimentos voltados para os investimentos Financeiros

<i>Equação (7): PR_i = β₀ + β₁Sx_i + β₂Ev_i + β₃Inv_i + β₄Cc_i + β₅P_i + ε_i</i>				
<i>Variável</i>	Coeficiente	P-value	R ² ajustado	P-value F
<i>C</i>	3.332338	0.0000		
<i>Sx_i</i>	-0.019365	0.8576	0.547789	0.000000
<i>Ev_i</i>	0.155863	0.0459		
<i>Inv_i</i>	-0.976608	0.0000		

Cc_i	0.057252	0.2757
P_i	-0.038309	0.3477

Por fim, foram estudadas as questões do Perfil de Risco com maior importância para delinear um perfil de risco, mais voltado para o tema de investimentos. Foi escolhido o melhor modelo para a previsão do perfil de risco, levando em consideração as seguintes questões:

Esta equação (7) presente na Tabela 17 ajuda a entender como esses fatores relacionados ao gênero, a manter-se informado sobre mercados financeiros, histórico de investimentos, alocação de rendimentos para custos correntes e preferência de risco influenciam o perfil de risco de uma pessoa, enfatizando a importância relativa de cada variável. Servindo como ferramenta para responder as hipóteses H16, H17 e H18.

Essas questões foram as mais relevantes para obter informações construir um perfil de risco adequado. Como o resultado da equação (7) mostra, o p-value de F é 0, ou seja, é menor que 0,05. Mostra que a variável rejeita a hipótese nula no nível de 5%. Isso significa que o modelo é significativo na previsão do LF.

O R^2 ajustado do modelo é bom, ou seja, 54,77%, o que mostra que o modelo é moderadamente bom pois permite prever mais de 50% do resultado do perfil de risco apenas por aquelas questões,

Apenas o p-value do Ev_i e do Inv_i não excede o valor crítico de 0,05 ou seja, todas as restantes questões não são explicativas. Estas duas variáveis tiveram respectivamente coeficientes positivo e negativo, significando que a Ev_i anda a par com o PR e que Inv_i anda inversamente ao perfil de risco.

Em suma, a análise dos modelos de regressão destaca o gênero (Sxi) como uma variável significativa na previsão do Perfil de Risco dos participantes. No entanto, é notável que, embora dois dos três modelos tenham relevância global, com um valor-p da estatística F inferior a 0,05, o R^2 ajustado revela que esses modelos explicam apenas uma parcela modesta da variabilidade do perfil de risco, com valores de R^2 ajustados variando de 0,11 a 0,183. Isso sugere que o gênero e outras características pessoais dos indivíduos não fornecem previsões altamente robustas para o perfil de risco.

As questões relacionadas à Manutenção da Informação sobre a Evolução dos Mercados e Produtos Financeiros (Evi) e o Investimento em Produtos Financeiros (Invi) destacam-se como fatores significativos na previsão do Perfil de Risco. De maneira surpreendente, as questões Cci (Relação entre Rendimentos e Custos Correntes) e Pi (Preferência Risco e Rendibilidade) por si só não desempenham um papel relevante na classificação do perfil de risco. No entanto, o conjunto desses fatores explica aproximadamente 55% do perfil de risco, ou seja, mais da metade da variação no perfil de risco de cada participante é explicada por essas questões.

Isso sublinha a complexidade inerente na determinação do Perfil de Risco, que é influenciada por uma série de fatores interconectados. Portanto, embora o gênero e outros atributos pessoais possam ter alguma influência, a compreensão completa do Perfil de Risco exige uma abordagem mais abrangente, considerando uma ampla gama de fatores interdependentes.

Para analisar a relação entre a literacia financeira e o perfil de risco dos participantes no inquérito realiza-se uma análise das componentes principais (Tabela 18).

Tabela 18 Análise dos Componentes Principais entre a literacia financeira e o perfil de risco dos inquiridos

Autovalores (Soma =2, Média= 1)					
Número	Valor	Diferença	Proporção	Valor Cumulativo	Proporção Cumulativa
1	1.364313	0.728625	0.6822	1.364313	0.6822
2	0.635687	---	0.3178	2.000000	1.0000
Vetores Próprios:					
Variável	PC 1	PC2			
LF	0.707107	-0.707107			
PR	0.707107	0.707107			
Correlações ordinárias:					
	LF	PR			
LF	1.000000				
PR	0.364313	1.000000			

Análise de Componentes Principais (PCA), tabela 18, é uma técnica estatística utilizada para reduzir a dimensionalidade de um conjunto de dados, identificando as principais características que explicam a maior parte da variabilidade dos dados. Neste caso, a análise foi realizada com base em correlações ordinárias.

Os Eigenvalues (autovalores) representam a quantidade de variância explicada por cada componente principal. No total, as duas componentes principais explicam 100% da variância dos dados. A primeira componente principal tem um autovalor de 1.364313, o que representa 68,22% da variância total, enquanto o segundo componente principal tem um autovalor de 0.635687, representando 31,78% da variância total.

Já os Eigenvalues (loadings), também conhecidos por vetores próprios, representam a direção e a magnitude das componentes principais encontradas no conjunto de dados. Na primeira componente (PC1), literacia financeira, tem os valores de 0.707107 para "LF" e -0.707107 para "PR" indica uma relação inversa entre as variáveis. Isso significa que, para a literacia financeira, quando o valor de "LF" aumenta, o valor de "PR" tende a diminuir, e vice-versa. Já a segunda componente, referente ao perfil de risco (PC 2), tem os valores 0.707107 para a variável "LF" e 0.707107 para a variável "PR". Isso indica que essas duas variáveis estão positivamente relacionadas na segunda componente principal. Isso significa que, para a literacia financeira, quando o valor de "LF" aumenta, o valor de "PR" tende a diminuir, e vice-versa. No entanto, para PR, quando o valor de "LF" aumenta, o valor de "PR" tende a aumentar.

Por outro lado, e ainda de acordo com a tabela 18, as correlações ordinárias também fornecem informações sobre a relação entre as variáveis originais. A correlação entre "LF" e "PR" é de 0, indicando que não há correlação entre LF e PF. No entanto a correlação entre "PR" e "LF" é de 0.364313, tal como se esperava, a correlação comum entre o perfil de risco (PR) e a literacia financeira (LF) é positiva, no entanto é fraca, já que o valor do coeficiente é apenas 0,3643. Esse coeficiente indica a força a direção da relação entre as duas variáveis. No caso, o valor positivo indica que há uma relação positiva entre o perfil de risco e a literacia financeira, ou seja, quanto maior a literacia financeira, mais agressivo tende a ser o perfil de risco. Já o valor 0,3643 indica que essa relação é fraca, ou seja, a literacia financeira explica apenas uma pequena parte da variação no perfil de risco.

Portanto, constata-se a existência de uma relação inversa entre "LF" e "PR" no eigenvector (loadings), a correlação positiva nas ordinary correlations indica que, em geral,

as duas variáveis tendem a aumentar em simultâneo, embora essa relação seja fraca. Em suma, podemos concluir que quanto maior a literacia financeira menor o perfil de risco adotado, no entanto quem tem um perfil de risco maior tende a ter uma literacia financeira também maior.

5. Conclusões

A literacia financeira é um fator fundamental para o sucesso no mundo dos investimentos. Este estudo analisa a relação entre a literacia financeira e o perfil de risco dos investidores portugueses. Para isso, foram coletados dados de um grupo de participantes através de um inquérito, analisando características individuais, comportamentos financeiros e conhecimentos em relação aos investimentos. Além disso, foram utilizadas análises estatísticas, como a Análise de Componentes Principais e Regressões Lineares, para investigar a influência desses fatores na literacia financeira e no perfil de risco dos investidores.

Ao analisar os dados coletados no inquérito sobre a literacia financeira e o perfil de risco dos participantes, pudemos tirar várias conclusões importantes sobre o estado da educação financeira em Portugal e sua relação com diferentes características individuais e comportamentos financeiros.

De acordo com os resultados, a literacia financeira dos participantes não foi influenciada pelas suas características individuais. A escolaridade ao contrário da situação laboral desempenhou um papel insignificativo no estudo da literacia financeira de um indivíduo.

Era esperável que aqueles indivíduos com níveis de educação mais elevados e situação laboral estável tendessem a ter uma maior literacia financeira. No entanto isso não aconteceu, inclusive temos presente nos maiores níveis de escolaridade ainda mais variedade entre literacias altas e muito baixas. O que além do modelo de regressão prova que a literacia financeira não depende da escolaridade.

Porém, a literacia financeira aumentou segundo a situação laboral, quem já trabalha tende a ter uma literacia financeira superior aos que não trabalham, isto deve se a gestão de dinheiro porque tem comportamentos e valores financeiros mais corretos.

Os resultados mostraram que a literacia financeira dos participantes foi baixa, refletindo a necessidade de maior educação financeira para o público em geral. Através das análises, foi possível concluir que a literacia financeira não é influenciada pelas características individuais dos participantes. No entanto, pessoas com maior nível de escolaridade e que têm uma atividade profissional mais estável apresentaram um melhor

conhecimento financeiro. No entanto, outros fatores, como a idade e o gênero, não mostraram uma influência significativa na literacia financeira dos participantes.

Verificou-se que a literacia financeira está relacionada positivamente com os comportamentos e atitudes em relação ao planeamento financeiro e com a implementação efetiva de estratégias para alcançar objetivos de poupança a longo prazo. Indivíduos com maior literacia financeira demonstraram maior predisposição para assumir riscos calculados ao realizar investimentos em produtos financeiros. Isso sugere que pessoas com melhor conhecimento financeiro estão mais dispostas a enfrentar a volatilidade do mercado em procura de maiores rendibilidades.

Pensa-se que a amostra em análise é representativa da população portuguesa, porque, estes possuem um nível de escolaridade alta mas rendimentos baixos Apesar de serem pouco materialistas e revelarem literacia financeira, apresentam poucos conhecimentos de gestão financeira dos seus rendimentos e investimentos.

Ficou claro que a definição de objetivos financeiros e a predisposição para compras impulsivas e "viver o presente" têm influência significativa nos perfis de risco dos participantes. Indivíduos com objetivos financeiros bem definidos tendem a ter um perfil de risco mais equilibrado e moderado. Por outro lado, aqueles com tendência a comprar impulsivamente e que não se preocupam com o futuro são mais propensos a ter um perfil de risco mais agressivo.

De acordo com Cerbasi (2004) o planeamento financeiro tem um objetivo muito maior do que simplesmente não ficar no vermelho. Mais importante do que conquistar um padrão de vida é mantê-lo, e é para isso que devemos planear. Os participantes não têm o hábito de planear as suas finanças, rendimentos entre outros, a não ser que tenham objetivos como por exemplo a compra de um bem, onde escolhem poupar para o mesmo. Não pensam no futuro sendo muitos poucos aqueles que tinham investido ou que estavam a poupar para investir e tendo maioritariamente deles um salário familiar relativamente baixo.

Segundo a OCDE, a literacia financeira envolve o conhecimento e compreensão de conceitos e riscos financeiros, bem como a competência, motivação e confiança para aplicar esse conhecimento em decisões eficazes em contextos financeiros variados (OCDE, 2020). A importância da literacia e inclusão financeiras é amplamente reconhecida como elementos

essenciais para aumentar a resiliência financeira e o bem-estar da população (Atkinson & Messy, 2012).

Portugal tem vindo a desenvolver esforços para melhorar a literacia financeira da sua população. O Plano Nacional de Formação Financeira, dinamizado pelo Conselho Nacional de Supervisores Financeiros desde 2011, destaca a importância da inclusão e formação financeiras, seguindo as melhores práticas da OCDE/INFE (Atkinson & Messy, 2012). A International Network on Financial Education (INFE), criada sob a égide da OCDE, tem desempenhado um papel crucial no apoio aos formuladores de políticas e autoridades públicas na conceção e implementação de estratégias nacionais de educação financeira em mais de 130 países (OCDE, 2020). No entanto como se vê pelos resultados Portugal está muito aquém do esperável.

Neste estudo, observa-se que a maioria dos participantes são jovens com níveis de escolaridade mais elevados, levando à expectativa de que possuam um sólido entendimento financeiro. No entanto, constata-se uma falta de literacia financeira, o que se traduz em um desafio geral e significativo para uma boa gestão de suas finanças.

Assim, a presente investigação conclui que é essencial continuar a investir em educação financeira em Portugal, proporcionando aos cidadãos as ferramentas necessárias para tomar decisões financeiras informadas e responsáveis em diversas situações económicas. O país deve perseguir a equidade no acesso à educação financeira, garantindo que todas as camadas da população tenham a oportunidade de adquirir as competências necessárias para uma gestão financeira bem-sucedida e para a construção de um futuro financeiro sustentável.

Os resultados revelaram que os participantes apresentam perfis de risco variados, embora a maioria tenha um perfil moderado. As características individuais, como género, estado civil e situação laboral, mostraram pouca ou nenhuma influência no perfil de risco. No entanto, verificou-se que indivíduos com rendimentos mais elevados tendem a assumir um perfil de risco mais agressivo nas suas decisões financeiras. Constata-se que quanto maior a literacia financeira mais conservador é o perfil de risco dos participantes. Também se verificou, tal como se esperava, que indivíduos com rendimentos mais elevados tendem a assumir um perfil de risco mais agressivo em suas decisões financeiras.

Os valores e comportamentos financeiros dos participantes também tiveram um impacto no perfil de risco. Participantes com objetivos financeiros bem definidos e maior preocupação com o futuro mostraram-se mais propensos a adotar um perfil de risco mais equilibrado e moderado, enquanto aqueles que tendem a comprar impulsivamente e têm uma mentalidade de "viver o presente" apresentaram perfis de risco mais agressivos.

Também os indivíduos que investiram anteriormente em produtos financeiros e que se mantêm informados sobre a evolução dos mercados e produtos financeiros parecem estar mais propensos a adotar um perfil de risco mais equilibrado e orientado para o longo prazo. Por outro lado, aqueles com tendência a comprar impulsivamente e que não se preocupam com o futuro são mais propensos a ter um perfil de risco mais agressivo.

Os resultados sugerem que a literacia financeira está positivamente relacionada com o perfil de risco, ou seja, quanto maior a literacia financeira, menor tende a ser o perfil de risco adotado. No entanto, também se observou que indivíduos com um perfil de risco mais elevado tendem a apresentar uma literacia financeira mais alta. Portanto, embora a literacia financeira tenha uma influência moderada no perfil de risco, outros fatores também desempenham um papel significativo na definição do perfil de risco dos investidores.

O nível de conhecimento financeiro de um investidor influencia a sua capacidade de entender e gerir os riscos associados aos investimentos. Investidores com maior conhecimento financeiro tendem a estar mais dispostos a assumir riscos maiores em suas carteiras de investimento, enquanto aqueles com conhecimento limitado preferem abordagens mais conservadoras (Holton, 2013).

O Valor em Risco (VaR) é uma ferramenta fundamental na avaliação do risco financeiro de uma carteira de investimentos. Trata-se de uma medida estatística que estima a perda máxima esperada que uma carteira pode sofrer em determinado período, com um certo grau de confiança (Holton, 2013). A aplicação do VaR é importante para auxiliar os investidores a tomarem decisões informadas sobre a alocação de recursos, permitindo que se ajustem aos seus perfis de risco específicos.

Ao investir, os indivíduos estão expostos a vários tipos de riscos financeiros, como risco de mercado, risco de liquidez, risco de crédito, risco cambial, risco de taxa de juros, risco de capital, risco operacional, entre outros (Banco Invest, 2021). A compreensão desses

riscos é essencial para tomar decisões adequadas e minimizar as incertezas associadas aos investimentos.

A compreensão correta do perfil de risco de cada investidor e das variáveis econômicas que podem influenciar o resultado esperado é fundamental para maximizar a utilidade esperada do investidor (Coleman, 2003). Ou seja, a literacia financeira, a análise de risco e a compreensão do perfil do investidor são elementos fundamentais para orientar decisões de investimento informadas e assertivas.

Ao levar em consideração o nível de conhecimento financeiro do investidor e a atividade profissional, rendimentos e objetivos financeiros, é possível construir uma estratégia de investimento personalizada e eficiente, capaz de minimizar os riscos e maximizar as rendibilidades, de acordo com suas preferências individuais e tolerância ao risco (Assaf Neto, 2018).

Os dados revelaram que a literacia financeira dos participantes não foi significativamente influenciada pelo perfil de risco. Ou seja, o perfil de risco não se mostrou um fator preponderante para explicar a variação na literacia financeira dos indivíduos. No entanto provaram o esperado que quanto maior a literacia financeira menor o perfil de risco.

Também não foi constatado na amostra em análise uma relação significativa entre um elevado grau de literacia financeira e um perfil de risco defensivo (mais conservador). Isso indica que, embora a literacia financeira e o perfil de risco possam estar relacionados em alguns aspetos, outros fatores podem desempenhar papéis mais relevantes na determinação do perfil de risco de um indivíduo. Para o perfil de risco quando maior a literacia maior o perfil de risco, mas não paralelamente, isto deve-se ao facto dos poucos conhecimentos financeiros dos participantes onde se denotou que quando maior o perfil de risco, maior o nível de conhecimentos sobre produtos financeiros e maior parte dos mesmos tinham até já investido anteriormente.

Com base na análise dos dados, podemos concluir que a literacia financeira em Portugal ainda precisa de melhorias significativas. As características individuais, os comportamentos financeiros e conhecimentos sobre investimentos desempenham papéis importantes na literacia financeira dos indivíduos. Aqueles com maior literacia financeira tendem a apresentar comportamentos mais responsáveis em relação ao planeamento financeiro e são mais propensos a tomar decisões informadas em investimentos.

Em relação ao perfil de risco, as características individuais, valores e atitudes financeiras também exercem influência. Aqueles que têm objetivos financeiros bem definidos e uma visão mais equilibrada sobre as finanças pessoais tendem a adotar perfis de risco mais moderados. E aqueles com mais literacia financeira tenderam a escolher perfis mais agressivos.

No entanto, é importante ressaltar que a literacia financeira não parece ser o único fator que influencia o perfil de risco dos participantes, na realidade, neste estudo teve muito pouca influência para determinar o perfil de risco, no entanto, o nível de conhecimento financeiro do inquirido tem muito poder para a escolha fundamentada dos perfis de risco.

Outros aspetos individuais, além de influências externas e contextuais, desempenham um papel significativo na determinação do perfil de risco de um indivíduo. O único que respeitava aos investimentos da parte literária das finanças influenciava positivamente e em uma boa parte os perfis de risco

Portanto, investir em educação financeira e promover a conscientização sobre a importância do planeamento financeiro pode ajudar a melhorar a literacia financeira dos portugueses e, conseqüentemente, contribuir para perfis de risco mais equilibrados e bem informados. Isso é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade financeiramente saudável e para que os indivíduos possam tomar decisões mais conscientes e seguras em relação às suas finanças e investimentos.

Conclui-se que a literacia financeira dos investidores portugueses é influenciada pelas suas características individuais, comportamentos financeiros e conhecimentos em relação aos investimentos. Além disso, observou-se que a literacia financeira está positivamente relacionada com o perfil de risco, mas que outros fatores também são importantes na determinação do perfil de risco dos investidores.

Para melhorar a literacia financeira dos portugueses e, por consequência, a qualidade das decisões de investimento, é essencial investir em programas educacionais que abordem temas financeiros desde idades mais jovens e ao longo da vida. A promoção da literacia financeira pode ajudar os investidores a compreender melhor os riscos envolvidos nas decisões de investimento e a tomar escolhas mais informadas e adequadas às suas necessidades e objetivos financeiros.

Este estudo desempenha um papel fundamental na investigação da literacia financeira e do perfil de risco dos investidores portugueses. Sua relevância decorre da necessidade premente de compreender a relação entre o conhecimento financeiro e as escolhas de investimentos, num cenário financeiro cada vez mais complexo.

Em primeiro lugar, destaca-se a urgência de melhorias na educação financeira em Portugal. Os resultados indicaram que a maioria dos participantes possui um conhecimento financeiro muito limitado, revelando lacunas na compreensão de conceitos e riscos financeiros. Investir em programas educacionais que abordem essas deficiências pode contribuir para decisões financeiras mais esclarecidas e, conseqüentemente, para uma maior estabilidade financeira para os indivíduos.

Além disso, a compreensão da relação entre literacia financeira e o perfil de risco do investidor é de suma importância. O estudo demonstrou que, embora haja uma associação positiva entre literacia financeira e perfil de risco, outros fatores desempenham um papel significativo nas escolhas dos investimentos. Isso enfatiza a complexidade do processo de tomada de decisões financeiras e a necessidade de abordagens de gestão de risco mais abrangentes.

Por último, esta pesquisa pode servir como um alicerce valioso para estudos futuros sobre literacia financeira e investimento em Portugal. Esta, destaca a importância da literacia financeira como fator crucial para uma tomada de decisão informada e consciente no mundo dos investimentos e lança luz sobre áreas que necessitam de maior atenção e investigação, como o impacto de outras variáveis não abordadas neste estudo. A apreensão das complexidades da literacia financeira e das escolhas de investimento é essencial para a formulação de estratégias financeiras mais eficazes e para o aprimoramento da segurança financeira da população portuguesa.

É essencial reconhecer as limitações deste estudo. Uma das limitações significativas é o tamanho da amostra, que consistiu de um pouco mais de 100 participantes. Embora os resultados ofereçam informações valiosas, uma amostra maior poderia proporcionar uma visão mais abrangente da relação entre literacia financeira e perfil de risco. Além disso, o questionário utilizado era extenso, o que pode ter afetado a qualidade e a quantidade das respostas dos participantes, havendo vários participantes que não foram contabilizados

porque não concluíram o inquérito. Em futuras investigações, simplificar o questionário poderia melhorar a eficiência na coleta de dados e focando mais nos comportamentos de investimento. Isso permitiria uma compreensão ainda mais completa das complexas relações entre literacia financeira e perfil de risco.

6. Bibliografia

- Assaf Neto, A. (2018). *Mercado Financeiro* (Atlas Ltda., Ed.; 14th ed.).
- Atkinson, A. and F. Messy (2012), "Measuring Financial Literacy: Results of the OECD / International Network on Financial Education (INFE) Pilot Study", OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions, No. 15, OECD Publishing, Paris, <https://doi.org/10.1787/5k9csfs90fr4-en> .
- Augusto, M. A. G., & Freire, S. F. R. (2014). Atributos do Investidor e Tolerância Face ao Risco: A Perspetiva dos Pequenos Investidores. *Revista de Gestão*, 21(1), 103–120.
- Banco BNI Europa. (2019). Como Anda A Literacia Financeira Dos Portugueses? |Banco BNI Europa. Disponível em: <https://bnieuropa.pt/como-anda-a-literacia-financeira-dos-portugueses/>
- Banco de Portugal. (2010). Relatório do Inquérito à Literacia Financeira da População Portuguesa. Disponível em: https://www.bportugal.pt/sites/default/files/relatorio_do_inquerito_a_literacia_financeira_da_populacao_portuguesa_2010.pdf
- Banco Invest. (2021). Gestão de Activos - Perfis de Risco. Disponível em: <https://www.bancoinvest.pt/poupanca-e-investimento/gestao-de-activos/perfis-de-risco>
- Banco Invest. (2021). Riscos Na Negociação De Instrumentos Financeiros. Disponível em: <https://www.bancoinvest.pt/informacao/riscos>
- Baird Private Wealth Management. (2013). The role of alternative investments [PDF file]. Disponível em: https://www.rwbaird.com/content/dam/rwbaird/private-wealth-management/white-papers/2012/Role_of_Alternative_Investments.pdfCampina
- Teixeira, M. E. y Campina, A. (2017). «Do direito ou da obrigação à literacia financeira?», *Cadernos de Dereito Actual*, (5), pp. 293–302. Disponível em: <https://www.cadernosdedereitoactual.es/ojs/index.php/cadernos/article/view/163>

- Castro J., F. H. F., & Famá, R. (2002). As novas finanças e a teoria comportamental no contexto da tomada de decisão sobre investimentos. *Caderno de Pesquisas em Administração*, 9(abr./ju 2002), 25-35.
- Cerbasi, G., P. (2004). *Casais inteligentes enriquecem juntos*. São Paulo: Gente.
- Centro Nacional de Literacia Financeira. (2020). Relatório do 3.º Inquérito à Literacia Financeira da população portuguesa. Plano Nacional de Formação Financeira. Todos Contam. Disponível em: <https://www.todoscontam.pt/sites/default/files/2021-06/relatorio3inqlf.pdf>
- CGD. (2022). Qual o nível de literacia financeira dos portugueses? Disponível em: <https://www.cgd.pt/Site/Saldo-Positivo/Sustentabilidade/Pages/literacia-financeira-dos-portugueses.aspx>
- Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa. (2022). Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>
- Ferreira, R. (2006). Como Planejar, Organizar e Controlar Seu Dinheiro: Manual de Finanças Pessoais. Thomson.
- Financial Industry Regulatory Authority. (2003). NASD investor literacy research: executive summary.
- Francis, J. C. (1991). *Investments: analysis and management*. McGraw-Hill
- Future Proof Wealth Advisors. (2019).
- Gardt, M., Angino, S., Mee, S., & Glöckler, G. (2021). *ECB Communication with the wider public*. Disponível em: https://www.ecb.europa.eu/pub/economic-bulletin/articles/2022/html/ecb.ebart202108_02~5c1e5a116d.en.html
- Gelman, A. (2020). *Regression And Other Stories*. Cambridge University Press.
- Gitman, L. J. (2010). *Princípios de Administração Financeira - 12ª Ed.* Pearson Education do Brasil, São Paulo.
- Gitman, L. J., & Joehnk, M. D. (2005). *Princípios de Investimentos (8ª Edição)*. Pearson Higher Education.

- Giudicce, T. L., & Estender, A. C. (2017). *O Processo de Análise de Investimentos Financeiros em Instituições Financeiras*. Caderno de Administração, 11(1). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/caadm/article/view/30867/25023>
- Holton, Glyn A. (2013). *Value-at-Risk: Theory and Practice*, Second Edition, Disponível em: <https://www.value-at-risk.net>.
- Intrum. (2019). European Consumer Payment Report. Disponível para descarregar em: <https://www.intrum.com/publications/european-consumer-payment-report/european-consumer-payment-report-2019/>
- Kahneman, D., & Tversky, A. (1979). *Prospect theory: An analysis of decision under risk*. *The Econometric Society*.
- Klapper, L., & van Oudheusden, P. (2015). Financial Literacy Around the World: Insights from the Standard & Poor's Ratings Services Global Financial Literacy Survey. Disponível em: https://gflec.org/wp-content/uploads/2015/11/Finlit_paper_16_F2_singles.pdf
- Leote, F., Oliveira Da Silva, C., & Teixeira, N. (2019). A Aplicação da Teoria de Markowitz na Euronext Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/31256>
- Mandel, L. (2007). Financial Literacy of High School Seniors. *Advances in Consumer Financial Research*. Research, New York: Springer Publishing 2008. Jing Jian Xiao. https://doi.org/10.1007/978-0-387-75734-6_10
- Melchiades, S.A., & Belford Powell, A. (2015). Educação Financeira na Escola: A perspectiva da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. *Boletim GEPEM*, (66), 3–19. <https://doi.org/10.4322/gepem.2015.024>
- Monetiza. (2020). *Manual de Análise do Perfil do Investidor*. https://www.monetiza.com.br/pdf/manual_de_analise_do_perfil_do_investidor.pdf
- Monteiro, B. A., & Bressan, A. A. (2021). *Framing Effects of Information on Investment Risk Perception*. *Revista Contabilidade e Finanças*, 32(86), 285–300. <https://doi.org/10.1590/1808-057x202111290>
- Monticone, C. (2010). *How Much Does Wealth Matter in the Acquisition of Financial Literacy?* *The Journal of Consumer Affairs*, 44(2), 403–422. <https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.2010.01175.x>

- Moore, Danna (2003). Survey of financial literacy in Washington State: knowledge, behavior, attitudes and experiences, technical report 03-39, social and economic Science research Center, Washington State University. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/265728242_Survey_of_Financial_Literacy_in_Washington_State_Knowledge_behavior_Attitudes_and_Experiences
- Nickerson, R.S. (2000). *Null Hypothesis Significance Testing: A Review of an Old and Continuing Controversy*. Psychological Methods, 5, 241-301.
- OCDE (2020). PISA 2018 Results: Are students smart about money? Volume IV. Paris: OECD Publishing. Disponível em: https://read.oecd-ilibrary.org/education/pisa-2018-results-volume-iv_48ebd1ba-en#page1
- Oliveira, M. K. de, & Lencini, C. A. dos S. (2019). *O Comportamento Do Investidor: uma análise de acordo com a faixa etária, renda e gênero*. REMAS - Revista Metodista de Administração do Sul, 4(5).
- Plano Nacional de Formação Financeira (2021). CMVM divulga estudo sobre literacia relativa ao mercado de capitais em Portugal. Disponível em: <https://www.todoscontam.pt/pt-pt/noticias/cmvm-divulga-estudo-sobre-literacia-financeira-dos-investidores>
- Plano Nacional de Formação Financeira (2021). CNSF divulga resultados do 3.º Inquérito à Literacia Financeira da População Portuguesa. Disponível em: <https://www.todoscontam.pt/pt-pt/noticias/cnsf-divulga-resultados-do-3o-inquerito-literacia-financeira-da-populacao-portuguesa>
- PIRES, V. (2007). *Finanças Pessoais: Fundamentos e Dicas*. Piracicaba: Edição do Autor, 114 p.
- Reis, H., & Wemans, L. (2022). " Literacia financeira dos estudantes de 15 anos em Portugal: Evidência do PISA 2018," Artigos do Boletim Económico e do Relatório de Estabilidade Financeira e Estudos Económicos do Banco de Portugal”, Banco de Portugal, Revista de Estudos Económicos Volume VIII. Disponível em: https://www.bportugal.pt/sites/default/files/anexos/pdf-boletim/reev8n2_p.pdf#page=11

- Rosa, V. (2021). *O PISA e a literacia financeira: os resultados de Portugal*. Revista Portuguesa De Investigação Educacional, (21), 1-20.
<https://doi.org/10.34632/investigacaoeducacional.2021.9726>
- Santiago, A., Domingos, A., & Silva, A. (2018). *Literacia financeira no programa internacional para avaliação de estudantes*. Instrumento, 20(2), 207-215
<https://doi.org/10.34019/1984-5499.2018.v20.19138>
- Sewell, M. (2007). “Behavioural Finance”. Department of Computer Science University College London. pp. 1-14
- Sinval J, Marôco J (2020) Short Index of Job Satisfaction: Validity evidence from Portugal and Brazil. PLoS ONE 15(4): e0231474.
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0231474>
- Thaler, R., & Sunstein, C. (2008). *Nudge: Improving Decisions about Health, Wealth and Happiness*. London: Penguin Books.
- Thaler, R.H. (2015) *Misbehaving—The Making of Behavioral Economics*. W.W. Norton, New York.
- Vitt, L. A.; Anderson. C.; Kent, J.; Lyter, D. M.; Siegenthaler, J. K.; & Ward, J. (2000). *Personal Finance and the Rush to Competence: Financial Literacy Education in the U.S*, Fannie Mae Foundation.

Anexo I

06/02/23, 18:48

Qual O Teu Perfil De Risco

Qual O Teu Perfil De Risco

Este inquerito está a ser desenvolvido no âmbito da dissertação de mestrado em Gestão realizada na Universidade Lusíada, a qual se apresenta subordinada ao tema "Literacia Financeira Portuguesa e o Perfil de Risco de Investidor", com o objectivo de medir o grau de literacia financeira dos portugueses e compara-lo com os seus perfis de risco.

Nesse sentido, peço-lhe para responder a este inquérito pois a sua participação é absolutamente essencial para o sucesso deste estudo, devendo demorar cerca de 10/15 minutos.

Após a análise do inquerito será dado a conhecer o seu perfil de risco como investidor, caso o pretenda.

Obrigada pela colaboração!

*Obrigatório

Caraterização do Inquirido

1. Idade *

Marcar apenas uma oval.

- < 15 anos
- 16 a 25
- 26 a 40
- 41 a 55
- Mais de 55

2. Sexo *

Marcar apenas uma oval.

- Masculino
- Feminino
- Não Respondo

3. Residência *

Marcar apenas uma oval.

- Distrito de Aveiro
- Distrito de Beja
- Distrito de Braga
- Distrito de Bragança
- Distrito de Castelo Branco
- Distrito de Coimbra
- Distrito de Évora
- Distrito de Faro
- Distrito da Guarda
- Distrito de Leiria
- Distrito de Lisboa
- Distrito de Portalegre
- Distrito do Porto
- Distrito de Santarém
- Distrito de Setúbal
- Distrito de Viana do Castelo
- Distrito de Vila Real
- Distrito de Viseu
- Arquipélago dos Açores
- Arquipélago da Madeira

4. Rendimento mensal líquido da Família *

Marcar apenas uma oval.

- Sem Rendimento
- ≤1.000€
- 1.001 a 2.000€
- 2.001 a 3.000€
- 3.001 a 5.000€
- >5.000

5. Escolaridade *

Marcar apenas uma oval.

- Não tem instrução primária
- Tem instrução primária completa (4º ano)
- Tem ensino básico completo (9º ano)
- Tem ensino secundário completo (12º ano)
- Tem licenciatura ou ensino politécnico completo
- Tem Mestrado/Doutoramento

6. Qual a sua situação familiar? *

Marcar apenas uma oval.

- Solteiro/a ou Casado/a ou Unido/a de facto (casal sem rendimentos próprios)
- Casado/a ou Unido/a de facto (o casal tem rendimentos próprios)
- Divorciado/a.
- Viúvo/a.

7. Em que situação laboral ou ocupacional se encontra? *

Marcar apenas uma oval.

- Ativo – Trabalha por conta própria
- Ativo – Trabalha por conta de outrem
- Ativo – Estagiário / aprendiz
- Ativo – Desempregado à procura de trabalho
- Não Ativo – Trabalha em casa a tratar da família
- Não Ativo – Aposentado / Reformado
- Não Ativo – Incapacitado / Aposentado por invalidez
- Não Ativo – Não trabalha e não está à procura de trabalho
- Não Ativo – Estudante
- Outra: _____

8. Com quem habita normalmente? *

Marcar apenas uma oval.

- Sozinho *Avançar para a pergunta 13*
- Com cônjuge/ companheiro/a
- Com filhos (seus ou do seu cônjuge/ companheiro/a)
- Com outros menores de 18 anos
- Com os pais ou sogros
- Com outros familiares
- Com amigos, colegas ou estudantes
- Noutra tipo de agregado

9. Quantos adultos (maiores de 18 anos) fazem parte do seu agregado familiar (incluindo o próprio)? *

Marcar apenas uma oval.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10

10. Quantos dependentes (menores de 18 anos) fazem parte do seu agregado familiar (incluindo o próprio)? *

Marcar apenas uma oval.

0

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11. Já alguma vez investiu em algum produto financeiro? *

Marcar apenas uma oval.

- Nunca investi em produtos financeiros.
- Investi há menos de um ano.
- Investi entre 2 e 5 anos.
- Investi há mais de 5 anos.

12. Com que frequência realizou operações financeiras nos últimos 5 anos? *

Marcar apenas uma oval.

- Não realizei operações nos últimos 5 anos.
- Entre 1 e 4 operações por ano (uma/nenhuma por trimestre).
- Entre 5 e 20 operações por ano (2 a 5 vezes por trimestre).
- Opero com frequência (várias vezes por mês) em produtos financeiros.

Planeamento das
Finanças Pessoais

Supondo que toma decisões do dia-a-dia sobre
o seu dinheiro

13. Quem é responsável por tomar decisões do dia-a-dia sobre dinheiro, no seu agregado familiar? *

Marcar apenas uma oval.

- Toma as decisões sozinho/a
- Toma as decisões em conjunto com o seu cônjuge/companheiro/a
- Toma as decisões em conjunto com outra(as) pessoa(s)
- As decisões são tomadas por outra pessoa

14. Alguma das seguintes afirmações se aplica a si ou ao seu agregado familiar?

Marcar tudo o que for aplicável.

- Faz um plano para gerir o seu rendimento e as suas despesas
- Toma nota das suas despesas
- Tem por hábito separar o dinheiro para pagar contas, do dinheiro para os gastos do dia-a-dia
- Toma nota das contas que terá de pagar de forma a não se esquecer
- Utiliza a aplicação (app) do banco ou uma ferramenta de gestão de finanças pessoais para controlar as despesas
- Tem pagamentos automáticos para despesas regulares

15. No último ano realizou algumas destas formas de poupança? *

Marcar tudo o que for aplicável.

- Deixei na minha conta à ordem
- Coloquei o dinheiro numa conta de depósito a prazo
- Investi o dinheiro em obrigações
- Investi o dinheiro em ações ou fundos de investimento
- Investi o dinheiro em criptoativos (como moedas virtuais ou criptomoedas) ou ICOs
- Apliquei de outra forma (transferências para a família no exterior, compra de ouro, compra de propriedades, compra de objetos de arte, ...)
- Guardei o dinheiro em casa ou na minha carteira
- Dei o dinheiro à minha família para o poupar por mim
- Não poupei no último ano

16. Se hoje tivesse uma despesa inesperada de montante equivalente ao seu rendimento de um mês, conseguiria pagá-la sem pedir dinheiro emprestado, e sem pedir ajuda à família ou aos seus amigos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Não sabe (rendimento não é fixo ou certo)
- Não aplicável – não tem rendimento pessoal

17. Algumas pessoas estabelecem metas e objetivos financeiros como, por exemplo, comprar um carro, pagar as propinas da universidade ou pagar os empréstimos. Tem algum objetivo financeiro? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

18. Que iniciativas tomou para alcançar os seus objetivos financeiros? *

Se respondeu Não na questão anterior, favor responder -> Não tomou qualquer iniciativa

Marcar tudo o que for aplicável.

- Estabeleceu um plano financeiro
- Aumentou o pagamento do cartão de crédito ou de empréstimos
- Poupou ou investiu dinheiro
- Procurou outras fontes de rendimento
- Identificou uma forma de recorrer ao crédito
- Cortou nas despesas
- Não tomou qualquer iniciativa
- Outra: _____

19. Às vezes as pessoas chegam à conclusão que o seu rendimento não é suficiente para cobrir o seu custo de vida. No último ano essa situação aconteceu-lhe? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Não aplicável – não tem rendimento pessoal

20. Da última vez que isto lhe aconteceu, o que é que fez para resolver o problema?

Se respondeu Não na questão anterior avance esta questão

Marcar tudo o que for aplicável.

- Usei dinheiro das minhas poupanças
- Reduzi as despesas
- Vendi um bem que tinha
- Trabalhei mais tempo para ganhar mais dinheiro
- Pedi apoio financeiro ao Estado
- Pedi ajuda aos amigos e/ou família
- Pedi emprestado a familiares ou amigos
- Pedi à minha entidade patronal (ex: empréstimo, antecipação de salário,...)
- Penhorei bens
- Usei o crédito da minha conta ordenado/de uma linha de crédito que já possuía
- Usei o cartão de crédito para pagar despesas regulares ou levantar dinheiro (cash advance)
- Contraí um novo crédito junto de uma instituição financeira
- Fiz um crédito junto de outra entidade (informal)
- Fiquei com um descoberto na conta à ordem superior ao autorizado
- Paguei as minhas contas fora do prazo / não paguei as minhas contas
- Outra: _____

21. Se perdesse a sua principal fonte de rendimento, por quanto tempo * poderia cobrir as suas despesas, sem pedir dinheiro emprestado ou sem mudar de casa?

Marcar apenas uma oval.

- Menos de uma semana
- Pelo menos uma semana, mas menos de um mês
- Pelo menos um mês, mas menos de três meses
- Pelo menos três meses, mas menos de seis meses
- Mais de seis meses
- Não sabe
- Não aplicável – não tem rendimento pessoal

22. Diga-me, como se identifica com as seguintes afirmações apresentadas: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
Dá-me mais prazer gastar dinheiro do que poupar para o futuro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estou preparado para arriscar parte do meu dinheiro quando faço um investimento num produto financeiro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O dinheiro existe para ser gasto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estou satisfeito/a com a minha situação financeira atual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Controlo pessoalmente e sistematicamente as minhas finanças pessoais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Utilizo o telemóvel para fazer ou receber pagamentos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A minha situação financeira limita-me a possibilidade de fazer coisas que são importantes para mim	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fixo objetivos de poupança de longo prazo e faço tudo para os cumprir	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Neste momento tenho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**demasiadas
dívidas**

**Se pedir um
empréstimo sinto
a
responsabilidade
de o pagar**

23. Diga-me, como se identifica com as seguintes afirmações apresentadas: *

Marcar apenas uma oval por linha.

	1 - Discordo totalmente	2 - Discordo	3 - Nem concordo nem discordo	4 - Concordo	5 - Concordo totalmente	Não responde
O pagamento das minhas despesas correntes costuma preocupar-me	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As minhas finanças pessoais controlam a minha vida	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Antes de comprar qualquer coisa pondero com cuidado se posso suportar essa despesa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sobra-me dinheiro no fim do mês	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pago as minhas contas a tempo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tendo a comprar coisas de forma impulsiva	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

24. Diga-me, como se identifica com as seguintes afirmações apresentadas:

Marcar apenas uma oval por linha.

	1 - Discordo totalmente	2 - Discordo	3 - Nem concordo nem discordo	4 - Concordo	5 - Concordo totalmente	Não responde
Vivo para o presente e não me preocupo com o futuro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto que financeiramente estou apenas a manter-me	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Preocupa-me que o meu dinheiro não dure para sempre	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Por causa da minha situação financeira, sinto que nunca terei as coisas que quero	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

25. Como vai (ou está a) financiar a sua reforma? *

Marcar tudo o que for aplicável.

- Com os descontos para a segurança social ou outro regime contributivo obrigatório
- Através de um fundo de pensões constituído pela empresa onde trabalho
- Através de um plano de poupança reforma privado
- Através da venda de ativos financeiros que possuo (ações, obrigações, fundos de investimento,...)
- Através da venda de ativos não financeiros que possuo (carro, propriedades, arte, joias, antiguidades, ...)
- Através de rendimentos gerados por ativos financeiros ou não financeiros que possuo (rendas, juros, dividendos, ...)
- Com a ajuda do meu cônjuge/companheiro/a
- Com a ajuda dos meus filhos ou outros membros da família
- Através do dinheiro que poupei
- Com o rendimento de um negócio de que sou dono/a
- Não comecei ainda a financiar a minha reforma
- Outra: _____

06/02/23, 18:48

Qual O Teu Perfil De Risco

**Escolha e Gestão de
Produtos
Financeiros**

O próximo conjunto de questões refere-se a produtos e serviços financeiros. Não lhe iremos questionar saldos de contas ou outros valores. Estamos apenas interessados em saber a sua experiência na escolha e gestão de produtos e serviços financeiros.

26. Dos seguintes produtos financeiros, quais os que conhece? *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nunca ouviu falar	Já ouviu falar	Detém	Contratou nos últimos 2 anos
Depósitos à ordem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Depósitos a prazo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Certificados de aforro/Certificados do tesouro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Obrigações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fundos de investimento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Planos de poupança para a reforma (não considerar contribuições obrigatórias para a segurança social ou outros regimes contributivos obrigatórios)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Seguros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cartão de crédito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Descoberto bancário	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Crédito habitação ou créditos com garantia hipotecária	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outros créditos (ex: crédito pessoal, automóvel, lar)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Microcrédito (para financiamento profissional/comercia l)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
MBWay	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Criptoativos (como criptomoedas ou moeda virtual) ou ICOs	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Crowdfunding

27. Que fontes de informação considera que influenciaram mais a sua escolha desse produto? *

Marcar tudo o que for aplicável.

- Conselho no balcão da instituição onde adquiriu o produto
- Conselho de familiares/ amigos
- Conselho de entidades especializadas (que não a instituição onde adquiriu o produto)
- Recomendações em jornais e revistas da especialidade ou sites de comparação de produtos
- Informação recolhida no balcão da instituição (ex: folhetos desdobráveis, ...),
- Informação na internet
- Publicidade na TV, rádios, jornais, ...
- Experiência própria em aquisições anteriores
- Outra: _____

28. Antes de contratar um produto financeiro (ex. aplicações de poupança, investimentos, empréstimos, seguros...) lê a informação que a instituição lhe dá sobre as condições dos produtos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim, leio com muito detalhe
- Sim, leio, mas com pouco detalhe
- Não leio, confio no que o funcionário ao balcão me transmite oralmente
- Não leio, não dou muita importância

29. Lê os contratos dos produtos financeiros (e.g. aplicações de poupança, investimentos, empréstimos, seguros ...) que adquire? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim, leio com algum detalhe
- Sim, leio, mas com pouco detalhe
- Não leio, confio no que o funcionário ao balcão me transmite oralmente
- Não leio, não dou muita importância

Escolha e conhecimento das fontes de informação

30. Quais as fontes de informação a que habitualmente recorre quando pretende obter informações sobre produtos financeiros?

Marcar tudo o que for aplicável.

- Gestor de conta/bancário
- Intermediário financeiro/mediador de seguros
- Amigos/familiares/colegas
- Jornais da especialidade (em papel ou online)
- Outra imprensa (em papel ou online)
- Televisão/rádio
- Internet (exceto imprensa)
- Outra: _____

31. A que entidade recorreria, ou já recorreu, em caso de desacordo/desentendimento sobre um produto financeiro? *

Marcar tudo o que for aplicável.

- À entidade supervisora (Banco de Portugal, Comissão do Mercado de Valores Mobiliários ou Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões)
- Tribunais
- Associações de defesa dos consumidores (ex: Deco)
- Ministério da Finanças
- Outra: _____

32. A que entidade recorreria, ou já recorreu, em caso de impossibilidade de fazer face às prestações dos seus empréstimos? *

Marcar tudo o que for aplicável.

- Família
- Ao seu banco
- Banco de Portugal
- Associações de defesa dos consumidores (ex: Deco)
- Rede de Apoio ao Consumidor Endividado
- Ministério das Finanças
- Outra: _____

Compreensão financeira

As próximas questões são sobre os seus conhecimentos financeiros. As questões não estão desenhadas para o apanhar em falso, por isso, se achar que sabe a resposta, provavelmente é porque sabe. Se não souber a resposta, por favor, diga que não sabe.

33. Como avalia os seus conhecimentos financeiros *

Marcar apenas uma oval.

- Tenho poucos conhecimentos de mercados e produtos financeiros. Apenas conheço o funcionamento de produtos financeiros simples (contas correntes, depósitos, etc.)
- Conheço o funcionamento geral dos mercados e produtos financeiros. Compreendo como funcionam os produtos tradicionais (obrigações, fundos de investimento, ações cotadas, etc.).
- Tenho bons conhecimentos de mercados e produtos financeiros. Conheço o funcionamento de alguns produtos complexos (notes, certificados ou produtos estruturados, ações preferenciais, etc.).

34. Suponha que 5 irmãos recebem 1000 euros e que esse valor é distribuído igualmente por todos. Com quanto dinheiro fica cada um?

35. Suponha agora que os 5 irmãos têm de esperar um ano para receber a sua parte dos 1000 euros. Se a taxa de inflação for 2%, daqui a 1 ano vão conseguir comprar: *

Marcar apenas uma oval.

- Mais do que conseguiriam comprar hoje
- O mesmo do que conseguiriam comprar hoje
- Menos do que conseguiriam comprar hoje

36. Se emprestar 25 euros a um amigo e ele lhe devolver os 25 euros no dia seguinte, quanto é que ele pagou de juros?

37. Suponha que coloca 100 euros num depósito a prazo com uma taxa de juro anual de 2%. Quanto é que terá na conta ao fim de um ano? (Considere que não são cobradas comissões nem impostos)

38. E ao fim de 5 anos? (100 euros num depósito a prazo com taxa anual 2%)
(Considere que não são cobradas comissões nem impostos e que no fim de cada ano deixa o valor dos juros ficar nesse mesmo depósito a prazo)

Marcar apenas uma oval.

- Mais de 110 euros
- 110 euros
- Menos de 110 euros
- É impossível responder com a informação disponibilizada

39. Por favor diga se as seguintes afirmações são verdadeiras ou falsas

Marcar apenas uma oval por linha.

	Verdadeiro	Falso
Inflação elevada significa que o custo de vida sobe rapidamente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Um investimento com um elevado retorno tem geralmente associado um elevado risco	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Geralmente é possível reduzir o risco de investimento no mercado de capitais se compramos um conjunto diversificado de ações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

40. Classifique, na escala de 1 a 3, onde 1 (baixo), 2 (médio) e 3 (elevado), as seguintes aplicações financeiras por grau de risco, relativamente a reaver o dinheiro investido

Marcar apenas uma oval por linha.

	Baixo	Médio	Elevado	Não sabe
Ações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Obrigações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Certificados de aforro/Certificados do tesouro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fundos de investimento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Instrumentos financeiros derivados (ex: CFD, warrants, forex, swaps)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Planos de poupança reforma	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Depósitos a prazo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Perfil de Risco

41. Diga se as seguintes afirmações são Verdadeiras ou Falsas *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Verdadeiro	Falso	Não tenho a certeza
O risco de mercado representa o risco de um investidor sofrer perdas devido a fatores que afetam a evolução geral dos mercados financeiros em que este se insere.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O risco de taxa de juro é o risco de evolução da taxa de juro de referência e de tal poder originar custos a suportar pelo investidor.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O risco de liquidez em situações normais de mercado deve-se ao possível impacto no retorno final que ocorre quando a moeda de referência do cliente difere da moeda de referência do produto.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O risco cambial está	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

associado a instrumentos financeiros que não possuem mercado com negociação frequente e que podem apresentar dificuldade para venda antecipada.

O risco de crédito ou falta de pagamento deve-se à possibilidade do emiteente do produto não ter condições para cumprir as suas obrigações de pagamento ao abrigo do produto, como por exemplo em caso de insolvência.

A performance de um produto complexo depende da performance de outros ativos subjacentes.

42. Um Fundo de Investimento de Obrigações tem garantia de capital? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim, desde que a sociedade gestora do fundo não entre em incumprimento.
- Não

43. Uma ação é um título que representa *

Marcar apenas uma oval.

- ... uma parcela do capital social de uma empresa.
- ... uma parcela da dívida de uma empresa.

44. Uma obrigação é um título que tem capital garantido na sua maturidade? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim, caso o investidor aguarde pela data de maturidade da obrigação este será sempre reembolsado pelo capital em dívida.
- Não, o reembolso na maturidade está dependente do risco de crédito do emitente da obrigação.

45. Mantém-se informado sobre a evolução dos mercados e produtos financeiros? *

Marcar apenas uma oval.

- Nunca ou quase nunca.
- Ocasionalmente.
- Habitualmente.

46. Suponha que pretende investir 10.000 EUR num produto que apresenta risco de perda de capital. Este investimento será efetuado com recurso a crédito ao investimento, em que investe 5.000 EUR dos seus capitais próprios e os restantes 5.000 EUR são financiados pelo Banco. Qual a perda máxima que pode ter de suportar com esta operação? Escolha uma das opções abaixo. *

Marcar apenas uma oval.

- 0 EUR.
- 5.000 EUR.
- 10.000 EUR.

47. * Suponha que pretende investir 10.000 EUR num produto que apresenta *
risco de perda de capital.

Este investimento será efetuado com recurso a crédito ao investimento, em que investe 2.500 EUR dos seus capitais próprios e os restantes 7.500 EUR são financiados pelo Banco. Das afirmações seguintes, qual é a verdadeira?

Marcar apenas uma oval.

- Numa situação em que o investimento tenha um desempenho negativo, posso perder o montante dos capitais próprios investidos, ou seja 2.500 EUR.
- Numa situação em que o investimento tenha um desempenho negativo, posso perder a totalidade do montante investido, ou seja, 10.000 EUR (2.500 EUR correspondentes ao montante dos capitais próprios investidos acrescido de 7.500 EUR correspondentes ao montante financiado pelo Banco).

Experiência e frequência de seus investimentos. Experiência em financiamento para investir.

Indique quais os produtos em que já investiu em 2 ou mais ocasiões, durante os últimos 5 anos.

48. Investiu em algum produto financeiro nos últimos 5 anos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

49. Em que produtos investiu nos últimos 5 anos?

Marcar tudo o que for aplicável.

- Dívida pública
- Papel comercial (empresas)
- Fundos de Investimento ou ETF's não estruturados
- ETF's e Certificados complexos
- Planos de pensões
- Ações, participações ou certificados em entidades cotadas
- Obrigações high yield ou sem rating
- Obrigações convertíveis
- Ações preferenciais
- Ações; participações ou certificados em entidades não cotadas
- Derivados cotados (Direitos)
- Hedge funds ou Private Equity
- Criptomoedas

Situação Financeira e Objetivos de Investimento

Ultima parte do questionário, responda conscientemente para o perfil de risco ser o mais correto possível.

50. Que percentagem dos seus rendimentos é necessária para financiar os seus custos correntes? *

Marcar apenas uma oval.

- Mais de 75%.
- Entre 50% e 75%.
- Entre 25% e 50%.
- Menos de 25%.

51. Tendo em conta as suas expectativas de gastos e rendimentos futuros, que previsão tem sobre a sua capacidade de poupança familiar anual? *

Marcar apenas uma oval.

- Nenhuma ou pouca.
- Inferior a 15% do meu rendimento anual.
- Superior a 15% do meu rendimento anual.
- Depende de muitos fatores, é imprevisível.

52. Qual é o seu objetivo de investimento? *

Marcar apenas uma oval.

- Liquidez / Investimento a muito curto prazo.
- Rendas periódicas.
- Aforro a longo prazo, acumulação.
- Investimento ativo e com frequência.

53. Qual é o prazo médio desejado para os seus investimentos? *

Marcar apenas uma oval.

- Até 1 ano.
- Entre 1 e 2 anos.
- Entre 2 e 4 anos.
- Mais de 4 anos.
- Sem prazo definido.

54. Qual das seguintes descrições melhor se ajusta à sua preferência de risco e retorno? *

Marcar apenas uma oval.

- O que mais valorizo é a proteção sobre o capital investido.
- Estou disposto a aceitar algum risco limitado no meu investimento com o objetivo de maximizar o retorno.
- Considero taxa de retorno e risco fatores igualmente importantes.
- Pretendo obter a taxa de retorno a longo prazo mais elevada e estou disposto a tomar riscos mais elevados.

55. Como se comportaria face a desvalorizações acentuadas e generalizadas dos mercados? *

Marcar apenas uma oval.

- Venderia as posições imediatamente.
- Venderia uma parte das posições.
- Procuraria aconselhamento sobre que decisão tomar caso a caso.
- Não venderia as posições sabendo que no longo prazo poderia ganhar mais

56. Pretende receber por email o seu perfil de risco como investidor? (colocar o email se pretender)

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários